

UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU – FURB
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – CCE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

ALEXANDRA LUIZA LORGUS

**O TCC COMO REFLEXO DO LETRAMENTO ACADÊMICO DOS
ALUNOS DE GRADUAÇÃO EM DESIGN DA UNIVERSIDADE
REGIONAL DE BLUMENAU**

BLUMENAU

2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

ALEXANDRA LUIZA LORGUS

**O TCC COMO REFLEXO DO LETRAMENTO ACADÊMICO DOS
ALUNOS DE GRADUAÇÃO EM DESIGN DA UNIVERSIDADE
REGIONAL DE BLUMENAU**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação, ao Programa de Pós-graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, da Universidade Regional de Blumenau – FURB.

Orientadora: Prof.^a Dra. Otilia Lizete de Oliveira Martins Heinig

BLUMENAU

2009

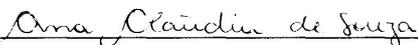
ALEXANDRA LUIZA LORGUS

O TCC COMO REFLEXO DO LETRAMENTO ACADÊMICO DOS ALUNOS DE GRADUAÇÃO EM DESIGN DA UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU

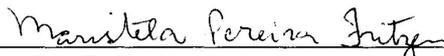
Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre no PPGE/ME - Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado em Educação na Universidade Regional de Blumenau - FURB, pela comissão formada pelos professores:



Prof(a). Dr(a). Otilia Lizete de Oliveira Martins Heinig – FURB
Orientador(a)



Prof(a). Dr(a). Ana Cláudia de Souza – UFSC
Examinador(a)



Prof(a). Dr(a). Maristela Pereira Fritzen – FURB
Examinador(a)

Blumenau, 11 de fevereiro de 2009.

À Clarisse, minha companheira para toda vida, que me ensina dia-a-dia a ser uma pessoa melhor com seu exemplo de idoneidade, profissionalismo e competência.

Agradecimentos

Meus dizeres, nesta pesquisa são povoados por muitas vozes, que por vezes se expressaram em gestos, em palavras ou em silêncios. A experiência de minha constituição como pesquisadora, através destas muitas vozes, trouxe para o meu cotidiano a experiência vívida do dialogismo. Assim, é imprescindível registrar meu agradecimento a estas múltiplas vozes, que contribuíram sobremaneira para a realização deste trabalho.

Agradeço profundamente à Clarisse, pelo carinho, pelas palavras de incentivo, por me ouvir sempre e tanto e principalmente, por acreditar em meu potencial. Sem este apoio, nada disso teria sido possível.

Muito obrigada professora Otilia, que em um momento crucial desta caminhada estendeu sua mão e soube me guiar de forma firme, mas delicada e compreensiva. Suas palavras e seus silêncios são exemplos para mim.

Meu sincero agradecimento ao amigo e professor Osmar, que com suas contribuições durante as aulas, tornaram esta experiência ainda mais rica.

À professora Roselie, coordenadora do curso de Design da FURB, que transmutou chumbo em ouro, fazendo com que meu olhar para o mundo se transformasse a partir do Design. Antes da professora, obrigada à amiga de sempre.

Aos alunos do curso de Design, especialmente aqueles com quem interagi no estágio de prática docente, que contribuíram muito para a minha compreensão acerca de seu universo. Vocês são, sem dúvida, especiais.

Agradeço ao grupo da linha de pesquisa Discurso e Práticas Educativas pela acolhida, pela amizade, pelas discussões e leituras valorosas.

Na pessoa dos professores Otilia, Maristela e Osmar, agradeço a todos os docentes do PPGE que contribuíram para a realização desta pesquisa.

Um agradecimento especial aos meus colegas de ambulatório, em especial ao Dr. Sérgio Schaffer, Valcir, Marla, Tatiana e, muito carinhosamente, à Elisa.

Obrigada às secretárias Miria e Arlei, pela disponibilidade, bom humor e atenção dispensados.

Agradeço a CAPES pelo apoio e incentivo através da bolsa concedida para realização deste trabalho.

Alquimia
Efigênia Coutinho

O segredo Alquímico vem no ritmo
interior que o anima consciente do
vôo, mas abstraído onde a consciência,
apenas ganha o espaço ao encontro
do número com a alma...

Os mais imprecisos, afoitos, se despencam pelos
vãos multifários, quando o segredo permanece
em clausura alimentado-se do espaço dentro do
espaço em que repousa no interior de cada coisa...

Longe estou, curvo-me às paisagens claras
circundantes, entrelaçando-se por sons
harpejantes duma lira esticada à 'bout des nerfs'.
Adentro neste labirinto, que audácia encobre
qualquer Alquimia á prova de um SOL renascente!

Aproximei meu rosto do silêncio, espectro
equânime do meu sonho inverso, dentro o Fogo.
Tenho que partir ir ao encontro do dia joeirado.

RESUMO

A realização do trabalho de revisão dos TCCs do curso de Design da Universidade Regional de Blumenau suscitou a realização desta pesquisa. Compreender como os TCCs refletem o letramento acadêmico dos alunos de graduação em Design é o objetivo geral desta pesquisa, desenvolvida na linha “Discurso e práticas educativas” do programa de Mestrado em Educação da FURB. Trata-se de uma pesquisa documental, que também possui o caráter de estudo de caso, cujo *corpus* se constitui de oito TCCs do curso de Design da referida instituição, que busca a compreensão dos discursos que permeiam os textos estudados, pelo viés da Teoria da Enunciação, de Bakhtin (2003/2006), realizando uma intersecção com os Novos Estudos do Letramento, fundamentados em Street(1995), Gee(2006), Soares (2003), e outros, e como as práticas de letramento se refletem nos textos produzidos pelos alunos, para o TCC. Estes textos analisados refletem sentidos discursivamente semelhantes, quanto à compreensão dos alunos acerca do sentido do TCC e de como a escrita instrumentaliza e materializa a afirmação de sua competência para atuar na área do Design, através da apresentação do TCC. As regularidades apreendidas apontam para formas enunciativas que se repetem, relacionadas ao destaque e influência do Design nas diversas áreas envolvidas na projeção e produção de produtos, a utilização de elementos modalizadores e da metalinguagem própria do Design. Conclui-se que o letramento acadêmico, considerado sob a ótica desta pesquisa, reflete-se na forma como os alunos compreendem o TCC como gênero pertencente ao campo acadêmico. Das regularidades discursivas concluiu-se pela preponderância do que denominamos de letramento profissiográfico. Nesse sentido, a pesquisa é um convite a explorar um grande laboratório, onde a alquimia das palavras revela uma linguagem socialmente constituída pela ideologia do cotidiano, que pode transmutar chumbo em ouro.

Palavras-chave: Linguagem. Letramento acadêmico. TCC. Design.

ABSTRACT

The completion of the work of revising the TCCs Course Design at the University of Blumenau raised the achievement of this research. Understanding how the TCCs reflect the academic literacy of students for graduation in Design is the general aim of this research, developed in the research line “Speech and educational practices” of the program of Master of Education of FURB. This is a case study that has the *corpus* eight TCCs of the Design course of the institution and seeks to understand the discourse that permeate the texts studied, the bias of the Theory of Enunciation, of Bakhtin(2003/2006), performing and intersection with the New Studies of Literacy, based in Street(1995), Gee(2006), Soares(2003), and others, and how these practices are reflected in the texts produced by students for TCC. These texts reflect analyzed discursively similar meanings, in the understanding of students about the meaning of the TCC and how the writing implement and materialize the affirmation of their competence to act in the field of Design, through the submission of the TCC. The regularities appears to suggest ways enunciatively that are repeated in relation to the prominence and influence the Design in different areas involved in the projection and production of products and the use of the Design metalanguage. It was concluded that the academic literacy, considered from the viewpoint of this research, is reflected in how the students understand the TCC as an gender belonging to the academic field. Regularities of the discourse that there is a preponderance of what we call the professional literacy. In that sense, this research is a invitation to explore a vast laboratory, where the alchemy of words reveals a language socially constituted by the ideology of daily life, which can transmute lead to gold.

Key-words: Language. Academic literacy. TCC. Design.

Lista de quadros

Quadro 1 – Distribuição dos TCCs analisados por tema e ano de conclusão e defesa.....	21
Quadro 2 – Formas enunciativas de base que se repetem: introduções.....	57
Quadro 3 – Formas enunciativas de base que se repetem: conclusões.....	61

Lista de Anexos

Anexo 1- PPP do curso de Design da Furb	87
Anexo 2 -Elementos textuais analisados	90
Introdução e conclusão: Trabalho 1.....	91
Introdução e conclusão: Trabalho 2.....	98
Introdução e conclusão: Trabalho 3.....	104
Introdução e conclusão: Trabalho 4.....	111
Introdução e Conclusão: Trabalho 5.....	124
Introdução e conclusão: Trabalho 6.....	135
Introdução e conclusão: Trabalho 7.....	142
Introdução e conclusão: Trabalho 8.....	149
Anexo 3 - Resolução 104/02	157

Sumário

Capítulo I - Um grande laboratório a ser explorado	14
Capítulo II- Ensaios, combinações, reagentes: a metodologia	19
2.1 A Pesquisa	19
2.2 O Corpus.....	20
2.2.1 Breve histórico do Design	23
2.3 O TCC na Universidade Regional de Blumenau.....	24
Capítulo III – Interloquções alquímicas.....	28
3.1 Universidade e Educação Superior	28
3.2 A escrita no ensino superior	33
Capítulo IV – A Pedra Filosofal: a linguagem	36
4.1 O Letramento – palavras iniciais	36
4.2 O modelo autônomo de letramento.....	38
4.3 O modelo ideológico de letramento	39
4.4 A compreensão de letramento acadêmico	41
4.5 A Teoria da Enunciação de Bakhtin.....	43
4.5.1 O Enunciado	43
4.5.2 A Compreensão do conceito de campo em Bakhtin.....	45
4.5.3 Os gêneros discursivos	46
4.5.3.1 Gêneros primários e secundários.....	47
4.5.4 O TCC como gênero discursivo.....	49
4.5.5 Os Conceitos de TCC.....	51
Capítulo V – O conjunto surpreendente das reações	54
5.1 Fundamentos da análise	54
5.2 A introdução e conclusão nos TCCs de Design.....	56
5.3 A imagem de si: “o designer”	64

5.4 Mecanismos de adequação	68
5.5 O designer “deve” e “é”	70
5.6 O discurso generalista.....	74
5.7 Os discursos e uma analogia.....	75
Capítulo VI - Transmutando chumbo em ouro.....	77
6.1 Considerações (nunca finais)	77
Referências	83
Anexos	87

Capítulo I - Um grande laboratório a ser explorado

Este trabalho tem como palavras-chave o letramento acadêmico, a linguagem, e o TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) no curso de Design. Apropriamo-nos do simbólico para convidar o leitor a acompanhar este caminhar, contextualizando o ato de educar e transformar pela pesquisa como um processo alquímico. Nesta dissertação, adentramos, a partir de então, em um grande laboratório a ser explorado, compartilhando ensaios, combinações, envolvendo-nos em interlocuções alquímicas para, por fim, participar do conjunto surpreendente de reações e descobertas a que esta pesquisa se propõe: clarificar, pela alquimia do percebido e compreendido que se revela e transcende através das palavras, minha alquimia.

A sociedade do conhecimento, que se configura na revolução tecnológica e científica vivenciada na contemporaneidade, encontra terreno fértil no despertar para a ciência que acontece nos meios universitários. O trabalho produzido no meio acadêmico é um dos passos para a produção de conhecimento novo ou aprimoramento dos conceitos e soluções já desenvolvidas. O conhecimento, para que possa se realizar em seu fim último, de contribuição com o bem estar e desenvolvimento da sociedade, necessita de uma expressão de seus conceitos, daquilo que há de essencial nas idéias. A expressão encontra sua representação nos trabalhos acadêmicos, dentro de suas mais variadas formas: artigos, resenhas, trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses, entre outros.

Dentro do contexto de levar o acadêmico a agregar conhecimento ao conteúdo que já foi processado durante os anos do ensino de graduação, existe a proposta de elaboração TCC, que objetiva refletir, dentro de uma lógica metodológica, a expressão do conhecimento adquirido durante a trajetória do acadêmico no Ensino Superior. A proposta do TCC, contida nas diretrizes gerais para os cursos de graduação e que abrange grande maioria dos cursos, instigou a realização desta pesquisa.

O primeiro contato desta pesquisadora com os TCCs do curso de Design foi como revisora de língua portuguesa; tal fato despertou a inquietação por saber que tipos

de conhecimento esses trabalhos agregam ao acadêmico e ao mundo científico. Este questionamento, um tanto que panorâmico, mostrou-se inconsistente: não havia, naquele momento, a percepção clara do que os autores dos TCCs procuravam demonstrar e que conhecimentos procuravam socializar.

Após um olhar mais profundo acerca do tema, o motivo dessa inquietação começou a aparecer com maior nitidez: antes de apreender quais os conhecimentos produzidos ou agregados pela realização do TCC, a primeira intenção seria descobrir se estes trabalhos refletem esse conhecimento através da sua materialização lingüística, que se dá através da utilização do instrumento da escrita, em sua função social.

Com essa questão mais definida, partimos em busca de subsídios e estudos acerca desta problemática. Procurando saber sobre os TCCs, encontramos a dissertação de Oliveira (2003), que trata da concepção que os egressos do curso de Pedagogia têm acerca da contribuição do TCC. Este trabalho revela que a precariedade na educação primária científica é um dos principais obstáculos para a compreensão e elaboração do TCC, o que traz como consequência a dificuldade em perceber a relevância da pesquisa no exercício da função docente. O trabalho de Pegollo e Shiga (2001) faz um relato sobre a importância da elaboração do TCC para o aperfeiçoamento da *performance* profissional dos engenheiros, concluindo que, além da qualidade técnica, o TCC propicia uma avaliação do aspecto comportamental do aluno. Isso corroborado pelo estudo de temas sempre atuais, o incentivo à realização de pesquisa e a otimização do desempenho pessoal, através da oportunidade de desenvolver uma atividade multidisciplinar, dentro de uma visão globalizada e um senso crítico e de crítica. Os pressupostos citados se encontram circunscritos na oportunidade de elaboração do TCC. Na perspectiva do convencimento da importância da realização do TCC, Martins (2001), em sua tese, trata do TCC como uma expressão de construção do conhecimento e formação profissional, analisando-o como um processo integrador na formação profissional e como um processo reflexivo que vai além do cumprimento de exigências formais. A autora considera a elaboração do TCC importante para a construção do conhecimento, para o descortinar de possibilidades no trato investigativo-metodológico e no desenvolvimento real de pessoas e propostas, por ser o TCC um processo integrador, que permite sistematizar vivências, sentimentos, teorias, conflitos, em um movimento de retorno e reflexão.

Uma vez convencidos, como pesquisadores, de que o TCC traz consigo a relevância de sua elaboração defendida em muitos dos trabalhos relativos ao tema, aprofundamo-nos na questão que ainda continuava a inquietar: a dificuldade dos acadêmicos em materializar a construção de conhecimento que o TCC deve propiciar e traduzir, no momento da escrita. Buscamos apoio em trabalhos construídos acerca do letramento e, mais precisamente, do letramento acadêmico. Uma de nossas primeiras incursões foi o trabalho de Silva (2008), que possibilitou situar a pesquisadora quanto às origens, o contexto, o histórico e as características das práticas de letramento. Goulart (2006) completa esta incursão, abordando o letramento, em sua investigação de como os modos de ser letrado se constituem no espaço familiar e educativo, considerando a participação em eventos de letramento. A autora dá os primeiros sinais da relação do letramento com conceitos de Bakhtin, tais como linguagens sociais, gêneros de discurso e heteroglossia. Fischer (2007) disserta sobre as práticas do letramento e sobre o letramento acadêmico, salientando a importância de conduzir as práticas de letramento a partir das experiências sociais dos alunos, aperfeiçoando-as, resgatando a heterogeneidade do meio acadêmico como solo fértil para propostas. Torres (2006) trata, em sua pesquisa, da promoção do letramento acadêmico, que parte do trabalho com a leitura até o “processo de composição textual”. A autora se refere à dificuldade dos alunos em manter um eixo temático coerente e em compreender conceitos fundamentais ao desenvolvimento de sua pesquisa. Essas dificuldades implicam uma argumentação deficitária, culminando no fato de que os alunos expressam-se mal quando da utilização da escrita como instrumento para a comunicação.

As leituras, apesar de circularem por diferentes meios e terem como ponto de partida questionamentos dos mais diversos, levaram a compreender a relevância desta pesquisa: o uso da escrita, dentro de sua função social, é, de um lado, *conditio sine qua non* para que o indivíduo insira-se na sociedade do conhecimento e da informação, atinja suas metas pessoais, elabore de forma eficiente seu conhecimento e desenvolva seu potencial. De outro lado, estudos como este fornecem subsídios para que as instituições de ensino superior objetivem cada vez mais que seus alunos atinjam um nível mínimo de proficiência, aqui no sentido de proficiência na elaboração dos trabalhos acadêmicos, trazendo como consequência uma qualidade que traduz a excelência pretendida no ensino ministrado. Verificar como o uso da escrita em sua função social se reflete nos TCCs, possibilita compreender como a escrita

instrumentaliza a socialização do conhecimento produzido ou agregado. Este estudo é uma interface necessária entre instituição e acadêmico, para que os objetivos, particulares a cada um e comuns a ambos, sejam exequíveis e alcançados. Há a necessidade de, antes de olhar para o cientista, olhar para o cidadão; através da socialização dos conhecimentos produzidos e agregados durante sua formação, é que se torna possível a manifestação das conseqüências adjacentes de transformação social. A compreensão do letramento de determinado grupo social demonstra sua importância por se tratar de um dos principais indicadores básicos de progresso desses sujeitos; são índices de extrema utilidade quando utilizados para fins comparativos em determinado momento histórico, revelando tendências e perspectivas e, ao mesmo tempo, segundo Soares (2003), são imprescindíveis para a elaboração de políticas, planejamento, implementação e controle de programas de ensino.

Com fundamento nas justificativas apresentadas, o passo seguinte foi a delimitação precisa da pergunta de partida deste trabalho: *como os Trabalhos de Conclusão de Curso têm refletido o letramento acadêmico dos alunos de graduação em Design na Universidade Regional de Blumenau (FURB)?*

Nesta pesquisa, o letramento acadêmico é compreendido com base nos Novos Estudos do Letramento, como aquele que se expressa pela manifestação das habilidades letradas, construídas de acordo com a área de conhecimento específica de formação no meio acadêmico, associadas à estrutura de valores que as sustenta e ao reflexo de sua aplicabilidade prática, no momento de expressar o conhecimento construído ou agregado.

Para alcançar esta compreensão, estabelecemos como objetivo geral de nosso trabalho analisar os TCCs, compreendendo como o letramento acadêmico dos graduandos em Design da Universidade Regional de Blumenau – FURB é refletido nas teias discursivas ali contidas. Para alcançar este objetivo, foi necessário pontuar conceitos específicos a serem compreendidos, como: situar a universidade e o ensino superior como ambiente de pesquisa, desvelar o conceito de letramento, letramento autônomo e letramento ideológico, e letramento acadêmico; compreender o TCC como gênero discursivo pertencente ao campo acadêmico, à luz da teoria da Enunciação, para, a seguir, perceber como o autor se expressa pela habilidade de leitura e escrita imbuídas de sua função social.

A pesquisa foi desenvolvida dentro da seguinte proposta: i) após a apresentação do tema desta pesquisa, sua justificativa e explanação de sua pergunta de partida e seus objetivos, ii) tratamos dos passos metodológicos adotados, delineando viéses empregados neste trabalho. iii) É, então, realizada uma panorâmica acerca do Ensino Superior e universidades, procurando situar o leitor dentro do contexto em que a pesquisa se desenvolve para, a seguir, iv) realizar a revisão da literatura que aborda a compreensão do conceito de letramento dentro do campo acadêmico. v) Na seqüência, foi feito o estudo dos conceitos bakhtinianos de enunciado, tema, campo e gêneros discursivos, para contextualizar o TCC como um gênero discursivo e conceituá-lo. vi) O item seguinte constitui-se da análise dos dados, para então tecermos as considerações (nunca) finais.

Capítulo II- Ensaios, combinações, reagentes: a metodologia

Neste capítulo, serão expostos os vieses metodológicos adotados para esta pesquisa, delineando o caminho percorrido: identificação do tipo de pesquisa, seu *corpus*, os critérios adotados para sua seleção e como o TCC é regulamentado dentro da Universidade Regional de Blumenau.

2.1 A Pesquisa

Rigor e criatividade! Eis duas palavras que não temos o hábito de ver em conjunto. E, no entanto [...] a imaginação suporta muito bem a disciplina; a criatividade chega a alimentar-se de um rigor que não a enclausura, mas que a enquadra (BRABANDERE, 1998).

O levantamento, a organização, a construção da fundamentação e análise de dados que constituem este trabalho permitem sua identificação e contextualização como pesquisa que obedece aos pressupostos da pesquisa qualitativa em educação, de caráter documental; qualitativa, pois retrata interpretações de realidades sociais.

Segundo Bogdan e Biklen (1994), a pesquisa qualitativa é descritiva e tem como fonte direta dos dados o ambiente natural, havendo um interesse centrado no processo, em detrimento a resultados e produtos. A análise, na pesquisa qualitativa, ocorre de forma indutiva, na qual o significado tem importância vital na abordagem. É uma pesquisa documental, pois seu método de recolha e verificação de dados, que visa acesso a fontes escritas, faz parte da heurística desta investigação, pois se trata de um trabalho que procura analisar os TCCs, de forma a refletir sobre como o escrever exerce sua função social no momento da elaboração do trabalho final do curso de graduação em Design.

Especificamente optou-se pelo curso de Design, pelo fato de este estar diretamente ligado ao desenvolvimento tecnológico e sócio-econômico de uma população. É um campo do saber que se constitui por práticas visuais, que se vale do desenho e de elementos que geram uma rede própria de significados: uma estrutura

semântica utilizada e manipulada pelo Design, que estabelece os discursos. O desafio é identificar esses discursos e suas entrelinhas, compreendendo como são materializados na escrita.

A partir deste momento, esta pesquisa passa a caracterizar-se também como um estudo de caso, que “consiste na observação detalhada de um contexto ou indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico” (MERRIAM, 1988, *apud* Bogdan e Biklen, 1994, p. 89). Na função de pesquisadores, estamos na posição de sobredestinatário: não um *tu*, mas um *ele*, pois “um autor não pode entregar toda sua produção verbal a uma escuta atual ou próxima” (AMORIM, 2004 p. 116); exercemos, pois, a função de analisar os TCCs, buscando na palavra aquilo que não permite seu estancamento numa imediatez infecunda, mas sim a palavra que, na enunciação, gera a atitude responsiva para um além ilimitado. E esta possibilidade necessita da escuta investigativa, cujos alicerces são os princípios do dialogismo. Durante esta pesquisa, para que possamos perceber as entrelinhas situamo-nos, conforme o pensamento bakhtiniano, no “universo silencioso que é a escrita” (AMORIM, 2004 p. 117); para que as vozes do texto sejam ouvidas, é necessário o silêncio do autor e de seus destinatários reais ou primeiros. Segundo MORAES (2007 p. 17), “os textos não carregam um significado a ser apenas identificado; trazem significantes exigindo que o leitor ou pesquisador construa significados a partir de suas teorias ou pontos de vista”. A partir de então, o pesquisador assume o papel de autor das interpretações que constrói a partir dos textos que analisa, num exercício de hermenêutica que não desconsidera nunca o outro pólo: o autor do texto original.

2.2 O Corpus

O *corpus* desta pesquisa foi elaborado obedecendo às etapas da construção do *corpus* nas ciências sociais, cujos passos compreendem, segundo Bauer e Gaskell (2000), a seleção preliminar do objeto, a análise da variedade e a ampliação deste *corpus* até que não se descubram variedades, ou seja, “selecionar, analisar, selecionar de novo” (BAUER & GASKELL, 2000 p. 55), para, então, encontrar o conceito de saturação, de critério de finalização, quando, mesmo com a inclusão de novos estratos nada mais se acrescenta de novo ao trabalho de pesquisa.

A seleção dos objetos desta pesquisa obedeceu aos seguintes critérios: o universo constituiu-se dos TCCs do segundo semestre do ano de 2006 e primeiro e

segundo semestres de 2007, que compreendem os primeiros TCCs defendidos no curso de Design, um curso novo, que iniciou suas atividades em 24/02/2003, autorizado pela Resolução nº 82/2002 e reconhecido pelo decreto estadual SC 659 de 25/09/2007. Foi realizada a seleção de oito trabalhos, que apresentavam nota igual ou superior a nove (9,0)¹, procurando pelos trabalhos que atendam aos objetivos do curso, previstos no projeto político-pedagógico (PPP) do curso de Design (Anexo 1), ou seja, que sejam voltados para a função social do Design, procurando demonstrar capacitação técnico-científica de projetar objetos e sistemas adequados às necessidades do usuário bem como suas possibilidades de produção industrial, numa interdimensionalidade que envolve a ergonomia, tecnologia, economia e características sociais, culturais e estéticas. Esta seleção encontra-se distribuída conforme o quadro abaixo:

Trabalho	Título	Ano de Conclusão/Defesa
Trabalho 1	Do lixo ao luxo: desenvolvimento de produtos ambientalmente corretos através do reaproveitamento de resíduos sólidos	2006
Trabalho 2	Carteira Mágica: incentivo às crianças aprender brincando	2006
Trabalho 3	Caixa Reader RFID para controle de acesso de pessoas	2006
Trabalho 4	Eco-Design: pesquisa e desenvolvimento de mobiliário	2007
Trabalho 5	O emprego da flexibilidade ao mobiliário	2007
Trabalho 6	Aplicação de fibras naturais em luminárias decorativas	2007
Trabalho 7	Sistema modular de mobiliário elaborado com resíduos industriais	2007
Trabalho 8	Design e biônica: armário para campismo	2007

Quadro 1 – Distribuição dos TCCs analisados por tema e ano de conclusão e defesa.

Fonte: a autora

¹ A nota igual ou superior a 9,0 (nove) foi utilizada como critério de corte devido ao fato de que o foco da pesquisa é o letramento acadêmico, sob a ótica ideológica, e não o letramento autônomo.

Após a realização dessa seleção, procedeu-se à leitura dos TCCs para encontrar pistas que conduzissem a partes do trabalho que apresentam uma forma composicional típica desse gênero acadêmico. Optou-se então pela introdução e conclusão dos trabalhos (Anexo 2).

Academicamente, de acordo com Souza (2007, p. 82), a introdução do TCC é o elemento textual que especifica o propósito e o alcance do trabalho, como “uma apresentação resumida daquilo que o leitor encontrará mais à frente”. Da introdução constam geralmente o tema, a pergunta de pesquisa, o objetivo geral, os objetivos específicos, a delimitação do tema e a justificativa.

Já a conclusão, segundo Souza (op. cit. p. 83) é a descrição dos principais argumentos utilizados, na intersecção entre a fundamentação teórica e os resultados da pesquisa. O autor aponta que a conclusão dos trabalhos deve ser breve, exata e sucinta, correspondendo aos objetivos ou hipóteses. A opção pela análise das introduções e conclusões tem como propósito, neste trabalho, identificar, através dos itens que constituem esses elementos textuais, pistas que levem a depreender qual a compreensão dos alunos acerca do TCC; é no momento de escrever a introdução do trabalho que os alunos devem deixar clara sua pergunta de pesquisa, seus objetivos, sua metodologia. Na conclusão, refletem o que consideram como principal resultado de seu trabalho. É através da análise desses elementos que procuramos perceber de que forma o letramento acadêmico acontece na formação desses alunos. Da introdução e conclusão dos TCCs selecionados, após novas leituras, foram extraídos os excertos objeto da análise desta pesquisa.

Assim, o percurso metodológico se fundamentou nos critérios que são úteis para a pesquisa qualitativa: relevância, homogeneidade e sincronicidade. (BAUER&GASKELL, 2000): a seleção realizada apresenta-se teoricamente relevante, porque permite analisar os discursos contidos nos TCCs, ao mesmo tempo em que é observada sob um determinado ponto de vista: o PPP do curso. Os TCCs são homogêneos no que se refere à sua substância material, ou seja, apresentam conformidade quanto à sua composição e, como recorte histórico, os dados recolhidos estão incluídos em um mesmo ciclo histórico, em sincronicidade que, segundo Bauer e Gaskell (2000, p. 512), “é o princípio da construção do *corpus* de acordo com o qual os textos e outros materiais devem ser selecionados dentro de um único ciclo de mudança”.

O Design tem peculiaridades, principalmente em relação à forma como expressa suas significações e sentidos: a ambivalência entre o racionalismo científico e a estética é um lado de uma mesma moeda, cujo reverso é a intuição e o insight criativo que encontram completude na verificação pela lógica. Como esta pesquisa tem seu foco no curso de Design, é apresentado um breve histórico deste campo do saber, para uma melhor contextualização do universo estudado.

2.2.1 Breve histórico do Design

O Design surgiu como necessidade imposta pela Revolução Industrial e, segundo D'Ávila (2008), é um campo multidisciplinar que possui uma origem híbrida, marcado pelo antagonismo e ambivalência do racionalismo científico frente às concepções estético-emocionais próprias do fazer - artístico. Como campo de saber multifacetado e como produtor de mensagens e objetos, o Design tem, na linguagem, o elemento articulador entre seus conceitos, teorias e práticas, podendo, em uma contrapartida, ter sua produção analisada sob a ótica desse mesmo elemento.

O Design tem sua origem na *Staatliches Bauhaus*, escola alemã fundada em 1919, surgida após a Primeira Guerra Mundial, dentro dos movimentos artísticos vanguardistas. Após a Segunda Grande Guerra, o artista e designer, formado pela *Bauhaus*, Max Bill idealizou, em 1952, juntamente com Inge Aicher-Scholl e Otl Aicher a *Hochschule für Gestaltung Ulm*, que marcou a história do Design pela maneira como formou o pensamento dos designers e como esse pensamento repercutiu na construção do Design a partir da segunda metade do século XX. No Brasil foi criada a ESDI (Escola Superior de Desenho Industrial) no início da década de sessenta, que passou a ser referência na institucionalização do Design no Brasil. O termo Design passou a ser utilizado em substituição a desenho industrial após a “Carta de Canasvieiras”, documento nunca editado formalmente, que possibilitou a criação da Associação Brasileira de Ensino do Design (ABED), em 1988 chamada Associação do Ensino do Design no Brasil (AEnD-Br).

Segundo o Projeto Político Pedagógico do curso de Design (FURB, 2007), o perfil do profissional do Design requer competência criativa, sensibilidade às necessidades humanas e capacidade de estabelecer e articular novos conceitos relacionados à concepção do produto, às habilidades do designer e às variadas maneiras do consumidor agir e necessitar. Esses conceitos dialogam intermitente e

interdisciplinarmente durante o curso de graduação, e encontram seu momento de expressão na elaboração do TCC.

O curso de Design, habilitação em projeto de produto, é um dos trinta e nove cursos de graduação oferecidos pela Universidade Regional de Blumenau - FURB, e um dos nove cursos pertencentes ao Centro de Ciências Tecnológicas.

Compreendido no contexto da Universidade Regional de Blumenau, o curso de Design também está submetido às normativas que conduzem o processo de elaboração e avaliação dos TCCs. O próximo item apresenta a Resolução que trata dos TCCs na Universidade, aponta seus principais objetivos e quais os critérios adotados para avaliação dos trabalhos escritos.

2.3 O TCC na Universidade Regional de Blumenau

Na Universidade Regional de Blumenau, a Resolução que normatiza o TCC é a 104/02 (Anexo 3), que estabelece que o TCC é uma atividade obrigatória, quando constante da grade curricular, que deve abordar temas de estudo relacionados ao Projeto Político Pedagógico do curso e às linhas de pesquisa da área de formação. Poderá ser desenvolvido individualmente ou em duplas, sob a orientação de um professor aprovado pelo departamento em que estiver lotado. A referida Resolução aponta como objetivo geral do TCC “possibilitar ao acadêmico o desenvolvimento de sua capacidade intelectual, científica e criativa” (art. 2º, Res. 104/02), o que será avaliado por banca examinadora presidida pelo professor-orientador e demais componentes aprovados pelo coordenador de TCC. Essa banca avalia o trabalho entregue e a apresentação pública, sendo que a nota final se constitui da média aritmética simples das notas atribuídas individualmente pelos membros da banca.

O art. 2º da referida Resolução merece especial atenção: aponta como objetivos da elaboração do TCC o desenvolvimento da capacidade intelectual, científica e criativa. A palavra capacidade, que tem origem na expressão latina *capacitas*, segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001, p.606), é sinônima de “potencial para conter, acomodar ou guardar algo; poder de produção, rendimento máximo, habilidade física ou mental de um indivíduo”. Já o vocábulo intelectual, etimologicamente derivado de *intellecualis*, é compreendido como “relativo ao exercício do intelecto ou que o requeira; em que a inteligência ou raciocínio desempenham papel preponderante

ou excessivo” (*op. cit.* p.1630) Ao analisar a construção “capacidade intelectual”, surge o questionamento: será a elaboração do TCC o momento de construir a aptidão e competência que se caracterizam pelos dotes da inteligência mental? Nesta pesquisa, compreende-se a construção do TCC como a oportunidade que o acadêmico encontra de despertar as suas capacidades já desenvolvidas durante a graduação e aplicá-las na elaboração do trabalho, concomitantemente à expressão do espírito científico que deve permear todas as atividades desenvolvidas durante os anos de graduação. No mesmo sentido, acontece com o desenvolvimento do espírito crítico: elaborar um texto acadêmico de conclusão de curso oferece a oportunidade de exercitar a criticidade, procurando a relevância das questões de pesquisa, contribuindo com a comunidade científica e com o meio em que o acadêmico se encontra inserido.

O regulamento do TCC para o curso de Design prevê que o trabalho seja realizado individualmente; seu objetivo final é a projeção e construção do protótipo do produto idealizado pelo aluno, bem como a apresentação do trabalho escrito. A disciplina TCC é dividida em dois semestres: TCC I, na qual é desenvolvido o projeto do TCC e TCC II, em que acontece o processo de orientação propriamente dita, de fundamentação teórica e desenvolvimento do produto. A disciplina TCC I prevê a defesa pública do projeto de trabalho, com escolha do professor orientador para o semestre seguinte. Em TCC II, os alunos apresentam o andamento de seus trabalhos em um seminário realizado no meio do semestre, oportunidade que têm para escolher a banca responsável pela avaliação do TCC, que ocorre no final do semestre.

Todo o exercício intelectual que envolve a elaboração do TCC encontra também, na Resolução 104/02, os critérios para sua avaliação. Como o foco desta pesquisa é o letramento acadêmico refletido na escrita do TCC, apontamos os itens constantes do art. 21 da referida Resolução, que tratam especificamente dos critérios de avaliação dos trabalhos escritos. São eles:

1. A escolha e relevância do tema, que se refira à pertinência do tema em relação ao curso e sua relevância como trabalho de pesquisa que agrega ou constrói conhecimento;
2. O desenvolvimento lógico, claro, preciso de raciocínio na contextualização do tema e fundamentação teórica, relacionamento teoria-prática; capacidade de síntese, que busca avaliar a capacidade de articulação entre a

contextualização do tema e sua fundamentação teórica, aplicando-as na práxis da pesquisa;

3. A redação precisa, clara e objetiva, que utiliza terminologia adequada, analisando se a construção textual do TCC exerce sua função de comunicar o trabalho dentro das exigências do gênero acadêmico;
4. A apresentação do TCC obedecendo às normas técnicas adotadas pela Universidade Regional de Blumenau, ou seja, dentro das normas da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas).

Conclui-se, aqui, preliminarmente, que os critérios, determinados pela normativa da Universidade Regional de Blumenau, têm por objetivo tornar a elaboração do TCC um momento de interação entre ensino e pesquisa, até porque seguem o roteiro metodológico do trabalho de pesquisa. **O conjunto surpreendente das reações**, ou seja, a análise da materialização lingüística dos TCCs encontra seu lugar neste contexto de produção acadêmica.

A construção do mirante teórico desta pesquisa resultou da **interlocução alquímica** que procuramos estabelecer com Bakhtin (2003/2001), Marques (2006), Soares (2003), Goulart (2006), Amorim (2004), Street (1995), Gee (2006), Bronckart (2003), Schnewly & Dolz (2004), Marcuschi (2001) e outros, para a explanação e compreensão dos conceitos que fundamentam teoricamente esta pesquisa e que fornecem os elementos necessários para a construção dos critérios da análise dos dados. Os passos foram compreender o meio em que se realiza a práxis da pesquisa, bem como descortinar os conceitos de linguagem, enunciado e gênero discursivo para, a seguir, compreender como o gênero TCC se expressa pela habilidade de escrita imbuída de sua função social, ou seja, nas práticas de letramento, identificando os usos e práticas sociais de escrita, especificamente no momento de elaboração do TCC. O passo seguinte foi analisar os TCCs que constituem o *corpus* deste trabalho e compreender como as teias discursivas ali contidas refletem o letramento acadêmico dos graduandos em Design.

Pelos vieses metodológicos propostos, esta pesquisa procura percorrer o caminho da palavra onde:

a vida de uma palavra está na sua passagem de um locutor a outro, de um contexto a outro, de uma coletividade social a outra, de uma geração a outra. E a palavra não esquece jamais seu trajeto, não pode se desembaraçar inteiramente da influência dos

contextos concretos de que faz parte (DANON-BOILEAU, L. apud AMORIM, 2004 p. 133).

Uma vez traçado o percurso metodológico adotado, a próxima etapa constitui-se da interlocução entre os autores convidados, para a construção dos primeiros alicerces teóricos desta pesquisa.

Capítulo III – Interloquções alquímicas

Compreender como os TCCs refletem o letramento acadêmico implica conhecer o contexto de produção desses trabalhos. Para tanto, é realizada uma discussão acerca dos paradigmas atuais em que a Universidade se encontra inserida: qual o modelo de Universidade que emerge na sociedade atual? Até que ponto essa universidade mantém sua autonomia frente às demandas que a própria legislação, que rege a Educação no Brasil, apresenta? Que sentidos as próprias instituições atribuem ao ensino superior? Através da resposta para essas questões, procura-se situar o leitor no contexto atual de produção dos TCCs: a universidade, hoje.

3.1 Universidade e Educação Superior

As universidades são instituições que se distinguem das outras Instituições de Ensino Superior por sua autonomia e pela indissociabilidade entre o ensino a pesquisa e a extensão, garantidas, constitucionalmente, no art. Art. 207 da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988:

Art. 207 - As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (Brasil, 1988).

Segundo o MEC (Ministério da Educação, Cultura e Desporto), através da Secretaria de Educação Superior, falar em Educação Superior, no Brasil, compreende o universo dos cursos de graduação, abertos a pessoas que tenham concluído a Educação Básica ou equivalente, classificados em processo seletivo; os cursos de pós-graduação, representados pelos programas de mestrado e doutorado; os cursos de especialização e aperfeiçoamento para pessoas diplomadas em cursos de graduação e que atendam às exigências das instituições de ensino, e ainda os cursos de extensão, abertos a candidatos que atendam às condições estabelecidas pela instituição que oferta o curso.

Dentro dessa perspectiva ampla, a finalidade da Educação Superior é, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB),

formar diplomados nas diferentes áreas do conhecimento, aptos para a inserção nos setores profissionais, para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira e para colaborar na sua formação contínua (art.43, II Lei 9394/96)

para que o permanente aperfeiçoamento cultural e profissional possa se concretizar na integração das várias áreas do conhecimento, através de uma construção sistematizadora dos saberes de cada geração.

A LDB, a partir de sua reformulação em 1996, trouxe mudanças significativas para o Ensino Superior quando eliminou a exigência dos “currículos mínimos nacionais” e passou a determinar que os cursos de graduação, no Brasil, observem as diretrizes gerais para os currículos de graduação e programas de Educação Superior.

A reforma curricular dos cursos de graduação, propriamente dita, foi desencadeada pela Secretaria de Educação Superior (SESu) em 4 de dezembro de 1997, através de seu edital de nº 4, que solicitou às instituições de Educação Superior o envio de propostas que serviriam de base para a elaboração das diretrizes gerais curriculares. Com fundamento nas propostas enviadas, as diretrizes gerais para os cursos de graduação foram elaboradas por comissões, formadas por especialistas no ensino de cada área. As mudanças curriculares decorrentes desse movimento foram orientadas pelos princípios da flexibilidade na organização do currículo, sua dinamicidade e conseqüente adaptação às demandas do mercado de trabalho, com ênfase na formação geral e desenvolvimento de competências e habilidades gerais.

O objeto dessa pesquisa constitui-se uma das inovações constantes nas diretrizes curriculares dos cursos de graduação: há, a partir de então, a exigência de elaboração do TCC para uma significativa parcela dos cursos de graduação. Essa exigência traduz a importância dada ao pressuposto de que o ensino não deve ficar isolado na graduação, assim como a pesquisa não poder ser privilégio apenas da pós-graduação. Neste sentido, o PNE (Plano Nacional de Educação), em seu capítulo relacionado à Educação Superior, corrobora a relevância de

incentivar a generalização da prática da pesquisa como elemento integrante e modernizador dos processos de ensino-aprendizagem em toda a educação superior, inclusive com a participação de alunos no desenvolvimento da pesquisa. (PNE, 2000 p.44).

As universidades procuram situar-se nesse contexto como principal instrumento de transmissão da experiência cultural e científica acumulada pela humanidade. Relacionam-se com a sociedade por meio de múltiplos canais, o que traduz a responsabilidade destas instituições como depositárias e criadoras de conhecimento. Assim, é pertinente a discussão acerca do papel da Universidade na atualidade, qual sua relação com as demandas mercadológicas e como se articulam ensino, pesquisa e extensão nesta perspectiva, pois os objetos dessa pesquisa, os TCCs, são produzidos dentro desse contexto.

Como um dos elementos que constituem o tripé que sustenta o conceito de universidade, a extensão é definida pela LDB como a forma de democratizar conquistas e benefícios que resultam das outras atividades de ensino e pesquisa geradas nas universidades. Trata-se da prestação de serviços à comunidade que acontece quando novas demandas sociais são dirigidas à Universidade e esta procura construir uma identidade comprometida com as questões sociais. Pode ser considerada como uma via rápida de expansão das atividades universitárias, segundo Ribeiro (2005).

O ensino, segundo a LDB, constitui a atividade fim das universidades, que tem como objetivo a formação profissiográfica dos alunos, destinada a suprir a demanda mercadológica da região em que as instituições se encontram inseridas. Trata-se da práxis cujo cenário é a ciência e a tecnologia como agentes de acúmulo de capital, que devem ser produzidas de acordo com o que o mercado exige (RIBEIRO, 2005).

A universidade procura, então, manter sua hegemonia através da fusão trabalho-educação. O ensino superior, direcionado à formação intelectual, fundamentado na liberdade, no pluralismo de idéias e na aplicação de diferentes concepções pedagógicas, sem perder de vista a garantia do padrão de qualidade, passa a ser ensino para o trabalho. Sguissardi (2008) complementa quando aponta o surgimento da universidade neoprofissional que, de autônoma, conforme prevê a Constituição Federal, passa a adquirir um caráter de heteronomia e competitividade. O autor explica o modelo heterônomo, considerando a prática cotidiana das universidades com suas funções, prioridades, organizações, atividades, cada vez mais direcionadas à lógica mercantilista, com ênfase em currículos voltados às necessidades do mercado, desenvolvimento de competências profissionais, aliados a uma gestão institucional e docente competentes.

Chauí (2001, p.182) afirma que a educação de direito passou a ser considerada um serviço; percebe-se a universidade como uma prestadora desses serviços, onde a autonomia tem um sentido bastante determinado, perpassando o trabalho das universidades pelo neoliberalismo, que transparece nas expressões qualidade, avaliação e flexibilização universitária. Não se trata de negar a adequação das universidades ao movimento mundial de globalização e atendimento às demandas emergentes. A preocupação é com a qualidade,

por sua vez definida como competência e excelência cujo critério é “o atendimento às necessidades de modernização da economia e desenvolvimento social” e é medida pela produtividade orientada por três critérios: quanto uma universidade produz, em quanto tempo produz e qual o custo do que produz (CHAUÍ, 2001, p. 184)

Seguindo a mesma linha de raciocínio, Cruz (2006) afirma que é na Universidade que a atividade de avanço do conhecimento se associa às atividades de ensino-aprendizagem, para que esta se torne mais eficiente, contribuindo para a formação de lideranças intelectuais.

A pesquisa é definida no art. 52, I da Lei 9394/96 (LDB): “produção intelectual institucionalizada mediante o estudo sistemático dos temas e problemas relevantes, tanto do ponto de vista científico e cultural, quanto regional, e nacional”. É através da pesquisa que a universidade produz o conhecimento novo, e o comunica pela produção e publicação dos gêneros acadêmicos.

A pesquisa encontra seu espaço na atividade de ensino em dois momentos: na iniciação científica e no TCC. A iniciação científica é seletiva, sendo restrita aos acadêmicos que preenchem requisitos para atuação em determinado projeto de pesquisa. O TCC é um processo inclusivo, por ser obrigatório para a maioria dos cursos de graduação. Todos os alunos são convocados a desenvolver seu projeto de pesquisa, com fundamento no conhecimento construído e agregado durante a graduação. Nesse sentido, é próprio afirmar que a elaboração do TCC é um momento integrador dos elementos ensino e pesquisa, pois é quando as cadeiras do curso de graduação passam a fazer mais sentido, em uma articulação palpável entre a teoria e a práxis.

Para que esse momento de articulação e construção aconteça, é importante não perder de vista que a universidade se encontra situada numa nova ordem: quando antes a tradição era gerar e conservar novos conhecimentos, o sentido atual é de reunir a

formação intelectual e o trabalho. A universidade é chamada a atuar no sentido de desenvolver competências capazes de atender à dinâmica mercadológica estabelecida, através da flexibilização curricular voltada à inserção da pesquisa como instrumento didático-pedagógico, que possibilite um desenvolvimento integral de competências ao aluno.

A exigência da elaboração do TCC, na maioria dos cursos de graduação, reflete este “esforço” de transformar a universidade em um espaço de aprender pela pesquisa, em que a educação é compreendida como um processo de formação de competências, através do questionamento reconstrutivo como critério para o pesquisar (DEMO, 2000). A palavra competência é utilizada pelo autor e significa, nesta pesquisa, a capacidade de fazer e fazer-se oportunidade, através de um processo de formação do sujeito sócio-histórico, capaz de inovar e humanizar a inovação (DEMO, 2000). O conhecimento pode encontrar espaço para ser reconstruído, incluindo interpretação e formulação pessoais associadas a uma elaboração trabalhada no contexto de “aprender a aprender” (DEMO, 2000). É então, na habilidade específica da pesquisa de re-elaboração e formulação pessoais do conhecimento, que se determina e forma o sujeito competente que intervém social e eticamente no grupo social em que está inserido, transformando-se em instrumento para a propagação do bem estar comum. Isso acontece em decorrência das rupturas provocadas pelo pesquisar; da forma distanciada que o pesquisador olha para seu objeto de pesquisa, para percebê-lo com clareza e oferecer soluções, possibilidades que contribuam para a construção e aplicação do conhecimento novo ou agregado.

A universidade, ao promover a educação superior, exerce papel fundamental no despertar para a produção e/ou re-elaboração do conhecimento, derivado das mais diversas áreas, que têm por objetivo comum transformar a práxis cotidiana em um exercício axiológico de transformação da realidade, ou seja, a partir do momento em que existe a promoção da educação superior pela universidade, existe uma nova construção de valores que vai culminar em uma prática diferenciada, adequando-a cada vez mais às necessidades do homem. Apesar de a pesquisa estar submetida às políticas que não emanam do interior das universidades, mas derivar da convocação para a participação no desenvolvimento tecnológico, redimensionando sua dinâmica de produção científica, é a pesquisa que ainda instrumentaliza a produção do conhecimento. Esta é a compreensão ideológica de universidade, ensino e pesquisa que

permeia este trabalho, não como um imaginário, mas como um “conjunto sistemático de imagens ou representações, tidas como capazes de explicar e justificar a realidade concreta” (CHAUI, 2006, p.30). E essa realidade é o contexto de produção dos TCCs.

A universidade, como meio acadêmico, pressupõe o registro e divulgação de sua produção científica por meio de gêneros específicos, que pertencem ao campo acadêmico; entre eles, se situam os TCCs. O item a seguir procura desvelar a compreensão da produção textual no ensino superior, discorrendo sobre o sentido que é atribuído a escrita e aos rigores a ela impostos.

3.2 A escrita no ensino superior

Pensar a produção da escrita sob a ótica científica significa tratar da elaboração textual que acontece sob a égide da compreensão de resultados que derivam da análise de dados. O conhecimento científico tem a necessidade da expressão descontextualizada do discurso, a fim de permitir pontuá-lo, fragmentá-lo até sua menor parcela, e assim compreendê-lo e significá-lo, porém sem buscar amparo apenas na linearidade sucessivo-temporal da fala. No ensino superior, o ato de escrever é sinônimo do ato de significar. No dizer de Marques (2006, p. 43), “a relação do ler com o dizer algo a alguém coloca no escrever o princípio da significância oportunizada pela palavra oral (verbalização)”, transcendendo, portanto, a mera transcrição gráfica do que é dito; é o conhecimento proposicional que pode ser transformado em linguagem e que gera hipóteses. O autor completa, quando faz referência à questão da produção de textos acadêmicos, afirmando que “no pesquisar, o escrever está polarizado à procura de um assunto. Quando se chega ao assunto o escrever se faz pesquisar... (*op. cit.* p. 93).

A produção textual, no ensino superior, tem regras precisas e intencionais: busca delimitar a tematização, sob a forma de indagação precisa; busca a referência e fundamentação junto à “comunidade argumentativa”²; desenvolve a formação dos saberes, sob a ótica da hipótese formulada, dos experimentos, das análises e da validação de resultados e argumentação.

² A expressão é utilizada por Marques (2006) para se referir aos autores que fundamentam o trabalho científico, considerando-os como interlocutores da produção textual.

A construção da escrita no meio acadêmico pressupõe a arte de bem exprimir o pensamento, pois “escrever é a inauguração do próprio pensar” (MARQUES, 2006, p. 15). Há a necessidade premente de se antever e planejar a clareza e concatenação daquilo que se pretende comunicar, tendo por princípio que existe uma íntima relação entre compreensão e decomposição, ou seja, a compreensão e conseqüente atribuição de significação pressupõem a possibilidade de decomposição do objeto o quanto for possível, até que haja como fazer referência particular a cada item. Assim, há como considerar a organização das idéias e sua expressão como um sistema que procura manter seu próprio equilíbrio e, como sistema, refletindo o sentido de totalidade, interação entre seus elementos, organização e retroação.

A elaboração do trabalho científico parte do sistema de idéias concatenadas, organizadas e ordenadas, abarcando o âmbito maior do processo, como uma lógica de tarefas e atividades, que visa um objetivo preciso, com desempenho suscetível de ser verificado (BRABANDERE, 1998). Trata, então, da capacidade cognitiva que permite analisar, sintetizar, diferenciar, conceituar, comparar e dissertar para desenvolver determinado tema, com uma orientação precisa para a autonomia intelectual, que faz despertar o sentido do espírito científico.

A construção lingüística do texto acadêmico obedece a certas formalidades e rigores que procuram demonstrar o desenrolar do processo de pesquisa de forma clara e precisa, onde no início o aluno/pesquisador procura ver, observar, perguntar; a seguir, constrói interpretações fundamentadas em teorias previamente escolhidas para, finalmente, dizer sobre a ação, experiência e validação, sobre os dados e sua análise.

As formalidades acadêmicas pressupõem a utilização de uma metalinguagem, que não se despreocupa com a clareza e precisão pertinentes à ciência. Eco (1977, p. 113) diz que “a tese é um trabalho, que por razões ocasionais, se dirige ao examinador, mas pode ser lida e consultada por muitos outros, mesmo estudiosos não versados naquela disciplina”. Assim, utilizando-se de metalinguagem, esta deve possuir caráter referencial.

A originalidade também é requisito intrínseco ao trabalho científico; é nela que se constata a capacidade deste estudo realizar avanços no tema a que se dedica. Para tal, a escolha do tema deve responder aos interesses do aluno, cujas fontes de consulta

sejam acessíveis e manejáveis, contextualizados num quadro metodológico de pesquisa que esteja ao alcance do pesquisador proponente (ECO, 1977).

A escrita, no ensino superior, está focada em um objeto reconhecível e definido de tal maneira que seja reconhecível também para o leitor (ECO, 1977) e deve rever sob ótica diferente o que já foi dito sobre este objeto, traduzindo a utilidade de sua realização, favorecendo elementos que possibilitem a verificação e contestação das hipóteses que foram apresentadas. O rigor científico não obriga a renunciar aos esquemas analógicos de explicação e compreensão; a única condição é utilizá-los de forma consciente e metodológica.

Após a apresentação das condições de produção dos TCCs, dentro do contexto em que se encontram as universidades e compreendendo como se estrutura a elaboração textual no ensino superior, passamos a construir o mirante teórico que guia o processo de análise desta pesquisa: a linguagem. Dentro da contextualização do ensino e da pesquisa voltados para o desenvolvimento tecnológico científico, direcionado às exigências mercadológicas, a compreensão dos conceitos de letramento e da teoria da enunciação levam a apreender como esses conceitos encontram-se implícitos no processo de materialização lingüística dos TCCs, a escrita, que no contexto do ensino superior é indissociável do cotidiano da produção acadêmica.

Capítulo IV – A Pedra Filosofal: a linguagem

Procura-se compreender neste capítulo, os conceitos de letramento, sua origem, para, então, analisarmos os modelos autônomo e ideológico de letramento com fundamento em Street (1995). Em seqüência, é apresentada a compreensão de letramento acadêmico, para então estabelecer relações entre o letramento e a Teoria da Enunciação, pelo viés da natureza social das condições de produção da linguagem. É explicitado o conceito de campo em Bakhtin, a concepção de gêneros discursivos, desmembrando-os em gêneros primários e secundários para, então, situar o TCC como um gênero discursivo, a ser conceituado e, *a posteriori*, analisado em capítulo próprio.

4.1 O Letramento – palavras iniciais

A elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso é um momento em que emerge a necessidade de apropriação da escrita pelos alunos, transportando-os para um universo diferente de seus universos sócio-culturais de origem; tal fato implica conhecimentos relacionados a critérios axiológicos: a necessidade de a escrita tornar-se parte da vida do acadêmico e, especificamente dos acadêmicos do curso de Design, e adquirir um sentido, traduz-se em uma inversão da escala de valores em que se encontram inseridos. Esses alunos partem de um universo onde a representação simbólica predominante é o desenho. O momento de escrever o TCC se traduz na incorporação de conceitos que vão além da capacidade de decodificação dos símbolos e sinais da escrita, bem como da capacidade narrativa propriamente dita, inerente ao ser humano. Torna-se necessário compreender, avaliar, apreciar e apropriar-se do processo de escrita. É preciso inserir-se em outras práticas de letramento.

A palavra letramento é recém-chegada ao vocabulário da Educação e das Ciências Sociais. A primeira referência ao termo letramento é encontrada no livro de Mary Kato – “No Mundo da Escrita: uma perspectiva psicolinguística”, publicado em 1986. Logo a seguir, Leda Verdiani Tfouni discorre sobre o tema em “Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso”, de 1988. Na década seguinte, foi a vez de Ângela Kleiman, com “Os Significados do Letramento”, em 1995, e Magda Soares, em

“Letramento, um tema em três gêneros”, em 1998. Para esta pesquisa, adotaram-se as concepções de Kleiman (1995) e Soares (2003).

A palavra letramento deriva de *literacy* que, etimologicamente, vem do latim *littera* (letra), acrescida do sufixo *-cy*, que denota estado ou condição. O *Webster's Dictionary* traduz a palavra *literacy* como “*the condition of being literate*”, e *Literate* como sendo *educated; specially able to read and write*” (SOARES, 2003, p.17). A primeira tradução de *literacy* é a condição para tornar-se letrado. Ser letrado, por sua vez, significa uma pessoa educada, especialmente capaz de ler e escrever (tradução nossa). Soares (2003) explica que o termo letramento vem traduzir o estado ou condição³ de quem interage com diferentes portadores⁴ de leitura e escrita. O envolvimento nas numerosas e variadas práticas sociais, através da apropriação da escrita e da leitura, traz conseqüências que alteram o estado ou condição de determinado grupo social ou indivíduo. Essas conseqüências são sociais, políticas, econômicas, cognitivas e lingüísticas.

Já, para Kleiman (1995, p. 19), o letramento é “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para fins específicos”. É sob a ótica deste conceito que o letramento será analisado nesta pesquisa, extrapolando a forma como o mundo da escrita é concebido nas instituições de ensino superior, muito além do cumprimento de uma formalidade acadêmica. No contexto deste trabalho, o domínio da escrita encontra uma relação próxima e estética com a representação simbólica através do desenho, que é o universo do curso de Design.

Não existe, porém, uma concepção única acerca do letramento. Street (1995), na abordagem dos Novos Estudos sobre o Letramento, a partir da década de oitenta, considera que o letramento deve ser analisado dentro do contexto das relações de poder e ideologias dominantes que envolvem determinado grupo social, considerando o letramento como um produto particular e original, criado dentro de um contexto próprio. Kleiman (1995, p. 40) completa afirmando que o que deve ser considerado, em

³ Segundo Fischer (2007 p.25), “estado ou condição pressupõe as relações que indivíduos ou grupos sociais mantêm com os outros, com o mundo que os cerca [...] pressupõe formas de interação, tipos de atitudes e competências discursivas”.

⁴ O termo “portadores”, nesta pesquisa, tem o sentido de identificar aquelas pessoas que acessam, transformam e usam o texto, balizados nas relações de poder e nos interesses vigentes em instituições, classes sociais ou grupos específicos.

última análise são os “eventos de letramento”, ou seja, “situações em que a escrita constitui parte essencial para fazer sentido da situação, tanto em relação à interação entre os participantes, como em relação aos processos e estratégias interpretativas”.

A não unanimidade quanto ao conceito de letramento decorre de que o fenômeno tem como característica a plasticidade determinada pelas necessidades e condições que são determinadas pelo grupo social, pelo indivíduo e pelas condições históricas de determinado estágio de desenvolvimento dos sujeitos do letramento. A tese que fundamenta os Novos Estudos do Letramento é a não existência de uma forma de letramento, mas de letramentos. A essência do letramento não é estática nem universal. Há, porém, unanimidade quanto à impossibilidade de dissociá-lo da escrita, qualquer que seja o modelo do letramento em questão.

Para uma maior contextualização e compreensão do letramento, o objetivo das próximas duas seções é familiarizar o leitor com os dois modelos de letramento, estudados a partir de Street (1995), Gee (2006), Kleiman (1995) e Soares (2003): o modelo autônomo e o modelo ideológico.

4.2 O modelo autônomo de letramento

Street (1995) explica que o modelo autônomo pressupõe apenas uma forma de o letramento ser desenvolvido. Relaciona-o causalmente com o desenvolvimento e progresso social, mas apenas como um processo cognitivo individual, que depende exclusivamente de características individuais próprias do indivíduo. A escrita é um produto completo em si mesmo, que tem como principais características “1. A correlação entre a aquisição da escrita e o desenvolvimento cognitivo; 2. A dicotomização entre oralidade e escrita; 3. Atribuição de poderes e qualidades intrínsecas à escrita (KLEIMAN, 1995, p. 22).

A escrita tem como função prioritária, no modelo autônomo de letramento, desenvolver a capacidade de expressar idéias e organizar o pensamento em língua escrita. Assim, nesta perspectiva, o letramento é considerado um atributo pessoal, que apresenta uma estreita relação com a escolaridade. Considerado sob a ótica do modelo autônomo, o letramento reveste-se de características peculiares: refere-se especificamente à aquisição de lógica, de desenvolvimento cognitivo e de uma perspectiva científica, tanto no domínio individual quanto social do fenômeno. Esse

direcionamento, segundo Soares (2003), leva ao excesso de determinismo tecnológico, a uma indiferença quanto às variações culturais, tornando-se sumariamente economicista e etnocêntrico. No espectro do modelo autônomo, falar em letramento significa falar dos processos de leitura e escrita que apresentam dessemelhanças, mas ao mesmo tempo revestem-se de completude. Nesse contexto, a leitura é, de acordo com Soares (2003p. 69), “o processo de relacionar símbolos escritos a unidades de som, construindo interpretações dos textos escritos”, o que implica habilidades específicas, tais como: i) decodificar símbolos escritos; ii) captar significados; iii) interpretar seqüências de idéias, eventos, analogias, comparações e linguagem figurada; iv) construir significados; v) monitorar a compreensão e modificar previsões iniciais; vi) refletir e concluir.

O modelo autônomo de letramento é centrado na dimensão individual e cognitiva de domínio e uso da escrita, esse modelo traz imbuída a agravante de determinar o fracasso ou sucesso do processo de letramento unicamente ao indivíduo. Sua maior lacuna é não conceber o desenvolvimento cognitivo e aquisição da escrita pelos processos de escolarização como diretamente relacionados ao entorno social, constituído pelas “estruturas culturais e de poder que o contexto da escolarização representa” (KLEIMAN, 1995, p. 39).

Como alternativa a essa proposição, passamos a discutir o modelo ideológico de letramento, não em uma posição de antagonismo direto, mas de uma compreensão mais expandida do letramento: sua dimensão social e suas conseqüências adjacentes.

4.3 O modelo ideológico de letramento

O modelo ideológico de letramento, proposto por Street (1995), tem como fundamento a natureza social do letramento e defende a escrita como prática social que serve a um propósito, ou seja, as práticas de letramento mudam segundo o contexto em que estão inseridas: “é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e escrita em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais” (SOARES, 2003, p.72).

O termo “ideológico”, utilizado também, segundo Street (1995), por antropólogos, sócio lingüistas e estudiosos da cultura, significa a tensão entre o poder autoritário de um lado e a resistência e criatividade de outro. Segundo Street (2003, p.5),

o argumento sobre os letramentos sociais (Street, 1995) sugere que o engajamento no letramento é sempre um ato social, desde o seu início. As formas em que interagem professores ou facilitadores e seus alunos é sempre uma prática social que afeta a natureza do letramento a ser aprendido e as idéias que os participantes possam ter sobre o processo, em especial os novos aprendizes e sua posição nas relações de poder. Não é válido sugerir que o “letramento” possa ser “dado” de modo neutro, sendo os seus efeitos “sociais” experimentados apenas posteriormente.

O modelo reconhece a impossibilidade de descontextualizar a questão do letramento da questão cultural e das estruturas de poder que afetam diretamente a prática da leitura e da escrita em diferentes grupos sociais. Gee (2006), em seu artigo não publicado “Decontextualized Language: a problem, not a solution” (Linguagem descontextualizada: um problema não uma solução), exemplifica a perspectiva apresentada por Street: crianças, as quais são requisitadas a fornecer explicações claras e completas em seu diálogo cotidiano familiar, que têm contato precoce com a leitura de livros e são solicitadas a reproduzir o conteúdo do que ouviram, por exemplo, no momento em que seus pais contam histórias, são as crianças que crescem dentro da perspectiva do que Gee chama de “Decontextualized Language” ou linguagem descontextualizada. Estas crianças apresentam considerável vantagem, em termos de aproveitamento escolar, frente a outras crianças, que não encontram estas práticas inseridas em seu meio familiar, em sua comunidade. Esses são os sujeitos que se desenvolvem dentro da perspectiva da “Contextualized Language” (linguagem contextualizada), ou seja, apenas no contexto da linguagem utilizada no dia-a-dia pelo grupo social a que pertencem. Soares (2003, p. 88) corrobora a idéia quando, ao tratar do letramento em países em desenvolvimento, afirma que

em geral, as sociedades com divisões sociais marcantes, os padrões de letramento definidos pelas escolas variam de acordo com o *status* social e econômico do aluno. Tornar-se letrado, em classes altas tem um sentido muito diferente de tornar-se letrado em uma escola que atende à classes menos favorecidas.

Diante da concepção ideológica do letramento, depreende-se que este modelo implica mudanças no discurso dominante, luta por posições e por poder; é uma prática saturada axiológica e ideologicamente. Assim, a escrita reveste-se, a cada dia, de maior relevância no meio social, o que, segundo Silva (2008), vem exemplificado em vários marcos históricos, como a emergência do Estado como unidade política, a formação de identidades nacionais, que não necessariamente se vinculam a questões étnicas e

culturais, às mudanças socioeconômicas nas grandes massas que se incorporavam a formas de trabalho industrial e mesmo a emergência da educação formal.⁵

4.4 A compreensão de letramento acadêmico

Sabendo que vários processos e fatores estão envolvidos na construção de uma condição letrada, a interlocução até aqui realizada conduz a considerar o letramento como a competência para a participação em determinada forma de discurso, com propriedade para “falar sobre o falar, sobre questões, sobre respostas, isto é, a competência de uma metalinguagem” (GOULART, 2006, p. 451). O envolvimento na cultura letrada se destaca pelo desenvolvimento de reflexões metalingüísticas, analisando textos, conteúdos e objetos, falando sobre eles, de suas inter-relações do ponto de vista conceitual; e essas reflexões têm sua gênese nos sujeitos do letramento. Essas práticas letradas dependem fundamentalmente das instituições sociais que as propõem ou exigem, na perspectiva cultural e social, em que a relevância repousa sobre as diferentes pirâmides axiológicas construídas acerca dos diferentes tipos de conhecimento. Depreende-se, dos Novos Estudos do Letramento, que o letramento acadêmico se expressa pela manifestação das habilidades letradas, construídas de acordo com a área de conhecimento específica de formação no meio acadêmico, associadas à estrutura de valores que as sustenta e ao reflexo de sua aplicabilidade prática no momento de expressar o conhecimento construído ou agregado.

O modelo ideológico do letramento conduz a uma percepção profícua das conseqüências trazidas pela utilização da escrita e analisar como esse fenômeno desencadeia uma série de provocações para mudanças, no contexto de determinado grupo social, em vários aspectos. Por este motivo, é necessário considerá-lo vinculado a um contexto sócio-histórico em que acontece.

No contexto do ensino superior, o letramento tem sido, parafraseando Soares (2003, p.84), “um processo mais que um produto”. Seu conceito é fundamentalmente determinado pelas práticas e habilidades adquiridas durante a formação voltada à profissionalização, que é burocraticamente organizada e traduzida em exames e

⁵ Street (1995) ressalta ainda que o modelo ideológico não exclui os aspectos cognitivos e técnicos da prática do letramento, mas faz perceber que mesmo estes aspectos encontram-se “encapsulados em um corpo cultural e nas estruturas de poder” (tradução nossa).

avaliações, definidos exclusivamente pela própria instituição. Esta condição implica um conhecimento fragmentado e descontextualizado, que desconsidera situações e fatores externos à sala de aula, constituintes do letramento, como fenômeno de múltiplos significados.

Considera-se o letramento acadêmico sob a ótica dos Novos Estudos do Letramento, quando aponta-se que não existe letramento como substantivo próprio e singular, mas sim “letramentos”, que serão investigados com base nos domínios discursivos ou instâncias de produção discursiva. A instância de produção discursiva são os TCCs elaborados no curso de Design.

A inserção no mundo letrado, conforme Goulart (2006) traz como conseqüências a competência de participar de determinada forma de discurso e, subseqüentemente, ocorrem mudanças subjacentes, que envolvem aspectos sociais, culturais, políticos, econômicos e lingüísticos. O letramento é, então, considerado a partir do domínio e utilização da metalinguagem própria do designer. O *corpus* da pesquisa é analisado e dele são extraídos excertos que apontam para a sua constituição ideológica, sem desconsiderar o elo de completude conceitual que vincula esses conceitos ao modelo autônomo, do qual não se pode prescindir, uma vez que o letramento se constitui de habilidades distintas, competências cognitivas e metacognitivas, que se aplicam a um vasto conjunto de gêneros de escrita, praticadas em contextos sociais deferentes (SOARES, 2003).

Fundamentados nessas reflexões, realizamos, a partir da próxima sessão a intersecção entre o letramento e a teoria da enunciação. O letramento, como compreendido nesse trabalho, é socialmente construído, sofre influências e influencia os grupos sociais em que acontece. Da mesma forma, segundo Kleiman (1995, p. 29), sob a ótica bakhtiniana, “a linguagem seja qual for sua modalidade de comunicação é, por natureza, polifônica, incorporando o diálogo com vozes outras que as do enunciador”. Este é o ponto de partida da próxima intersecção teórica que fundamenta a análise desta pesquisa.

4.5 A Teoria da Enunciação de Bakhtin

4.5.1 O Enunciado

Quando Bakhtin (2003) constrói um novo conjunto de disciplinas, ao qual denomina *metalingüística*, propõe uma diferenciação no estudo do discurso, que pode ser analisado enquanto *língua sistema* e *língua discurso*, dois ângulos diferentes de visão que não têm o poder de fundir-se, mas contém em si a necessidade mútua de completude. O autor propõe um caminho para a compreensão e análise dos textos, compreendendo-os como

a unidade, o dado (realidade) primário e o ponto de partida para todas as disciplinas do campo das ciências humanas, apesar de suas finalidades científicas diversas. É a realidade imediata para o estudo do homem social e da sua linguagem, pois a constituição do homem social e da sua linguagem é mediada pelo texto (RODRIGUES, 2005 p. 158).

O texto, segundo Bakhtin (2003), se constitui de dois pólos: por um lado o dos elementos repetíveis e reproduzíveis, que traduzem a língua como um sistema de signos e, por outro, o texto na sua qualidade de enunciado. Assim, o texto pode ser analisado a partir desses dois pólos teóricos: como enunciado, quando visto em sua integridade concreta, dinâmica e viva e como texto, quando subtraído de sua composição social. Passamos a explorar o entendimento bakhtiniano de enunciado, que assim como o letramento em seu contexto ideológico, implica a construção e constituição social da linguagem.

Há de se compreender o enunciado como a “real unidade da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2003, p. 274), que satisfaz seu objeto, entendido como o conteúdo do pensamento enunciado e ao próprio enunciadador, possuindo uma natureza responsiva: toda a enunciação é repleta da necessidade de resposta, na qual o ouvinte passa a ser falante. Não há a expectativa por uma compreensão passiva do significado do enunciado, mas sim de uma atitude responsiva, seja de concordância, rejeição ou uma execução. Portanto, como diz Bakhtin,

O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, precisamente delimitada da alternância dos sujeitos do discurso, a qual termina com a transmissão da palavra ao outro, por mais silencioso que seja o “dixi” percebido pelos ouvintes [como sinal] de que o falante terminou (2003, p. 275).

Os enunciados caracterizam-se pela alternância dos sujeitos, pela conclusibilidade e pela inteireza do objeto. Esta inteireza, segundo Bakhtin (2003, p. 281), é determinada por três elementos intimamente ligados:

1. Exauribilidade do objeto e do sentido;
2. Projeto de discurso ou vontade de discurso do falante;
3. Formas típicas composicionais e de gênero do acabamento.

Em cada enunciado, pode-se perceber a intenção ou vontade discursiva do falante, que determina o “todo” do enunciado, que verbalizado, nos permite perceber sua conclusibilidade, determinando desde a escolha do objeto, seus limites, como também o gênero em que será construído o enunciado, vinculando-o a uma situação concreta. As formas típicas composicionais, ou o gênero a ser empregado, é determinado pela especificidade do campo em que se opera a comunicação discursiva, pela situação concreta e pela composição de seus participantes. Segundo Bakhtin (2003, p.289), “a escolha dos meios lingüísticos e dos gêneros de discurso é determinada, antes de tudo, pela tarefa (idéia) do sujeito do discurso (autor) centradas no objeto e no sentido”.

O enunciado é o produto do processo de enunciação. Esse processo de enunciação deixa marcas indeléveis na subjetividade, intersubjetividade e alteridade⁶ da linguagem em uso (BRAIT, 2007). A linguagem é concebida de um ponto de vista histórico, cultural e social, o que inclui a comunicação efetiva e os sujeitos nela envolvidos, para a possibilidade de uma real compreensão e análise. Esse conceito novamente vem ao encontro do modelo ideológico de letramento. Sobremaneira importante é diferenciar o enunciado da oração: esta, enquanto unidade da língua, não obedece à delimitação pela alternância de sujeitos, não tem contato imediato com a realidade, nem relação imediata com enunciados alheios; quando há troca, intercâmbio de enunciados que geram atitude responsiva, está-se falando da “língua-discurso”, e os enunciados são construídos por unidades da língua, enquanto “língua-sistema”, onde está situada a oração. Quando a oração figura como enunciado completo, o autor ressalta que “aparece colocada em uma moldura de material de natureza diversa” (BAKHTIN, 2003, p.278). O enunciado é por sua natureza um processo interativo,

⁶ A alteridade, na compreensão de Bakhtin (2003) é a relação com/ao outro, que constitui ao enunciador e ao enunciado.

contextualizado em determinada situação que está inserida em um determinado recorte histórico. Este comporta os sujeitos, os enunciados, os discursos que antecedem o enunciado específico, abrangendo também o que ainda está por ser dito, como atitude responsiva ao enunciado propriamente dito. É, portanto, o que Bakhtin (2003) denomina de enunciado concreto, que nasce e morre na ocorrência da interação social entre aqueles que participam da enunciação, pressupondo a existência de sujeitos e de história para a existência desse enunciado concreto.

A vontade discursiva do falante se realiza na escolha de um gênero discursivo, que se forma pela especificidade de determinado campo da comunicação discursiva, pela situação concreta e pela posição pessoal de seus participantes. Para dar continuidade à abordagem da teoria da enunciação, passamos a compreender qual o sentido de campo para Bakhtin, para, a seguir, discorrer sobre os gêneros discursivos que se manifestam nos mais variados campos de atuação humana.

4.5.2 A Compreensão do conceito de campo em Bakhtin

Para o Círculo de Bakhtin, a força coercitiva, que é exercida pela ideologia, determina de que forma a realidade é refratada. Em outras palavras: a ideologia, compreendida como o todo imaterial que constitui as organizações sociais, que compreende a arte, o direito, as religiões, a ciência, entre outros, possuem um caráter semiótico próprio. Por essa razão, cada um desses domínios atribui uma definição própria a seus signos ideológicos.

A manifestação dos signos ideológicos acontece quando há a organização social, em que a ideologia do cotidiano, ou aquilo que conduz as ações e a estrutura da escala axiológica do indivíduo, tem seu momento de manifestação, por excelência. Essa organização social constitui os campos de produção ideológica que dão conta da pluralidade da atividade humana ao mesmo tempo em que se assenta sobre o terreno comum da linguagem verbal humana. A diversidade dos campos, em que se processam as produções ideológicas, é determinante do modo como são apreendidos e compreendidos os discursos, bem como de quais gêneros são utilizados e de como são caracterizados os enunciados.

4.5.3 Os gêneros discursivos

Ao analisar “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2003, p. 262), que se manifestam dentro de um determinado campo, compreende-se o conceito de gêneros discursivos, cuja natureza explora-se a partir deste item.

Bakhtin (2003, p.283) diz que “os gêneros do discurso organizam o nosso discurso quase da mesma forma que organizam as formas gramaticais”, ressaltando que os gêneros têm personalidade muito mais mutável, flexível, plástica. Os gêneros nos são dados na mesma proporção que dominamos a língua materna, pois não formulamos enunciados a partir de estudos lingüísticos em dicionários e gramáticas, mas sim a partir de situações concretas que ouvimos e com as quais interagimos. Desta forma, os gêneros discursivos “não são uma forma da língua, mas uma forma típica do enunciado” (BAKHTIN, 2003, p.293), que se caracterizam por sua impessoalidade, historicidade e concreticidade; correspondem a situações típicas da comunicação discursiva, dos temas em questão e do próprio significado das palavras em relação à realidade concreta:

a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e complexifica um determinado campo (BAKHTIN, 2003, p. 262).

Os gêneros discursivos apresentam três dimensões essenciais e indissociáveis, que, segundo a ótica bakhtiniana, são: os temas, que são conteúdos que estão ideologicamente em conformidade, ou em outras palavras, o aspecto constitutivo do enunciado e de seus tipos relativamente estáveis; a forma composicional, que é compartilhada pelos textos pertencentes ao gênero e a individualidade do autor quanto às suas posições enunciativas.

Segundo Bakhtin (2006, p. 134), o tema é “um sistema de signos dinâmico e complexo, que procura adaptar-se adequadamente às condições de um dado momento da evolução”, apóia-se em um sistema relativamente estável de significação, como um aparato destinado à instrumentalização do seu sentido. Os elementos do tema de uma enunciação e, conseqüentemente de determinado gênero discursivo, são concretos e irrepitíveis. O contrário ocorre com as significações, nas quais os elementos da enunciação são compreendidos como “reiteráveis e idênticos” (BAKHTIN, 2006, p.

134). É importante reforçar a relação de completude que se estabelece: “não há tema sem significação e vice-versa” (*op. cit.* p. 134); porém, o tema absorve a significação, impedindo que ela se estabilize e se consolide, e é um atributo apenas da enunciação completa. Bakhtin (*op. cit.* p. 136) afirma que a maneira mais correta de formular essa inter-relação é dizer que “o tema constitui o estágio superior real da capacidade lingüística de significar, enquanto a significação é a capacidade inferior de significar”.

A forma composicional é a forma de construção pertinente aos textos que se incluem em determinado gênero do discurso. No caso dos TCCs, a observação das normas da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas), no momento de redigir o trabalho, constitui um dos elementos que caracterizam a estrutura composicional do gênero.

O terceiro elemento é a individualidade do autor quanto à forma de enunciar. Falar em individualidade é falar em estilo. Segundo Bakhtin (2003, p. 265),

todo enunciado –oral, escrito, primário e secundário e também em qualquer campo da comunicação discursiva – é individual e por isso pode refletir a individualidade do falante (ou de quem escreve), isto é, pode ter estilo individual.

Isso significa que, em diferentes gêneros discursivos podem revelar-se diferentes aspectos da personalidade de seu autor, desvelando seu estilo individual. A relação entre gêneros discursivos e estilo se manifesta sobremaneira no que Bakhtin (2003, p. 266) chama de estilos funcionais: estilos de gênero aplicados em determinados campos da atividade humana e da comunicação, atendendo às suas especificidades.

Após apresentar os elementos composicionais do gênero discursivo, o próximo momento se constitui da discussão acerca dos gêneros primários e secundários, bem como a aplicação de seus conceitos na compreensão do objeto desta pesquisa.

4.5.3.1 Gêneros primários e secundários

Os gêneros discursivos podem ser classificados de acordo com o campo de uso da linguagem. Esses campos, segundo Brait (2007 p.156), não são “uma noção abstrata, mas uma referência direta aos enunciados concretos que se manifestam nos discursos”, que deve ser dimensionada culturalmente, como um instrumento de organização, troca,

divulgação, armazenamento, transmissão e de criação de mensagens em contextos culturais específicos. Os gêneros primários são representados, na teoria da enunciação, por determinados tipos de diálogo oral – íntimo, familiar, cotidiano, sócio-político, etc. e os gêneros discursivos secundários constituem os literários, científicos e publicísticos, que surgem em condições de um convívio cultural mais complexo, num processo de reelaboração de gêneros primários, sendo predominantemente escritos. Os gêneros discursivos podem, então, ser pensados tanto em função de sua ontogênese, situada nos gêneros primários, quanto de sua filogênese, ou seja, a partir dos gêneros secundários. Apesar da diferença entre as obras pertencentes aos gêneros artísticos e científicos (como gênero secundário) e as réplicas de diálogos (os gêneros primários), ambas se apresentam como unidades da comunicação discursiva:

Os gêneros discursivos secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos, etc.) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente escrito) – artístico, científico, sociopolítico, etc. No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata (BAKHTIN, 2003, p. 263).

Segundo Brait (2007), os estudos de Bakhtin acerca dos gêneros discursivos, considerando não a classificação das espécies, mas o processo dialógico intrínseco faz com que os gêneros passem a ser focalizados como campos de uso da linguagem verbal ou da comunicação fundada na palavra. Faraco (2003, p.115) completa o raciocínio, quando questiona: “E qual seria o significado geral de gênero? Precisamente a correlação entre formas e atividades.” A palavra possui expressão derivada do ponto de contato com a realidade concreta, dentro de uma situação real, o que possibilitou a Bakhtin desenvolver a teoria dos gêneros discursivos a partir dos campos de uso da linguagem. Assim, os gêneros discursivos, compreendidos como uma forma de comunicação e expressão, são também uma manifestação da cultura, um mecanismo de troca, criação e transmissão de mensagens, idéias, conceitos. O TCC, como conjunto de construções e refrações semióticas, produzido em um determinado campo, sob uma influência ideológica específica é um gênero discursivo? E como tal, pode ser analisado o reflexo do letramento acadêmico de seus autores?

4.5.4 O TCC como gênero discursivo

A partir da reflexão proposta no parágrafo anterior, é pertinente compreender o TCC como gênero discursivo secundário, pois ele reúne um conjunto estável de enunciados, de unidades de comunicação e significação necessariamente contextualizadas, e deriva de um convívio cultural mais complexo, mais desenvolvido e organizado, em que se reelaboram os gêneros primários formados e apreendidos durante as comunicações discursivas mais imediatas que permearam os anos de graduação.

Como o TCC, em sua elaboração, deve obedecer a formalidades e rigores, que caracterizam a organização de textos da área científica, é um gênero discursivo que pertence ao campo acadêmico, constituindo-se de um trabalho cuja gênese acontece no ponto de contato entre o real e o enunciado. Obedece a certa regularidade na forma de construção desses enunciados, predispondo-se a uma compreensão responsiva que se manifesta em vários momentos, que vão desde a discussão do tema do trabalho com os colegas, a estruturação e fundamentação do TCC com o professor-orientador até a própria apreciação do Trabalho pela banca examinadora, que gera as mais variadas respostas críticas, determinando o posicionamento dos outros acerca de idéias ali enunciadas.

O TCC está vinculado a uma determinada situação social de interação que possui sua própria concepção de autoria e de destinatário. É um elo da réplica dialógica, pois se encontra vinculado a outras obras, outros enunciados, aos quais responde ao mesmo tempo em que se vincula àquelas que virão a lhe responder, caracterizando, então, a alternância de sujeitos peculiar aos enunciados. Segundo Brait

... na esfera comunicativa da cultura tudo reverbera em tudo, uma vez que nela as formas culturais vivem sob fronteiras. O próprio discurso alheio pode integrar a cadeia discursiva e ser reprocessado. Nesse caso os gêneros discursivos de uma esfera da cultura são suscetíveis de deslocamentos, mas não podem ser ignorados como discurso do outro, tal como a bivocalidade da palavra alheia incorporada (2007, p. 162).

Como gênero discursivo, o TCC apresenta conformidade quanto ao tema, no sentido de compreender o recorte de uma situação concreta – a conclusão do curso de graduação – ao mesmo tempo em que encontra seu universo de pesquisa delimitado pelo Projeto Político Pedagógico do curso e às linhas de pesquisa da área de formação.

Compreender o tema em Bakhtin (2006) significa compreender os vários adjetivos atribuídos a este elemento pelo autor: significação ideológica, significação semântica, significação objetiva, significação concreta, entre outras. Mas, enquanto a significação possui uma natureza abstrata que tende à estabilidade e permanência, o tema é o concreto e histórico, que por isso mesmo é fluido e dinâmico. Nesse sentido, há a conformidade do tema quanto aos TCCs, quando esses fluem em um movimento contínuo através da liquidez em que está mergulhado o contexto de sua produção, ou seja, dentro de uma significação abstrata do que é escrever um TCC, o aluno discorre sobre uma problemática que possui concreticidade e historicidade delimitadas.

Em relação à sua forma composicional, ou seja, a maneira como os textos são estruturados e materializados, há homogeneidade, pois as regras para a elaboração do TCC são pré-determinadas pela normativa que rege a matéria na instituição em questão.

A individualidade do autor se manifesta no momento da utilização da escrita que traz conseqüências adjacentes à sua produção. Essas conseqüências são de ordem prática, filosófica, política, científica, artística, cultural e também social, quando considerados os gestos, atitudes e procedimentos que constituem os valores sociais vigentes em determinado momento histórico-cultural: de ordem prática, no sentido de exercer seu papel comunicativo; filosófica, quando revelam determinado discurso fundador nas entrelinhas do discurso reprocessado; científica, artística e cultural pelo conhecimento produzido ou agregado e social pelos reflexos dentro de determinado grupo social, em determinado recorte temporal.

Assim, os modos de expressar as vivências, crenças, regularidades e sentimentos de determinado grupo constituem sua forma subjetiva de apresentar interpretações de universos referenciais culturalmente formados; a linguagem, que está expressa na forma oral, escrita e na leitura, tem papel fundador na especificação da singularidade dos sujeitos, assim como vem construir as marcas que identificam o pertencimento desses a um determinado grupo. Sob o olhar enunciativo, o TCC é o conjunto de linguagens sociais que identificam práticas sociais com expressões orais e escritas, e relacionam-nas às instituições e a gêneros de discurso que aí se produzem (GOULART, 2006).

Schnewuly e Dolz (2004), fundamentados nos princípios bakhtinianos, realizam uma adaptação do gênero discursivo à situação concreta. Através desse exercício, é possível definir o TCC como gênero discursivo pertencente ao campo acadêmico. Em

um primeiro momento, o TCC é o “megainstrumento” que configura e estabiliza vários sistemas semióticos, o que permite ao aluno agir de forma eficaz em sua ação comunicativa, em um campo determinado. Em um segundo momento, o TCC é a base da ação discursiva propriamente dita: é o instrumento adaptado a um conteúdo e a um destinatário preciso e com uma finalidade bem definida. O gênero TCC permite ao enunciador, no caso o aluno, produzir textos dentro de uma situação definida por diversos parâmetros, que se estabelecem pela relação “meio-fim”, ou seja, pela interface entre sujeito e meio, que responde a um objetivo geral e final. É através dessa interface que esta pesquisa procura analisar o letramento dos acadêmicos do curso de Design da FURB.

4.5.5 Os Conceitos de TCC

De acordo com Schneuwly e Dolz (2004), e diante dos tópicos expostos e discutidos neste trabalho, percebe-se que a distribuição e os papéis da escrita não são os mesmos em todos os contextos e significações. O gênero discursivo tem por finalidade permitir a organização de um texto, permitindo, assim, que o aluno escreva (ou fale) de uma maneira mais adequada, dentro dessa situação específica de comunicação.

O tópico que abordamos a seguir vem apontar como o TCC e suas condições de produção têm sido conceituado e compreendido dentro do campo em que se realiza, para uma percepção da realidade na qual os objetos de análise desta pesquisa estão inseridos.

Rocha (2002) situa o Trabalho de Conclusão de Curso como um trabalho de cunho intelectual que molda o profissional e o habilita à tomada de decisões, abstrações e interpretações esperadas de um especialista. Trata-se do momento em que o aluno deve expressar os conhecimentos adquiridos durante sua trajetória acadêmica, através de um texto científico, elaborado minuciosamente, representando um espelho do nível de sua qualificação, competência e habilidade. O caráter tecnicista se manifesta neste conceito, deixando ainda um espaço para o atendimento à demanda mercadológica, quando se preocupa em refletir o nível de qualificação do aluno autor do TCC. É um conceito que prescindem dos princípios que norteiam a pesquisa e a função social desta dentro da estrutura da universidade. O sentido atribuído ao TCC é puramente avaliativo, comparável às outras avaliações a que os acadêmicos são submetidos, refletindo o cumprimento de uma exigência formal, que não instiga a formação do “espírito de

pesquisador” e da curiosidade a este inerente, correndo o risco de traduzir-se numa descrição de fenômenos estudados, sem atentar para o conhecimento a ser produzido ou agregado no momento da elaboração do TCC. A partir do momento em que o referido autor usa a expressão “molda o profissional” reflete, de forma quase que instantânea, que a finalidade do TCC, sob seu ponto de vista, constitui-se unicamente em adequar os conhecimentos adquiridos durante o curso de graduação na fôrma normativa técnica da qual o aluno não pode prescindir.

Severino (2004) percorre os mesmos caminhos, comentando que o Trabalho de Conclusão de Curso se constitui de uma seqüência de momentos que requerem uma preparação metódica e planejada, com clareza de escolha do tema, um levantamento bibliográfico seguido da leitura e documentação dessas referências e a construção e redação do trabalho. A abordagem de Severino traz como eixo norteador do TCC a perspectiva metodológica, abordando o TCC como um momento de organizar metódica e metodologicamente o conhecimento que foi repassado durante a graduação, não deixando transparecer a compreensão dos fundamentos propedêuticos⁷ do educar pela pesquisa. Assim também para Pasquarelli (2004), que conceitua o TCC como documento que representa o resultado de um estudo, devendo expressar conhecimento do assunto escolhido, que deve ser obrigatoriamente emanado da disciplina módulo, estudo independente, curso, programa e outros ministrados, devendo ser realizado sob a coordenação de um professor orientador. Pasquarelli traz a conceituação técnica do TCC, semelhante àquelas constantes dos Projetos Político-Pedagógicos dos cursos de graduação, acrescentando o sujeito “professor orientador” até aqui não mencionado.

Esses enunciados remetem ao discurso recorrente da averiguação ou avaliação do conhecimento técnico adquirido durante a graduação, a obediência aos critérios metodológicos co-relacionados com o curso do qual emana o TCC. Em nenhum momento, encontra-se nos conceitos de TCC referência à análise de que tipo de conhecimento foi agregado ou construído durante sua elaboração, assim como não há menção à análise de como esses conhecimentos são traduzidos e significados através da produção de um texto acadêmico. Não se percebe uma atribuição de sentido para o trabalho, restringindo-o a mais uma formalidade a ser cumprida para a obtenção do título; a característica “TCC como pesquisa” e sua compreensão como gênero

⁷ Propedêutica aqui compreendida como preparação necessária à aprendizagem de ensinamentos mais completos, aplicável a qualquer ciência.

discursivo fica relegada ao segundo plano, assim como a qualidade de sua composição textual. A compreensão nesta pesquisa é que o TCC é um gênero discursivo no qual o conhecimento, construído durante o curso de graduação, alicerça a organização de fatos e dados, que resultarão em experimentos, abstrações e resultados, comunicados formalmente à comunidade acadêmica através de um trabalho escrito. A escrita exerce aqui seu papel social; o letramento acadêmico se manifesta pela utilização da metalinguagem própria do campo do saber tratado. As novas formas de organizar e entender o mundo, através da apropriação e entrecruzamento de novos enunciados e pela compreensão do gênero discursivo em que essa comunicação acontece, deve objetivar despertar ainda mais o interesse do acadêmico pela pesquisa e por sua área de conhecimento. O “espírito científico”, que se pretende como mola propulsora da elaboração do TCC, apenas se estrutura com o estabelecimento imediato de relação entre a situação real concreta e a realidade dos enunciados alheios, que fundamentam a relação dialógica que a pesquisa oferece. Como consequência, haverá o cumprimento do que a LDB considera como formação integral do acadêmico, instrumentalizada pela ética e direcionada pela moral acadêmica.

Capítulo V – O conjunto surpreendente das reações

5.1 Fundamentos da análise

A análise que segue, conforme já citado no capítulo II, que trata dos aspectos metodológicos desta pesquisa, é desenvolvida a partir de excertos textuais, selecionados da “introdução” e “conclusão” dos oito TCCs que constituem o *corpus* desta pesquisa. Esses excertos derivam das pistas lingüísticas que apontam para regularidades, que convidam a um determinado tipo de investigação: a análise de “diferentes caminhos que pode um texto percorrer para encontrar seu objeto, através da complexidade da relação com o *outro*” (AMORIM, 2004, p.155). Este outro é o interlocutor de um discurso de palavras carregadas de história, pois de acordo com a perspectiva dialógica de Bakhtin (2003), independentemente da orientação funcional de um texto (uma obra literária, um texto acadêmico, ou outro), a réplica, decorrente da atitude responsiva ativa, estará evidente e saturada da ideologia predominante no recorte histórico em que se constituiu. Para que esse processo dialógico aconteça, a linguagem o instrumentaliza e se constitui um dos principais instrumentos de formação do mundo cultural.

Para uma compreensão mais profícua do discurso contido nos excertos analisados, Bronckart (2003) indica, de um lado, que deve ser analisado o contexto de produção, que envolve as questões temporais, o lugar físico e as pessoas que elaboram e recebem o texto e, de outro lado, o contexto social subjetivo de produção, que é a formação social em que o texto é produzido, o papel que o enunciador desempenha nesse processo comunicativo, o papel do receptor e o objetivo dessa interação. O autor refere ainda que os momentos discursivos se constroem, em um primeiro momento, fundamentados nas coordenadas do tema e do mundo objetivo, social e subjetivo, representados e circundantes. Bronckart se remete a Habermas e à teoria dos mundos representados a que os signos se remetem quando fala dos mundos objetivo, social e subjetivo. O mundo objetivo é aquele referente ao mundo físico propriamente dito, neste caso o contexto de produção dos textos, que é o ambiente universitário e o

momento, a fase de conclusão do curso. O mundo social corresponde às modalidades convencionais de cooperação entre membros de um grupo, ou seja, a apropriação dos conceitos necessários para a construção do TCC, já convencionados/determinados pelo regulamento próprio de cada curso, o acordo professor-aluno relativo à orientação do TCC, a determinação de prazos comuns, etc. Ao tratar do mundo subjetivo, Bronckart (2003, p.35). aborda a análise dos signos que remetem a características próprias de cada um: o que a elaboração do TCC significa para cada aluno. Bogdan e Biklen (1994, p. 206) dão seguimento a esse raciocínio ao afirmar que, para realizar a análise dos dados, é fundamental perceber os “aspectos conceituais e substantivos” que são depreendidos à medida que as leituras dos dados são realizadas.

A análise do que é dito deve, porém, ultrapassar o nível da frase e da significação para ir em direção ao nível do enunciado e do sentido, apontando qual o reflexo dessas palavras, frases ou padrões de comportamento quando analisadas sob o ponto de vista semiótico.

O sentido a ser compreendido, através da análise do *corpus* deste trabalho, segue um itinerário: há, primeiramente, a identificação de pistas lingüísticas reveladas na utilização da linguagem própria do Design; a partir dessas pistas são definidas as orientações que delimitam os tópicos que norteiam a análise desta pesquisa. Estes tópicos são divididos em duas abordagens distintas:

1. A identificação das formas enunciativas de base, que se repetem e apontam regularidades, numa visão macro: nesse momento, busca-se condensar formas enunciativas que se repetem na escrita dos elementos textuais analisados e perceber como esses enunciados revelam a ideologia que permeia o curso de Design;
2. A contextualização das enunciações contidas nas introduções e conclusões analisadas, sob a ótica do PPP do curso de Design, que procura o discurso fundador desses enunciados, para, a seguir, perceber e compreender os eventos de letramento acadêmico ali contidos.

A partir dessas orientações, passamos a realizar a análise dos discursos que permeiam a escrita do TCC, partindo de uma visão macro da ideologia que constitui o curso de Design, ou seja, a ideologia do cotidiano refratada no curso por seus atores principais: os alunos. Essa inferência é realizada com amparo no PPP do curso para,

então, compreender como os discursos analisados refletem o letramento acadêmico de alunos que têm sua formação dentro da concepção atual de universidade que, na compreensão de Sguissardi (2008), compartilhada por essa pesquisa, é uma universidade neoliberal, heterônoma e competitiva. Esse modelo de universidade encontra, no TCC, uma das formas de revelar sua hegemonia, quando a formação voltada às exigências do mercado e a preocupação com uma formação profissiográfica reveladora de habilidades e competências específicas são materializadas lingüisticamente, no momento da escrita do TCC.

O gênero TCC se expressa pela escrita e é na produção textual que se busca os enunciados que possam sinalizar a presença de eventos de letramento acadêmico, aqui especificamente, do curso de Design.

5.2 A introdução e conclusão nos TCCs de Design

Como apontado no capítulo II, a introdução e conclusão dos TCCs, que constituem os elementos de análise deste trabalho, quando consideradas dentro do campo acadêmico em que o gênero TCC se expressa, possuem características próprias: a introdução especifica o propósito do trabalho, contextualiza e delimita o tema, apresentando a pergunta de pesquisa, o objetivo geral e os específicos e a justificativa. A conclusão realiza a intersecção entre a fundamentação teórica e os resultados obtidos através da pesquisa.

A análise do PPP (2007) do curso de Design, bem como dos textos que compõem o *corpus* desta pesquisa conduz à construção da compreensão de particularidades inerentes dos elementos textuais em questão.

Em uma visão macro, trataremos primeiramente das introduções. Para a realização dessa análise, os dados foram agrupados no quadro a seguir, que aponta as formas enunciativas de base que se repetem nesse elemento textual:

INTRODUÇÕES	FORMAS ENUNCIATIVAS QUE SE REPETEM		
	A profissão	O foco principal	O discurso ecológico
Trabalho 1	<i>O Design é necessário as nossas indústrias...</i>	<i>Pesquisar e desenvolver novos produtos na linha de mobiliário</i>	<i>Pesquisar e desenvolver novos produtos na linha de mobiliário, ecologicamente corretos</i>
Trabalho 2	<i>O Design tem destaque como um dos principais fatores para o sucesso de uma empresa</i>	<i>Criar um produto pedagógico “carteira mágica”...</i>	
Trabalho 3	<i>É fundamental mostrar que esse, como muitos outros, é um campo vasto para o designer atuar</i>	<i>Para esta idéia o desenvolvimento do produto em questão, tem por objetivo...</i>	
Trabalho 4	<i>O designer tem a responsabilidade em influenciar nas questões...</i>	<i>Criar uma peça piloto para uma linha de mobiliário</i>	<i>O profissional de Design possui consciência e responsabilidade ecológica</i>
Trabalho 5	<i>Surge então a oportunidade para o profissional designer inovar.</i>	<i>Projetar um mobiliário com função de organizar espaços...</i>	<i>Considerar uma produção mais limpa, minimizando os descartes de matéria-prima.</i>
Trabalho 6		<i>O trabalho proposto é o desenvolvimento de uma linha de luminárias decorativas...</i>	<i>A busca de materiais que remetem à natureza tem se tornado uma constante...</i>
Trabalho 7		<i>Desenvolver um produto que amenize o impacto ambiental</i>	<i>Esta pesquisa visa apresentar soluções multifuncionais, com forte apelo ecológico</i>
Trabalho 8	<i>Na atividade de design os desafios de criação dependem muito da intuição e repertório.</i>	<i>Desenvolver um projeto de produto apoiado na biônica</i>	<i>Atualmente pode-se perceber um significativo incremento na exploração do turismo ecológico, incentivado pela preocupação com a preservação do meio ambiente</i>

Quadro 2 – Formas enunciativas de base que se repetem: introduções

Fonte: a autora

A primeira forma enunciativa recorrente é a referência à profissão designer e à importância do Design no contexto atual de sociedade. Esta regularidade será analisada mais adiante no item 5.3, que trata da imagem que o aluno constrói de si, como designer.

Outra constatação, na introdução dos trabalhos, é que o foco principal é o produto a ser gerado através da elaboração do TCC. O PPP do curso (FURB, 2007, p. 24) afirma ser objetivo do TCC “integrar os conhecimentos dos alunos em forma de projeto de design de produto, com apresentação de monografia, memorial descritivo e protótipo”. Observa-se, a partir do quadro 2, que a apresentação do objetivo geral do trabalho quase sempre está relacionado ao produto, não ao trabalho de pesquisa como um todo.

Quando o PPP afirma ser objetivo do curso de Design “gerar inovação, através da formação de profissionais empreendedores qualificados para suprir as necessidades do mercado [...]”, depreende-se que as proposições de Rocha (2002), que classifica o TCC como trabalho de cunho intelectual, que molda o profissional e o habilita à tomada de decisões e abstrações esperadas de um especialista, manifestam-se dentro da perspectiva do documento citado. Essa concepção difere da compreensão desta pesquisa, na qual o TCC é um gênero discursivo no qual o conhecimento construído e agregado, durante a graduação e durante a elaboração do trabalho, serve de fundamento para a organização de fatos e dados que, após analisados, geram abstrações, experimentos e resultados, que vão muito além de um produto. Quando a formação “molda o profissional”, como afirma Rocha (2002), habilita-o a tomar decisões e a realizar abstrações que tem sempre a mesma direção; em um curso cujo foco principal é a inovação, considerar o TCC sob essa ótica é uma desconstrução do discurso fundador que permeia as atividades do Design como um todo. A questão principal situa-se no fato de que o TCC é uma proposta de realização de pesquisa dentro do campo acadêmico, que deve tomar por referência a forma composicional, a delimitação do tema e estilo próprios desse gênero. No momento em que a formação dos alunos é direcionada exclusivamente para atendimento da demanda mercadológica, o TCC se apresenta como reflexo dessa proposição, não se tornando o elemento integrador entre ensino e pesquisa, mas se constituindo apenas de uma orientação para a realização de levantamentos de dados que são inerentes à metodologia de desenvolvimento do

produto. Quando considerado sob esse prisma, o TCC não atende completamente a seu objetivo, enquanto oportunidade de inserir o aluno no universo da pesquisa científica.

Outro discurso recorrente nas introduções analisadas é o apelo ecológico às propostas de pesquisa. Essa referência à sustentabilidade e preservação ecológica encontra amparo no texto que apresenta o objetivo do curso de Design no referido PPP: “além de suprir o mercado com profissionais competentes, a visão destes profissionais deve ser focada na sustentabilidade ambiental, social, econômica, bem como na diversidade cultural”, (FURB, 2007, p. 12). Esta orientação reforça a influência que forças organizadas, que vivem nos meandros da ideologia do cotidiano que permeia o curso, exercem sobre a constituição do discurso dos alunos. Bakhtin (2006, p. 38) corrobora a idéia, afirmando que “toda refração ideológica do ser em processo de formação, seja qual for a natureza do seu material significante, é acompanhada de uma refração ideológica verbal, como fenômeno obrigatoriamente concomitante”. As concepções que os alunos constroem, acerca das questões ambientais, são fruto da ideologia permeada no dia-a-dia do curso, e encontram seu momento de refração ideológica verbal na escrita do TCC.

Já em relação às conclusões analisadas, ainda por uma visão macro, observa-se que todos os trabalhos fazem menção às especificidades do produto e suas relações com o público-alvo escolhido, conforme o quadro a seguir:

CONCLUSÕES	FORMAS ENUNCIATIVAS QUE SE REPETEM		
	O PRODUTO	O PÚBLICO-ALVO	RETOMADA DO OBJETIVO
Trabalho 1	<i>Sendo assim, procurou-se trabalhar um produto que pudesse unificar tais fatores [social, estético, ecológico].</i>	<i>O projeto consegue atender as necessidades da população</i>	<i>Através da pesquisa realizada[...]novos produtos podem ser facilmente desenvolvidos</i>
Trabalho 2	<i>Desta maneira, pode-se concluir que a carteira mágica foi produzida para ser usada como instrumento de desenvolvimento das crianças</i>	<i>...o designer deve estar atento às necessidades do mercado consumidor</i>	
Trabalho 3	<i>A caixa Reader RFID demonstra eficiência e importância que um produto do gênero merece ter.</i>	<i>É necessário adicionar características aos produtos para se diferenciarem de seus concorrentes...</i>	
Trabalho 4	<i>A peça desenvolvida atende aos itens de preservação ambiental...</i>	<i>Projetos de Eco-Design [...]vão chamar a atenção do público consumidor...</i>	<i>O objetivo geral do trabalho foi atingido com a pesquisa e desenvolvimento do banco Amazônia</i>
Trabalho 5	<i>Evidencia-se então que o produto final do trabalho é uma peça fácil de montar,...</i>	<i>Evidencia-se então que o produto final deste trabalho [...] possui enorme potencial mercadológico, visando sempre o bem estar do usuário</i>	<i>O resultado foi um mobiliário para organizar espaços com um novo conceito...</i>
Trabalho 6	<i>O estudo dos diferentes conceitos de iluminação [...] permitiram a elaboração do conceito do produto...</i>	<i>Além deste aspecto, este profissional deve estar sintonizado [...] até mesmo com as mudanças de comportamento do usuário</i>	<i>A linha de luminárias decorativas desenvolvida atingiu o objetivo geral</i>
Trabalho 7	<i>A linha de móveis Restô é uma alternativa</i>	<i>A linha de móveis Restô é uma alternativa</i>	<i>O objetivo geral desta pesquisa que desenvolveu um projeto</i>

	<i>ecologicamente correta e destinada a um público ligado a preocupações ambientais</i>	<i>ecologicamente correta e destinada a um público ligado a preocupações ambientais</i>	<i>de reaproveitamento das sobras de material [...], foi atingido.</i>
Trabalho 8	<i>O projeto do produto como resultado da proposta de interação com a biônica comprova a capacidade de envolvimento do design com diferentes áreas do conhecimento</i>	<i>... a interferência do design difere pelo ataque a cultura e conduta do usuário, seus hábitos, seu comportamento, suas aspirações.</i>	

Quadro 3 – Formas enunciativas de base que se repetem: conclusões

Fonte: a autora

No momento de suas considerações finais, o aluno compreende como atingido seu objetivo, especificamente pela elaboração do produto (ou seu protótipo). Essa postura do aluno é uma atitude responsiva diante de uma das diretrizes do ensino de graduação da FURB, constantes no PPP do Design (FURB, 2007, p.9): “investigação e compreensão científica, através do desenvolvimento das capacidades de pesquisa, voltando-se a situações idênticas às experimentadas no campo profissional”. Esta diretriz do ensino de graduação da FURB é corroborada pelo PPP do curso de Design, quando o documento aponta que um quesito de avaliação discente é a geração de inovação como “um exercício diário, uma prática criativa. Inovação não significa necessariamente invenção, Trata-se da procura de soluções que se diferenciam do mercado, buscando os consumidores não satisfeitos com os produtos em oferta no mercado” (FURB, 2007 p.55).

Essas proposições conduzem às reflexões de Ribeiro (2005) que afirma que a práxis, dentro das universidades, vem sendo produzida de acordo com as exigências do mercado. Depreende-se, pela diretriz do ensino de graduação da FURB e pelo PPP do curso de Design, que o foco da universidade passa a ser a exigência da produção de conhecimentos voltados também para a classe popular, para a classe consumidora, e não apenas para a formação cultural e científica de uma elite. Há uma migração da formação geral para a formação profissional específica. Nesse sentido, a universidade é pressionada socialmente a contemplar o ensino que oferece conhecimentos

especializados que atendam às exigências do desenvolvimento tecnológico no espaço da produção (RIBEIRO, 2005, p. 41). Ao mesmo tempo, a universidade vê seus alicerces abalados pela volatilidade das exigências mercadológicas e do perfil da formação profissional. O TCC aparece como instrumento de materialização de todo esse contexto ideológico e axiológico: a afirmação, no texto das conclusões dos TCCs, de que o objetivo do trabalho foi alcançado, através da elaboração do produto, reflete o redirecionamento do conhecimento produzido na universidade, da elite cultural e científica para a classe popular consumidora.

Soares (2003) afirma que o letramento, na educação superior, é mais um processo que um produto; da mesma forma acontece com o TCC que é um processo, e não um produto. Assim como o letramento não pode ser verificado, medido por nenhum instrumento específico, da mesma forma o conhecimento, as habilidades e a formação dos alunos não pode ser mensurada pelo TCC. Corre-se, senão, o risco de incorrer nos conceitos tecnicistas de TCC, que apenas avaliam a obediência a critérios metodológicos, ou seja, adéquam os conhecimentos adquiridos na forma normativa técnica, que está contida, inclusive, na Resolução 104/02 da FURB, que estabelece as diretrizes para a elaboração do TCC na instituição.

Depreende-se, desta leitura inicial das introduções e conclusões, que os TCCs organizam o constructo ideológico que constitui o curso de Design. Como refere Bakhtin (2003, p. 293), “não são uma forma da língua, mas uma forma típica de enunciado”.

Quanto ao tema, os TCCs apresentam conformidade ao refletir a perspectiva que o próprio PPP do curso aponta em relação ao que é ser um bom profissional da área: o designer deve desenvolver ações que evidenciem a prática organizacional, administrativa e gerencial, assumindo uma postura conceitual nas definições do projeto, adequando-o às solicitações e necessidades com inovação, culminando na conclusão que visa resultados alcançados durante todas as etapas do trabalho desenvolvido. O tema dos TCCs analisados é um sistema dinâmico de atribuição de sentido que se adapta às condições de um determinado momento (BAKHTIN, 2006). Em outras palavras, adéqua a atribuição de sentido construída pela ideologia do cotidiano durante o curso de graduação ao momento da escrita do TCC. Em relação à sua forma composicional, os TCCs apresentam relativa regularidade, mas fogem ao que é

academicamente esperado de um trabalho de pesquisa. Para o curso de Design, o TCC parece ser compreendido como o cumprimento da formalidade acadêmica constante do regulamento do trabalho, que exige a monografia. Seu principal objetivo está na projeção e construção do produto (ou protótipo), prescindindo, em sua grande maioria, de elementos fundamentais da pesquisa, como a descrição dos percursos metodológicos adotados. O que os alunos descrevem é unicamente a metodologia de desenvolvimento do produto, que difere da metodologia adotada para a realização da pesquisa.

O estilo, terceiro elemento constitutivo do gênero discursivo, que trata da forma individual de enunciar, reflete homogeneidade quanto à forma de expressar conceitos e idéias; no TCC, o estilo é funcional ou, conforme Bakhtin (2003) é um estilo aplicado a uma atividade específica de um campo específico. Essa funcionalidade do estilo não pode confundir-se com homogeneidade de enunciações, como se depreende do contexto que será analisado *a posteriori*, a partir do item 5.3.

Pode-se construir uma noção do sentido desses dois elementos textuais (a introdução e conclusão) dos TCCs em Design, partindo da constatação de que são partes de um projeto de produto, não de uma pesquisa, que têm por objetivo, na introdução do trabalho, apresentar a necessidade de um produto, seu público alvo e a relevância do trabalho do designer na sua projeção e produção. Já as conclusões apresentam-se como uma resposta ao que é considerado objetivo principal do trabalho: a apresentação do produto proposto. Há, nas conclusões, referência também às características do produto e à importância da projeção e elaboração do produto como condições para atingir o objetivo proposto para o TCC, conforme o quadro demonstrativo já apresentado (quadro 3).

Nesta pesquisa, nosso objetivo é perceber, nas teias discursivas contidas nos TCCs, reflexos do letramento acadêmico; em relação às habilidades letradas, expressar-se eficientemente dentro de um gênero específico, principalmente no que se refere à sua forma composicional e estilo, não parece um conceito clarificado⁸ e compreendido pelos acadêmicos autores dos TCCs analisados.

Partindo da análise realizada a partir de uma visão macro do *corpus* da pesquisa, construindo a noção do sentido, ou seja, procurando apontar os vieses de compreensão e

⁸ Utilizamos-nos da expressão “clarificada”, numa analogia aos processos químicos de purificação de substâncias.

significação que os alunos têm acerca do que esses elementos textuais refletem no TCC do curso de Design, partindo das formas enunciativas que se repetem, passa-se a analisar excertos das introduções e conclusões. Essa análise obedece à segunda orientação proposta, que é a contextualização das enunciações, que busca o discurso fundador desses dizeres para, então, perceber e compreender os eventos de letramento acadêmico.

O PPP do curso de Design (FURB, 2007, p. 55) apresenta uma relação de critérios de avaliação, definidos especificamente para o curso. É, à luz desses critérios, que passamos a analisar os enunciados dos alunos e a contextualização subjetiva de sua produção.

5.3 A imagem de si: “o designer”

Ao buscarmos o sentido das palavras, recorreremos ao dicionário: um repertório de palavras sobre palavras, que Bakhtin (2006) chama de significações. Porém, esta lista de palavras, no seu sentido denotativo, contém uma múltipla carga de sentidos, ou bakhtinianamente falando, temas, que se apresentam como um aperfeiçoamento do uso da linguagem, organizando os conceitos e suas definições; nesta pesquisa, passamos a denominá-la metalinguagem.

A metalinguagem reenvia o código utilizado à língua e seus elementos constitutivos, mas com um sentido próprio e expressa as idéias de comunidade ou participação, mistura ou intermediação e sucessão, e designa a linguagem que se debruça sobre si mesma.

Dentro das várias áreas do conhecimento, há, de acordo com Barbosa (2008), a constituição de universos de discursos que constroem uma metalinguagem, relacional, integradora e específica, com uma conseqüente visão de mundo própria. Ainda segundo Barbosa (2008), aprender uma ciência-base corresponde a adquirir competência e desempenho na língua de especialidade, desse modo constituída. Isso ocorre também no curso de Design, em que a competência semiótico-lingüística do universo do Design significa a habilidade de compreender e realimentar modelos científicos e concepções próprias acerca de seu mundo profissional.

A primeira pista que encontramos, navegando na metalinguagem, é a preocupação com o “falar de si”. Em todos os trabalhos analisados, tanto na introdução

como na conclusão, o aluno se refere à profissão designer de modo peculiar, como se observa nos excertos a seguir:

“O designer deve estar sempre atento a todos e a tudo o que acontece em seu redor” (T1 - conclusão).

“No mercado de trabalho o designer vem ganhando destaque a cada dia, pelos novos estudos do produto, adequando-o ao bem estar das pessoas e à sua interatividade” (T2 - introdução).

“O trabalho do designer tem alto grau de influência sobre os aspectos técnicos” (T3 - conclusão).

“... Já o designer tem a responsabilidade em influenciar nas questões ambientais, criando produtos ecologicamente corretos” (T4 - introdução).

Observa-se que a palavra designer vem sempre precedida do artigo definido o. Segundo Neves (2000, p.393), a utilização do artigo definido singular “determina um substantivo comum particularizando um indivíduo dentre os demais indivíduos da espécie”. No caso dos TCCs, a referência à profissão designer com a precedência do artigo definido o aponta para a necessidade de o aluno dizer quem ele é como profissional, quando o “artigo transforma um nome classificador em um nome identificador” (NEVES, 2000, p. 394), ou seja, o aluno não se refere, em seu texto, a um designer qualquer, mas a ele mesmo como “o designer”, que compreende e domina as habilidades necessárias para o desempenho profissional, competente e transformador.

O PPP do curso (FURB, 2007, p. 55) traz como primeiro critério de avaliação: “1. Processo e gestão: o designer deverá desenvolver ações nas quais se evidencie a prática organizacional, administrativa e gerencial do Design”. As expressões analisadas levam à compreensão da percepção que os alunos têm acerca da necessidade do desenvolvimento dessas competências específicas e refletem o que Soares (2003, p. 18) chama de alterar o estado ou condição do sujeito em “aspectos sociais, psíquicos, culturais, políticos, cognitivos, lingüísticos e econômicos”. E essas mudanças são construídas paulatinamente pelo discurso apreendido durante os anos de graduação e significadas pela ideologia do cotidiano, que envolve a estruturação da escala de valores destes alunos, como futuros profissionais. Essa ideologia do cotidiano constrói-se de forma *sui generis*: a ideologia oficial, da instituição, da qual tratamos nos itens

anteriores, na análise macro realizada do *corpus* desta pesquisa, é refratada e refletida na construção dos documentos oficiais que orientam a organização e a dinâmica do curso de Design, entre eles o PPP do curso. Esse documento foi elaborado pelos professores, que são também orientadores dos TCCs, e que são responsáveis pela formação dos alunos. Assim, a ideologia oficial, por repetição e por obrigatoriedade, acaba por assumir características da ideologia do cotidiano, quando reelaborada internamente por aqueles que formam o curso de Design, deixando de ser a ideologia oficial para tornar-se o conjunto de valores que emolduram o curso tanto coletiva quanto individualmente. A consciência individual que o aluno tem acerca da profissão designer não é, parafraseando Bakhtin (2006, p. 36), o “arquiteto dessa superestrutura, mas sim um inquilino do edifício social dos signos ideológicos”. Isso significa dizer que a construção da idéia do que é ser designer não é uma construção individual, que parte da experiencição e da construção de conhecimento do aluno individualmente, mas sim é resultante das interações sociais que acontecem durante os anos de sua formação acadêmica, quando vai absorvendo as significações ideológicas e a escala de valores predominante em seu campo de atuação. E essa interação se processa através da linguagem que é, essencialmente, social.

A concepção acerca da profissão aparece também através de outro viés, mais explícito, como se observa nas palavras salientadas nos excertos a seguir:

“No mercado de trabalho o designer vem ganhando destaque a cada dia, pelos novos estudos do produto, adequando-o ao bem estar das pessoas e à sua interatividade” (T2).

“Atualmente, o design tem destaque como um dos principais fatores para o sucesso de uma empresa, desde o desenvolvimento do produto e serviços até sua comercialização, por meio da otimização de custos, embalagens, material promocional, padrões de estética, identidade visual, adequação de materiais, fabricação e ergonomia” (T2).

“O trabalho do designer tem alto grau de influência sobre os aspectos técnicos” (T3).

Segundo o dicionário Houaiss (2003, p. 231), a palavra destaque significa *distinção, evidência, importância, realce, relevo, ressaltado, proeminência, relevância,*

vulto. Compreendendo e salientando dessa forma a profissão designer, os alunos, no momento da escrita do TCC, revelam o lugar social de onde estão falando: futuros profissionais conscientes⁹ da relevância da profissão que escolheram para o mundo moderno. A palavra influência, que segundo o mesmo dicionário (p. 382), é sinônima de ação, domínio, entusiasmo e prestígio, vem corroborar a idéia construída acerca da profissão designer. Neste momento, depreende-se o texto analisado como

um produto e um processo: é um produto no sentido de ser resultado de um contexto de situação e de cultura particular; é um processo no sentido de exigir contínua escolha semântica, cada conjunto de escolhas constituindo ambiente para um outro conjunto (MAGALHÃES, 1995, p. 206).

Para o aluno, perceber o destaque e a influência que o designer exerce sobre as várias áreas envolvidas na projeção e produção de um produto, significa saber qual o papel a ser desempenhado como profissional, compreendendo o sentido e a valoração atribuídos ao Design: uma área do conhecimento que se traduz em inovação e que é relevante e indispensável na adequação dos produtos às necessidades do ser humano, tanto nos aspectos que envolvem usabilidade, como naqueles que tratam da estética conforme se depreende do PPP do curso.

A análise do contexto dessas formas enunciativas apontou para regularidades, que são construídas a partir da necessidade de uma forma de expressão da consciência semiótica e representa o discurso de consenso, que também deriva das proposições pedagógicas do curso. Quando no PPP (FURB, 2007, p.55), apresenta como segundo critério de avaliação: “2. Fundamentação Conceitual: ... o designer deverá assumir sempre uma postura conceitual nas definições de seu projeto”, depreende-se que essa postura refere-se tanto à expressão das soluções encontradas em seus projetos, como seu posicionamento profissional.

A imagem de si enquanto futuro profissional, construída pelo acadêmico durante os anos da graduação, remete à consideração do que Sguissardi (2008) chama de universidade heterônoma, cujas funções, prioridades, organizações e atividades são consoantes, ou pelo menos direcionadas, à lógica mercantilista. A prioridade é construir a imagem do profissional competente que desenvolveu todas as habilidades que possivelmente serão solicitadas pelo mercado de trabalho. Chauí (201, p. 182) vem ao

⁹ A Teoria da Enunciação considera que, para que o sujeito tenha atitude responsiva diante dos enunciados, necessariamente deve ser um sujeito consciente (BAKHTIN, 2003).

encontro desta perspectiva quando afirma que a educação, de direito passou a ser um serviço. Há na atualidade, o que Ribeiro (2005, p. 46) chama de relação paradoxal entre a universidade e a sociedade; esta apresenta uma gama de novas demandas que exigem uma série de re-configurações daquela. Essas reconfigurações levam ao desaparecimento de alguns cursos e ao surgimento de outros, como uma resposta à sociedade, através do “selo de qualidade” atribuído aos cursos pela avaliação institucional como um todo, que obedece a critérios externos à universidade. A instrumentalização dessa dinâmica é o diploma universitário, que “oficializa saberes e práticas com o pomposo nome de ciência” (RIBEIRO, 2005 p. 47).

Dentro do contexto de universidade heterônoma, os alunos são chamados a afirmar suas competências, através de um gênero que pertence ao campo acadêmico e fala ao mercado, não à academia. Eis, em cena, o TCC, que continua obedecendo a uma forma composicional específica, tratando de temas que apresentam certa conformidade, mas encontrando dificuldades em expressar o estilo, que aparece engessado na ideologia do cotidiano, que deriva da ideologia oficial reelaborada individual e coletivamente. Nesse sentido, o discurso dos alunos é carregado de similaridades. Segundo Goulart (2006), a inserção em práticas letradas traz como consequência a participação em determinada forma de discurso, e os textos analisados até aqui não conduzem à percepção de uma construção realizada pelo aluno que discute e reelabora as afirmações apreendidas da ideologia do cotidiano: apontam para um estilo individual que quer dizer sempre a mesma coisa.

5.4 Mecanismos de adequação

Outra regularidade encontrada na leitura do *corpus* dessa pesquisa é a referência à adequação projetual que, em Design, significa relacionar o produto com variantes e condicionantes pré-concebidas (FURB, 2007, p. 69). A preocupação em atender a adequação projetual no momento do TCC se encontra, nesta pesquisa, salientada nos excertos a seguir:

“O Design é necessário às nossas indústrias para produzir o produto certo, pelo preço certo, para o mercado certo” (T1 – introdução).

“No Design, a expectativa de um projeto de produto é atender o que é estipulado como uma necessidade física e cultural do ser humano” (T8 – conclusão).

A adequação projetual, relacionada ao produto certo, com preço e público certos, que tem como principal objetivo atender às necessidades humanas já estipuladas, é a paráfrase do que prevê o PPP do curso (FURB, 2007, p. 69) em seu primeiro critério de avaliação, que diz que adequação projetual significa que o designer deve se ater às solicitações e necessidades do projeto, relacionando-os com variantes e condicionantes pré-concebidas. Bronckart (2003), quando faz uma releitura da teoria da enunciação, traz os conceitos bakhtinianos para uma perspectiva mais didática, aplicável à pesquisa em Ciências Humanas. Nesse sentido, o autor leva a perceber que os termos destacados têm por objetivo fazer perceber que “as propriedades específicas das condutas humanas são resultado de um processo histórico de socialização, possibilitado pela emergência e desenvolvimento dos instrumentos semióticos” (*op. cit.*, p. 153). É o mesmo que afirmar, pelo viés da teoria da enunciação, que a construção desses dizeres é fruto do processo dialógico, socialmente construído e manifestado pela ideologia que se apresenta desde o PPP do curso até a escrita do TCC, em um fluxo contínuo, intermitente.

Em relação ao contexto de produção desses elementos textuais, não se pode perder de vista o novo paradigma em que a universidade está inserida: se antes a intenção era formar lideranças intelectuais e produzir novos conhecimentos; hoje a universidade tem por objetivo reunir a formação intelectual e o trabalho, conforme Ribeiro (2005).

A fusão entre formação intelectual e trabalho busca, ainda segundo o PPP do curso (FURB, 2007), fundamentar-se na inovação. Isso porque é fundamental para o designer “inovador navegar em várias dimensões do conhecimento e entender que as soluções inovadoras se encontram nas encruzilhadas intelectuais e nas conexões dos conhecimentos” (BEZERRA, 2008). Esta relevância da inovação é que se expressa nas palavras destacadas a seguir:

“Mostra-se então uma grande lacuna entre o que é oferecido e o que pode ser considerado como ideal. Surge então uma oportunidade para o profissional innovar” (T5 – introdução).

A inovação também é critério de avaliação do curso de Design: “um produto de Design é antes de tudo um produto útil, que atende às necessidades”(FURB, 2007, p.69). Nesse sentido, as lacunas devem ser percebidas pelos alunos e transformadas pela

intuição em um momento de inovação, ou seja, o aluno deve valer-se do conhecimento adquirido para perceber as lacunas existentes quanto às necessidades humanas e inovar com base na sua intuição. O momento articulador desses elementos é a pesquisa e desenvolvimento do produto, que encontra seu espaço no TCC, onde o conhecimento pode ser reconstruído, incluindo-se, nessa reconstrução, interpretações e formulações pessoais, em um contexto de aprender a aprender, conforme Demo (2000). A exigência do TCC, para a grande maioria dos cursos de graduação da FURB, denota o esforço pedagógico em construir essa articulação.

A pesquisa, realizada no momento de elaborar o TCC, exige dos alunos de Design uma reestruturação de sua escala de valores e uma transposição para um universo muito diferente do seu universo de origem. Esses alunos utilizam o desenho como representação simbólica predominante e, ao escrever o TCC, necessitam desenvolver capacidades que vão além da decodificação dos códigos da escrita, aliados à sua capacidade narrativa; necessitam perceber, apreender, compreender e significar conhecimentos para aplicá-los na prática que é a elaboração do produto. Conclui-se preliminarmente, que somente através desses domínios acerca dos conhecimentos construídos ou agregados é que pode-se falar em processo de letramento ou alunos letrados que se inserem, de acordo com Kleiman (1995, p. 19), “em um conjunto de práticas sociais que usam a escrita enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para fins específicos”.

Outro elemento que se destaca, na leitura dos textos selecionados, se refere ao discurso da obrigatoriedade, que será analisado a seguir.

5.5 O designer “deve” e “é”

Quando trata do quinto critério de avaliação, referente a aspectos que envolvem comprometimento, o PPP do Design (FURB, 2007, p.70) estabelece como critério de avaliação discente:

Este é um item no qual o professor avalia a participação do aluno (atitude individual) em todo projeto e processo de trabalho. Abrange desde a participação em grupo (trabalho e contribuição com propostas), participação em debates, leituras, e outras atividades desenvolvidas em classe.

Tendo por base os critérios apontados no TCC, e no propósito de contemplá-los, os alunos constroem uma compreensão peculiar acerca do que é esperado dele como designer.

A construção da compreensão dos alunos acerca desse critério de avaliação é sugerida pelas palavras destacadas nos excertos que se seguem:

“O designer deve estar atento a todos e a tudo o que acontece em seu redor”
(T1 – conclusão).

“É necessário que o designer tenha uma série de informações acerca do problema para maior segurança no projeto” (T3 - introdução).

“... Este por sua vez, (o protótipo do produto final) apresentou varias dificuldades de funcionamento, o que deixou evidente o quão o designer deve estar atento e solucionar as dificuldades que aparecem no decorrer do projeto” (T6 - conclusão).

“O designer deve gerar várias soluções para um mesmo problema, a partir delas fazer comparações e combinações, para então selecionar a solução mais adequada”(T8 - conclusão).

As expressões deve e é foram destacadas porque emolduram o discurso que apresenta como regularidade a obrigatoriedade. São expressões determinantes, construídas na interação com as ações e discursos de outrem que, segundo Bonckart (2003, p. 321), “mesmo quando são alvo de uma reorganização singular, resultante de dimensão experiencial própria de cada pessoa, continuam portando traços dessa alteridade constitutiva”.

Na revelação do discurso de obrigatoriedade, depara-se com a constituição social do enunciado. O discurso da obrigatoriedade tem uma constituição social: é um enunciado que espera uma atitude responsiva ativa do aluno, formando em Design, diante daquilo que ele “deve ser”. A compreensão dessas formas de discurso conduz a uma reflexão a partir do processo de letramento sob a ótica do modelo ideológico que, conforme Street (1995), encontra suas práticas encapsuladas em estruturas de poder, determinadas pelas variantes contextuais, tanto durante a formação dos acadêmicos, quanto no momento de escrever o TCC. As estruturas de poder, em relação ao TCC

especificamente, estão aqui representadas pelos destinatários imediatos do TCC: o orientador e a banca avaliadora. O discurso fundador do que é afirmado nos TCCs tem sua origem em seus destinatários: são esses mesmos professores, que orientam e compõem a banca, que são os enunciadores e, conforme a teoria da enunciação, através de uma atitude provocativa, procuram suscitar no aluno a atitude responsiva ativa às enunciações já ditas e, inclusive, àquelas que ainda estão por vir.

Para que possa traduzir suas competências acerca do que é proposto pelo PPP, em relação à sua capacidade de gerenciamento, participação e trabalho em grupo, o aluno, através do TCC, mostra-se disposto a assumir responsabilidades inerentes ao seu campo de atuação profissional, para que possa ser considerado apto a ser um profissional designer. Isto se depreende da seleção dos seguintes excertos:

“Portanto é de responsabilidade do designer também, além da preocupação quanto ao tipo de material a ser utilizado, como ele é extraído da natureza, o impacto que provoca, ou a maneira que ele é produzido, o descarte do produto, é item constante da planilha de criação de um novo produto” (T1 – introdução).

“É preciso que haja políticas ambientais e fiscalização que controle o desenvolvimento desgovernado e insustentável para as populações. Já o designer tem a responsabilidade em influenciar nas questões ambientais, criando produtos ecologicamente corretos” (T4 – introdução).

A palavra responsabilidade é o indicador da disposição do aluno de Design em assumir o *dever, compromisso, encargo, incumbência, tarefa* (HOUAISS, 2003, p.585) inerente à profissão. Mais uma vez, depreende-se a formação universitária desencadeada em um contexto em que a universidade cria um cenário no qual ciência e tecnologia são, conforme Ribeiro (2005), agentes de acúmulo de capital. Ao compreendermos o gênero como uma forma que não é fixa nem cristalizada, mas constituída na relação heterogênea com outros gêneros, uma vez que é no enunciado que o gênero adquire sua concretude, a utilização da palavra responsabilidade indica, segundo Ribeiro (*op. cit.* p.207/208) que “é preciso admitir que forças externas estão sempre em concorrência com as constrições que convencionam a forma genérica no interior de uma dada atividade social”, como acontece com os TCCs.

A palavra tem, também destacada nos excertos, exerce função de modalização pragmática, quando contribui com os aspectos constitutivos do tema “profissão designer”. Implica elementos necessariamente constitutivos da profissão e não abre opções para o grau de relevância do designer, refletindo o nível de compromisso assumido pelo aluno com os conceitos construídos acerca da profissão, quase como verdades incontestáveis. É a tradução dos valores, regras, responsabilidades do mundo social em que o texto analisado é produzido, bem como “a explicitação de alguns aspectos da responsabilidade de uma entidade constitutiva de conteúdo temático, em relação às ações em que é o agente, e atribuem a esse agente intenções, razões ou ainda capacidades de ação” (BRONCKART, 2003, p. 331).

O TCC, mais uma vez, tem o endereço de seu destinatário modificado. Não fala à academia, mas ao mercado. Fala a um mercado que espera a universidade neoliberal, que busca a inovação de produtos e processos, através de currículos direcionados à demanda mercadológica, melhor preparação do aluno para o trabalho, com menor custo *per capita* (SGUISSARDI, 2008, p. 14).

O cenário, que se estrutura até esse instante da análise, aponta para enunciados que parecem apenas repetir o discurso apreendido da ideologia oficial que reelabora na ideologia do cotidiano que atua na constituição do curso de Design. Essa ideologia encontra seu espaço na universidade, que adota um novo paradigma de fusão entre ensino e trabalho. Neste contexto, são produzidos os TCCs. Estes apresentam conformidade quanto aos temas que abordam, escolhidos em concordância com as “variantes e determinantes pré-estabelecidas” do PPP do curso. Procuram ainda se manter dentro da conformidade da forma composicional, determinada inclusive pela normativa da Universidade (Resolução 104/02). Porém, quanto ao terceiro elemento caracterizador do gênero discursivo, os TCCs apontam para um estilo individual engessado na conformidade de expressão estanque e repetitiva do discurso fundador do curso, presente e prescrito no PPP (FURB, 2007).

Esse cenário desvela a presença do letramento autônomo dos autores do *corpus* da pesquisa, que dominam os códigos da escrita e os utilizam com base em sua capacidade narrativa. Como já discutido no capítulo IV, nesta pesquisa o letramento acadêmico é aquele que se expressa pela manifestação das habilidades letradas, construídas de acordo com a área de conhecimento específica de formação no meio

acadêmico, associadas à estrutura de valores que as sustenta e ao reflexo de sua aplicabilidade prática, no momento de expressar o conhecimento construído ou agregado. É importante lembrar que, ao conceituar o letramento acadêmico, o constructo conceitual foi realizado a partir do letramento concebido sob a ótica ideológica de Street (1995).

O domínio das habilidades letradas insinua-se construído e significado dentro da área de conhecimento específica – Design. Aponta para uma reestruturação da escala de valores dos alunos que sustenta o domínio das habilidades letradas. Entretanto, o alicerce dos dizeres parece ser a homogeneidade do discurso que é aceito pelo grupo, que aqui inclui instituição, professores e os próprios alunos. Denota-se que a dificuldade em materializar linguisticamente o constructo ideológico, que fundamenta as afirmações feitas nos TCCs ocorre devido à ausência da propriedade de reelaborar o discurso: de apresentar uma atitude responsiva aos enunciados desse discurso. A consciência dos sujeitos acerca da importância do que escrevem aparece como a necessidade de dizer o que quer ser lido. A grande ausência é a lacuna do processo de letramento acadêmico, como compreendido nesta pesquisa.

5.6 O discurso generalista

Da mesma forma como o discurso da obrigatoriedade, outro discurso emerge da ideologia que permeia o curso aqui estudado: o discurso generalista. Esta forma de discurso desvela-se nas expressões sublinhadas a seguir:

“O designer deve estar atento a todos e a tudo o que acontece em seu redor”
(T1 – Conclusão).

“É necessário que o designer tenha uma série de informações acerca do problema para maior segurança no projeto” (T3 - introdução).

“O designer deve gerar várias soluções para um mesmo problema, a partir delas fazer comparações e combinações, para então selecionar a solução mais adequada” (T8 - conclusão).

De acordo com Bezerra (2008, p. 17), “a competência em solucionar problemas de design é uma característica cada vez mais valorizada no mercado global”. Essa assertiva conduz à compreensão de que a presença do discurso generalista, sinalizado

pelas expressões sublinhadas nos excertos acima, parece estratégica, no sentido de uma construção discursiva que remete à condição de habilidade para encontrar respostas a todos os possíveis impasses com que o designer venha a se confrontar, ao mesmo tempo em que legitima os mais variados sentidos que se possam aplicar às expressões destacadas. Trata-se de uma construção discursiva que apresenta um pano de fundo semiótico-valorativo significativo de crença de que não há limites para os patamares de competência que o profissional possa alcançar. O discurso generalista conduz, porém, a uma situação de risco: se o conhecimento é utilizado adequadamente, ele facilita a compreensão e ajuda a entender complexidades; contudo, “quando o conhecimento não é usado de maneira adequada, ele pode nos levar a estados de confusão, dificultando o foco e aumentando a complexidade” (BEZERRA, 2008, p. 40). A complexidade aqui deve ser compreendida como o ciclo de complexidade do Design: quando se soluciona um problema, criam-se outros.

5.7 Os discursos e uma analogia

Os discursos que se apresentam até agora conduzem a buscar o aporte teórico de Elias (2000) que, após desenvolver uma pesquisa acerca das relações entre grupos sociais que residiam em um mesmo bairro operário, percebeu a cisão que havia entre os sujeitos de sua pesquisa. Havia dois grupos principais: os *stablished* (estabelecidos) e os *outsiders* (do lado de fora). O primeiro grupo se constituía de moradores antigos e o segundo, eram os novos moradores que ali se estabeleciam por trabalharem naquela região. Em suas análises e considerações, Elias (2000) leva à compreensão da importância do pertencimento a determinado grupo social, que possui representatividade de poder, bem como as consequências do insucesso desse processo de inserção.

Diante das afirmações apreendidas da análise das introduções e conclusões dos TCCs do curso de Design, procuram-se adequar os conceitos discutidos por Elias (2000) ao objeto desta pesquisa.

Entre os alunos do curso de Design, percebe-se esse mesmo anseio pelo pertencimento ao grupo dos *stablished*, uma vez que, em todo o *corpus*, há referências à importância da profissão designer. Para que esse pertencimento se efetive, os discursos revelam condições a serem observadas para que se possa fazer parte do *stablished* que são: a presença da auto-regulação, do discurso da obrigatoriedade e da reafirmação da importância da profissão. Segundo Elias (2000, p. 26), fundamentalmente ligada ao

orgulho do pertencimento a determinado grupo, que possua representatividade de poder, está “a disposição dos membros desse grupo a se submeterem às obrigações que lhe são impostas pelo fato de pertencerem a esse grupo”. Pode-se aqui retomar os dizeres, já analisados nos itens anteriores, que remetem à identificação “do designer”, ao que ele é e deve ser, bem como à sua disposição em assumir as responsabilidades inerentes à profissão. Nesse contexto, situa-se a auto-regulação que o grupo exerce sobre si mesmo e como essa auto-regulação se vincula à opinião interna do grupo, porque a imagem preponderante é que os indivíduos *outsiders* são tidos como não observantes dessa responsabilidade sobre sua imagem. Esse é um dos aspectos mais relevantes na relação com o *stablished*.

Essa analogia vem corroborar a idéia de uma lacuna no processo de letramento acadêmico; é dito o que se quer ouvir dizer, não o que se constrói ou agrega em termos de conhecimento. A questão parece não se situar necessariamente na falta de instrumentos para o desencadeamento desse processo de letramento acadêmico, mas sim na ausência de um interesse legítimo e de um endereço certo. O conjunto de reações desencadeadas por essa análise não é tão surpreendente. Nesta pesquisa, o letramento acadêmico é sinônimo de domínio de habilidades letradas que são construídas de acordo com a área de conhecimento específica em que são utilizadas. Essas habilidades implicam também uma reestruturação axiológica, que as sustenta e instrumentaliza no momento de sua aplicabilidade.

A construção desse processo de letramento transcende a preocupação com os problemas de escrita, forma composicional ou estilo individual, apesar desses elementos serem imprescindíveis ao processo, mas em um segundo momento. A primeira abordagem referente ao letramento acadêmico deve procurar seu centro na alteração da condição ou *status quo* do aluno, no sentido de torná-lo apto ao que Goulart (2006) chama de competência de participar de determinada forma de discurso, que provoca mudanças adjacentes que envolvem os aspectos culturais, sociais, políticos, econômicos e lingüísticos. Essas mudanças decorrem não apenas do domínio do que esta pesquisa chamou de metalinguagem da profissão, mas sim da análise qualitativa que o aluno deveria ser capaz de realizar à luz da escala de valores que construiu dialogicamente, durante os anos de graduação.

Capítulo VI - Transmutando chumbo em ouro

6.1 Considerações (nunca finais)

Este capítulo apresenta-se como um fechamento às discussões anteriormente apresentadas. Mas trata-se de considerações que não tem o caráter de finalizar essa pesquisa, pois a linguagem, considerada dialogicamente, concebe os saberes e dizeres como flexíveis e inacabados. Para tecer as considerações (nunca) finais desse trabalho, parte-se do macro para o micro, ou seja, parte-se do desvelar a compreensão ampla do sentido da linguagem, para, a seguir, contemplar os objetivos propostos para essa pesquisa.

No decorrer deste trabalho, o leitor deparou-se com títulos capitulares que remetem a conceitos da alquimia, o que, acredita-se, permanece ainda envolto em interrogações. Tal estratégia foi adotada pelo fato de que a compreensão da linguagem, em uma analogia aos processos alquímicos, encontrou seu ápice no momento em que foi possível olhar o constructo da pesquisa como um todo e construir as considerações acerca do tema, apesar de já, no capítulo introdutório, ser feita menção a essa analogia.

A alquimia é a busca de uma substância, a Pedra Filosofal, capaz de transmutar metais vis em ouro ou conferir a imortalidade ao homem, acompanhando ou simbolizando a procura da perfeição espiritual. A Pedra Filosofal é uma metáfora para a mudança interior do ser humano: a evolução do ser para um estado evolutivo superior, com conhecimento.

Partindo dessa compreensão, o desenvolvimento desta pesquisa conduziu a realizar uma aproximação entre os processos da alquimia e da escrita. Como não somos especialistas na arte alquímica, não foi realizado um comparativo: apenas uma aproximação no que tange ao processo construtivo da escrita, que acontece dentro de uma intencionalidade concreta e que leva a palavra a uma verdadeira transmutação, de objeto material para puro signo. Considera-se esta pesquisa “um grande laboratório a ser explorado”, pois é nos laboratórios, com experimentos e constantes leituras e releituras, que o alquimista, nas várias etapas de transformação da matéria, gradativamente transforma a própria consciência.

O capítulo metodológico foi denominado “Ensaio, combinações e reagentes” porque a alquimia é uma tradição antiga que combina elementos de várias ciências; da mesma forma, foi necessário conhecer profundamente vários vieses metodológicos possíveis para que, por fim, fosse escolhida a metodologia que melhor respondesse ao objetivo de situar no universo silencioso da escrita e dali depreender os sentidos contidos na materialização lingüística dos dizeres dos autores dos TCCs.

Após a escolha do percurso metodológico, passamos a realizar “interloquções alquímicas”, procurando em vários autores a compreensão do contexto de produção dos objetos desta pesquisa, já que a alquimia é uma arte filosófica, com diferentes maneiras de ver o mundo. Depreendeu-se dessas interloquções, que a universidade hoje procura desempenhar suas funções dentro de um modelo híbrido, que envolve tanto as características neo-napoleônicas como neo-hulboldtianas; esse hibridismo, que acontece por superposição de modelos e não por uma junção de elementos, decorre da mudança de paradigmas que envolvem o ensino superior no Brasil. Há, atualmente, a fusão entre ensino e trabalho, e um direcionamento específico para a formação profissiográfica voltada à demanda estabelecida pelo mercado. Dentro desse contexto, a universidade tem ainda a obrigação constitucional de fundamentar-se no tripé indissociável do ensino, pesquisa e extensão e encontra, na exigência da elaboração do TCC, um dos elementos articuladores entre ensino e pesquisa. O TCC, então, apresenta-se, no contexto universitário, no mínimo como multifocal: é um dos elementos articuladores entre o ensino e a pesquisa na graduação, juntamente com a iniciação científica, com o diferencial de ser inclusivo, mas que não perde de vista o desenvolvimento de competências e habilidades que decorrem da demanda mercadológica.

Conhecendo o contexto de produção dos TCCs, para que pudessem ser realizadas as análises propostas, foi necessária a construção da Pedra Filosofal: o elemento que permitiu a compreensão dos dados, desvelando como a materialização lingüística das enunciações dos autores dos TCCs revela o processo de transformação de chumbo em ouro: o processo de letramento acadêmico. E nossa Pedra Filosofal é a linguagem, analisada pela ótica da teoria da enunciação, em uma intersecção com o letramento acadêmico, compreendido pelo viés dos Novos Estudos do Letramento.

Diante das análises realizadas, pelas leituras e releituras, o “conjunto surpreendente de reações” passou a tomar corpo. Na análise macro dos elementos

textuais selecionados como *corpus* desta pesquisa, depreendeu-se que possuem um sentido próprio: sua função principal é organizar o constructo ideológico do curso de Design. Para tanto, fixam-se em elementos considerados essenciais ao profissional designer, como o discurso ecológico, o foco no produto e a própria compreensão da importância da profissão na atualidade. Pelo viés de compreensão deste trabalho, esta análise conduz a perceber, preliminarmente, que o conceito de TCC como pesquisa acadêmica fica prejudicado.

Quando foi realizada uma análise micro do *corpus* da pesquisa, encontramos discursos que são dominantes. O primeiro deles trata da imagem que o aluno constrói sobre si, como futuro designer: a referência à profissão vem precedida de elementos identificadores do profissional que compreende e domina as habilidades do designer competente e transformador. Conclui-se que essa construção não é individual, mas resultante das interações que acontecem durante os anos de graduação, que encontram seu momento de materialização na escrita do TCC. Esta conclusão corrobora a idéia de que a linguagem é sociamente construída, portanto é inacabada e flexível.

Outro discurso recorrente é o discurso da obrigatoriedade, que é resultado da constituição social do enunciado. Neste caso, a atitude responsiva do aluno consiste em assumir as responsabilidades decorrentes do que as estruturas de poder do curso consideram como fundamentais ao bom designer. As estruturas de poder são aqui representadas pelos destinatários do TCC, que são ao mesmo tempo enunciadores da ideologia do cotidiano que permeia o curso. É, portanto, importante que o aluno deixe claro para esses destinatários que compreende o que o profissional de Design “é” e “deve ser”. Essas reflexões vão ao encontro aos conceitos de letramento ideológico (Street, 1995) e à compreensão desta pesquisa acerca do letramento acadêmico: a construção de habilidades letradas, voltadas a uma área específica em que serão utilizadas e que se alicerçam em uma estrutura axiológica, elaborada pelo aluno. A elaboração, nesse caso, acontece pela apreensão da ideologia do cotidiano, que é uma adequação da ideologia oficial da universidade e não por uma re-elaboração da escala de valores do aluno, por reflexão crítica própria.

Na academia, não há como prescindir do letramento considerado pelo viés do modelo autônomo: o aluno, em um curso de graduação, *a priori* é capaz de decodificar símbolos escritos, captar e construir significados, refletir e concluir acerca de textos

(SOARES, 2003). Quando o letramento é considerado sob a ótica do modelo ideológico, é responsável não só pela decodificação dos símbolos escritos e sua interpretação, mas também pela provocação de mudanças adjacentes ao processo, que modificam as condições em que o sujeito está inserido e entram em consonância com nossa compreensão acerca do letramento acadêmico.

A partir da análise dos dados, e dos discursos apreendidos deste exercício, conclui-se que, como preconizam os Novos Estudos do Letramento, não há apenas um letramento, mas vários, e esta constatação se encontra refletida nos TCCs do curso de Design: há o letramento acadêmico e o letramento profissiográfico.

O letramento acadêmico é percebido na observância, pelos alunos, da conformidade quanto ao tema a ser abordado, quanto à forma composicional, que obedece ao prescrito na ABNT e ao estilo ou forma individual de enunciar. Há a compreensão do TCC como gênero que pertence ao campo acadêmico. Já o letramento profissiográfico é aquele que se manifesta nos discursos depreendidos das análises dos excertos selecionados, que tratam da importância da profissão designer e das obrigatoriedades. Esses discursos vêm acompanhados ainda dos mecanismos de adequação às demandas do mercado e do discurso generalista, que parece idealizar o designer que não encontra obstáculos para identificar todas as soluções para todos os problemas.

Partindo dessas considerações, surge uma importante questão: o que é, para a universidade e para o curso de Design hoje, um aluno academicamente letrado?

Caso tenhamos por compreensão, como é o caso desta pesquisa, que o letramento acadêmico é o domínio de habilidades específicas de uma determinada área de conhecimento, que vem alicerçada na construção de valores realizada pela releitura e re-significação das ideologias que constituem o campo de atuação do aluno, podemos afirmar que existem lacunas importantes nesse processo, reveladas nos TCCs: o aluno ainda não se vê inserido no contexto de uma pesquisa, não desperta para a curiosidade própria do pesquisador, em que a construção de conhecimento é o fator mais relevante, e não a projeção e construção de um produto. Este é apenas parte do processo.

Entretanto, em se tratando do que denominamos letramento profissiográfico, o aluno letrado é aquele capaz de atender às exigências referentes às suas competências e

habilidades como profissional designer. Sua preocupação não é a do pesquisador, mas do profissional, que precisa ater-se às demandas externas de mercado e público, e, portanto, deve ter seu foco no produto, como objetivo principal.

Assim, se considerarmos o contexto em que a universidade atua, dentro de um hibridismo indeterminado pela sobreposição de modelos opostos, que visa satisfazer às necessidades do mercado, através de uma gestão heterônoma e competitiva, estes alunos, que falam através do TCC, podem ser considerados sujeitos, profissiograficamente letrados.

Bezerra (2008, p. 57), ao refletir acerca do Design na atualidade, afirma que “quanto mais o foco dos processos de Design está no designer, mais difícil é expor as idéias e conceitos à crítica”. Esta afirmação vem ao encontro da proposição de que, dentro do contexto de universidade, quanto mais o letramento é profissiográfico, mais difícil se torna desencadear as mudanças adjacentes ao processo de letramento em todos os aspectos e menos criticidade e autonomia são desenvolvidas, principalmente porque, em sua essência, “o ato de Design é um ato de antecipação” (*op. cit.* p.47), que sempre cria para o futuro, nunca para o passado.

Conduzir o processo de letramento voltado quase que exclusivamente para o aspecto profissional é reduzir o potencial da universidade à reprodução de um único processo cognitivo. Porém, o letramento, se compreendido como o desenvolvimento de habilidades específicas, a serem utilizadas em determinada área do conhecimento, mas que tem seu fundamento no que o aluno constrói e elabora pela sua capacidade de “falar sobre”, interpretar e re-significar as ideologias que permeiam o dia-a-dia, torna a todos capazes de produzir conceitos que nos levem a situações melhores. “Em outras palavras, somos todos designers” (*op. cit.* p. 30).

A transmutação de chumbo em ouro tem sua Pedra Filosofal na construção social da linguagem, que encontra sua *performance* refratada nas relações dialógicas que acontecem, tanto nos gêneros primários, do diálogo cotidiano, como nos gêneros secundários, aqui representados pelo gênero TCC. O processo de letramento terá seu endereço reformulado, deixando de atender somente à somatória prescritiva do mercado e gerando conhecimento, através do desenvolvimento de conceitos e ideais, quando a ideologia oficial deixar de ser determinante e for apenas um dos elementos a considerar na construção da ideologia do cotidiano que constitui o curso de Design. A alquimia

acontece não somente pelo fazer diferente, mas pela mudança de consciência. Assim são as palavras, minha alquimia.

Este trabalho, ao alcançar os objetivos a que se propôs, traz subsídios para repensar a forma com que se desenvolvem os processos de ensino-aprendizagem no ensino superior, bem como questionar a forma como os TCCs são propostos, avaliados e considerados.

Caminhos se abrem à continuidade deste estudo, diante da possibilidade de averiguar, desenvolver e estimular novas formas de desenvolver o TCC, para que este atinja seu escopo de realizar a intersecção entre o ensino e a pesquisa, ao mesmo tempo em que é instrumento de ensino pela pesquisa.

Referências

- AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro**. Bakhtin nas Ciências Humanas. São Paulo: Musa, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 4.ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BARBOSA, Maria Aparecida. **Transposições vocabulares e terminologias em campos lexicais**: ensino da metalinguagem científica. Disponível em www.filologia.org.br/vicnfl/anais/caderno_7_-_15.html. Acessado em setembro de 2008.
- BAUER, Martin. GASKEL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- BEZERRA, Charles. **O designer humilde**. Lógica e ética para inovação. São Paulo: Ed. Rosari Ltda, 2008.
- BOGDAN, Robert. BIKLEN Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação**: uma introdução à teoria, e aos métodos. Trad. Maria João Alvarez [et al]. Porto: Porto Ed., 1994.
- BRABANDERE, Luc. **A Gestão de Idéias**: da criatividade à inovação. Paris: Dunod, 1998.
- BRAIT, Beth. **Bakhtin: conceitos-chave**. 4. ed. – São Paulo: Contexto, 2007.
- _____. **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm - acessado em agosto de 2008.
- _____. MEC – **Ministério da Educação**. Disponível em www.mec.gov.br – acessado em julho de 2008.
- _____. **PNE – Plano Nacional de Educação, 2000** Disponível em www.mec.gov.br/arquivos/pdf/pne.pdf – acessado em julho de 2008.
- BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de Linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo sócio discursivo. São Paulo: Educ, 2003.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. **Escritos sobre a Universidade**. São Paulo: UNESP, 2001.
- _____. **Cultura e democracia**: o discurso competente e outras falas. 11. Ed.rev. e ampl. – São Paulo: Cortez, 2006.

CRUZ, Carlos Henrique de Brito. **A Universidade brasileira no século XXI**. Folha de S. Paulo. Caderno A, 19/04/02, p.3, col.1-3.

_____. **A Universidade e o estímulo à pesquisa**. Gazeta Mercantil, São Paulo, 03/05 nov. 2006. Caderno A, p. 3, col. 1-4.

D'ÁVILA, Cid Domingues. **Discursos que instituem e ensinam o que é Design e o que é ser designer**. 3. Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação. ULBRA. Canoas – RS: 04-06/08/2008.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. São Paulo: Editora Autores Associados, 2000.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1977.

ELIAS. Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade** /Norbert Elias e John L. Scotson ; tradução Vera Ribeiro ; tradução e posfácio à edição alemã Pedro Sussekind ; apresentação e revisão técnica Federico Neiburg. -Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 2000

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin**. Curitiba: Criar Edições, 2003.

FISCHER, Adriana. **A Construção de Letramento na Esfera acadêmica**. Tese de Doutorado UFSC. Florianópolis, 2007, v.1.

FURB. **Resolução nº 104 de 05/12/2002** – aprova as normas gerais para elaboração do TCC.

_____. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Design**. Blumenau: Novembro, 2007.

GEE, James Paul. **Descontextualized language: a problem, not a solution**. Madison, 2006. Trabalho não publicado.

_____. **The New Literacy studies: from “socially situated” to the work of the social**. In: BARTON, David; HAMILTON, Mary; IVANIC, Roz. *Situades Literacies. Reading and writing in context*. London/New York: Routledge, 2000b.p.180-186.

GOULART, Cecília. **Letramento e modos de ser letrado: discutindo a base teórico-metodológica de um estudo**. Revista Brasileira de Educação, vol. 11 n. 33 – Set/Dez 2006.

HOUAISS, Antonio. VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

_____. **Dicionário Houaiss de sinônimos e antônimos da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

KLEIMAN. Angela B.(org) **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas –SP: Mercado das Letras, 1995.

MAGALHÃES, **Práticas discursivas de letramento: a construção da identidade em relatos de mulheres**. In KLEIMAN, Angela. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas – SP: Mercado das Letras, 1995.

MARCUSCHI, Luiz Antonio [et al]. **Investigando a relação oral/escrito e as teorias de letramento**. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2001.

MARQUES, Mário Osório. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa**. 5. Ed. Ijuí: Unijuí, 2006.

MARTINS, Miriam Ferreira. **O Trabalho de Conclusão de Curso como expressão do conhecimento na formação profissional**. Doutorado. Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho. São Paulo: 2001.

MERRIAN, S. B. *The case study research in education*. San Francisco: Jossey Bass, 1988.

MEURER. J. L., BONINI. Adair, MOTTA-ROTH. Désirée. **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005.

MORAES, Roque. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Ed. INJUÍ, 2007.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

OLIVEIRA, Glória Aparecida Pereira de. **A Concepção dos egressos do curso de Pedagogia acerca da contribuição do trabalho de conclusão de curso**. 2003. Mestrado. Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 2003.

PASQUARELLI. Maria Luiza Rigo. **Normas para apresentação de trabalhos acadêmicos**. 2.ed. Osasco – SP: Edifício, 2004.

PEGOLLO, Carlos A. G. SHIGA, Alberto A. **Utilizando o trabalho de conclusão de curso para aperfeiçoar a performance profissional dos novos engenheiros**. In Anais COBENGE – Congresso Brasileiro de Educação em Engenharia. Porto Alegre: 2001.

RIBEIRO, Nilsa Brito. **Entrecruzamentos de gêneros discursivos na universidade: esferas do político, do científico e do ensino**. Campinas, SP: 2005.

ROCHA, Paulo Felisberto. **Como fazer uma pesquisa científica: uma abordagem teórico-prática**. Maceió: Catavento, 2002.

RODRIGUES, Rosângela Hames. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In MEURER. J. L., BONINI. Adair, MOTTA-ROTH. Désirée. **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005.

SCHNEUWLY, Bernard. DOLZ, Joaquim. **Gêneros Oraís e Escritos na Escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SEVERINO, Antonio Joaquim Severino. **Metodologia do Trabalho Científico**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

SGUISSARDI, Valdemar. **A Universidade no Brasil: dos modelos clássicos aos modelos de ocasião?** In A universidade no Brasil: concepções e modelos/ Marília Morosini, organizadora. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006.

_____. **A Universidade neoprofissional, heterônoma e competitiva**. Disponível em www.Ipp-uerj.net/oldped/documentos/0470 -pdf. Acessado em outubro de 2008

SOUZA, Antonio Carlos de. **TCC: Métodos e técnicas**. Florianópolis: Visual Books, 2007.

STREET, Brian. **Introduction. The new literacies studies** In: Cross cultural approaches to literacy. Great Britain: Cambridge University Press, 1995.

_____. **Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento**. Teleconferência UNESCO Brasil sobre letramento e diversidade. Londres: King's College, 2003.

SILVA, Elson M. **Reflexões acerca do letramento: origem, contexto histórico e características**. In www.cereja.org.br/pdf/20041105_Elson.pdf. Acessado em fevereiro de 2008.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. – Belo Horizonte: autêntica, 2003.

TÔRRES, Maria Emilia Almeida da Cruz. **Promoção do letramento acadêmico: do trabalho com a leitura ao processo de composição textual**. Disponível em www.humanasvirtual.edu.ar/downloads/congreso. Acessado em fevereiro de 2008.

Anexo 1- PPP do curso de Design da Furb

Critérios de avaliação discente

3.5.2 CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Os critérios definidos para o curso estão divididos em seis categorias: Fundamentação Conceitual, Adequação Projetual, Inovação, Comprometimento e Apresentação.

Segue abaixo a relação de critérios e instrumentos de avaliação utilizados. O detalhamento dos mesmos será disponibilizado nos meios de TI utilizados pela Furb (Ava)

1. Fundamentação Conceitual

Toda fundamentação parte de uma atitude diante de um problema, portanto o designer deverá assumir sempre uma postura conceitual nas definições de seu projeto. Como o conceito define a essência de uma idéia, suas características e qualidades gerais, a sua fundamentação dará suporte e argumentos às soluções encontradas no projeto, sejam elas funcionais, estéticas, simbólicas, científicas e/ou contextuais, etc.

As questões funcionais estarão sempre vinculadas às questões estéticas na fundamentação. Todas argumentações deverão estar descritas claramente em memorial descritivo e/ou relatório

2. Adequação Projetual

Adequar um projeto significa relacioná-lo com variantes e condicionantes pré-estabelecidas: meio ambiente, condições técnicas/tecnológicas, ergonômicas, fatores sociais, culturais, econômicos, e de mercado.

3. Inovação

A inovação é um aspecto que deve ser considerado pelo designer como determinante na sua diferenciação como profissional.

Um projeto de Design é antes de tudo um produto útil, que atende todas as necessidades.

4. Comprometimento

1. Este é um item na qual o professor avalia a participação do aluno (atitude individual) em todo projeto e processo de trabalho. Abrange desde a participação em grupo (trabalho e contribuição com propostas), participação em debates, leituras, e outras atividades desenvolvidas em classe.

5. Apresentação

A apresentação configura o término e conclusão dos projetos e visa mostrar os resultados alcançados no decorrer de todas as etapas. Configura-se, portanto, como um relatório global que envolve vários meios de representação, sejam elas bidimensionais, tridimensionais, digitais, escritos e/ou orais. Serão avaliados, portanto o aspecto gráfico, o modelo e o Relatório final.

Anexo 2 – Elementos textuais analisados

Introdução e conclusão: Trabalho 1

1 INTRODUÇÃO

A crescente preocupação com a melhoria da qualidade de vida, desperta a sociedade para uma mudança de critérios e atitudes em relação à criação de novos produtos que possam atender a novas necessidades, sem deixar de levar em consideração a constante preocupação, principalmente com as conseqüências que isso possa acarretar ao meio ambiente.

Por isso, nesse projeto é abordado especificamente o que diz respeito ao design de produtos (sabendo que este envolve a concepção e o planejamento de objetos, independente de sua escala de produção), seguindo parâmetros de uma tendência assim como de uma necessidade que é o reaproveitamento de resíduos.

A forma é um dos muitos aspectos que devem ser levados em conta em um projeto e não é um fenômeno isolado. Deve ter relação direta com as outras variáveis que envolvem o produto. Não é possível, então, classificar o design como uma atividade ligada à arte ou a tecnologia isoladamente, mas, isto sim, ligada a ambas.

O processo de fabricação de qualquer produto, em qualquer esfera de produção, requer utilização de matéria prima, e em todo processo existem perdas, tanto da matéria-prima quanto ao uso de energia, podendo ser em maior ou menor quantidade.

A modernidade e o desenvolvimento para o conforto e o bem-estar humano trouxeram consigo um consumo ou um consumismo exagerado, produzido a partir da Revolução Industrial que levou à intensificação do material descartado, ocasionando um aumento da quantidade de resíduos gerados e não utilizados pelo homem, muitos deles além de originado de fontes naturais não renováveis provocam a contaminação do meio ambiente trazendo riscos à saúde humana, especialmente nas áreas urbanas por acumularem uma quantidade maior de lixo.

Sendo assim, na maioria das vezes, esses descartes acabam gerando uma quantidade enorme e cada vez mais descontrolada de resíduos que, por não terem mais nenhuma utilidade perante os consumidores e a sociedade, vão parar nos lixões comprometendo dessa forma todo o meio ambiente que o rodeia.

Existem vários tipos de lixo como o orgânico, o químico, o papel, as embalagens plásticas, as de vidro e as de metal, além do lixo que é originado especialmente de máquinas e equipamentos elétricos e eletrônicos, ou seja, televisores, rádios, telefones celulares,

eletrodomésticos portáteis, todos equipamentos de microinformática, vídeos, filmadoras, ferramentas elétricas, DVD'S, lâmpadas fluorescentes, brinquedos eletrônicos e milhares de outros produtos concebidos para facilitar a vida moderna e que atualmente são quase que descartáveis, uma vez que ficam tecnologicamente ultrapassados em prazos de tempo cada vez mais curtos ou então devido à inviabilidade econômica de conserto, em comparação com aparelhos novos.

Essa crescente demanda muito atribuída ao consumismo descontrolado gera um gasto exagerado e desnecessário de materiais. A partir dos anos 80 o design passa a questionar o consumismo exagerado das sociedades capitalistas e começa a voltar a sua atenção para o ser humano e o meio ambiente. Surge o design verde, enfatizando a preocupação com o uso de materiais recicláveis, a durabilidade dos produtos e a economia de energia. O “design for disassembling” (design para o desmonte), que prevê no projeto a desmontabilidade e a reciclagem de cada componente do produto, antecipa para o momento da concepção a preocupação com o destino dos objetos após o término da sua vida útil.

A redução do uso de recursos naturais incorporados no produto ou devido à sua utilização, a redução ou eliminação de resíduos gerados ao longo do seu ciclo de vida e no final da sua vida útil contribuem para a diminuição de impactos ambientais.

Segundo Maldonado (1977): formalismo é uma orientação projetual que prioriza a forma externa do produto. A preocupação do designer, segundo este princípio, refere-se somente à aparência estética, sem levar em conta o processo produtivo.

O Design é necessário às nossas indústrias para produzir o produto certo, pelo preço certo, para o mercado certo, na altura exata. (Araújo 1996).

1.1 OBJETIVO GERAL

Pesquisar e desenvolver novos produtos na linha de mobiliário, ecologicamente corretos, utilizando garrafas PET descartadas como principal matéria-prima, sem a necessidade de reprocessamento ou remanufatura, agregando ainda valor a tais produtos com a utilização de materiais nobres como ferro, alumínio, vidro, lâminas que imitam madeira, dentre outros.

1.1.1 Objetivos Específicos

- Criar linha de mobiliário, composta de peças comuns, porém apresentadas de formas inusitadas para atender as necessidades da população, utilizando a menor quantidade possível de matéria-prima virgem, reaproveitando ao máximo o que já foi manufaturado;
- Atrair e mostrar para as empresas as questões de reuso e remanufatura de seus próprios produtos, gerando economia e conseqüentemente reduzindo a quantidade de resíduos, identificando um tema que tenha longa vida, e que possa ter relevante valor mercadológico, seja econômico ou ambiental.
- Utilizar garrafas PET, com um toque de sofisticação, combinando com materiais nobres como laminados de madeira, acrílico, metal, dentre outros, dando finalidade e uso, inclusive com possibilidade de produção em série a uma gama de produtos, componentes e peças que não são reutilizadas no seu processo normal de fabricação do produto original.
- Reduzir o número de garrafas PET encontradas no lixo através do reaproveitamento em forma de produtos
- Contribuir para a valorização da limpeza pública e para formar uma consciência ecológica;
- Gerar empregos para a população de baixa renda que compõem o quadro de funcionários nas cooperativas ou catadores de papel independentes.

1.2 JUSTIFICATIVA

Todos os anos, por não haver nenhum tipo de solução prática, milhares de toneladas desses resíduos se acumulam em depósitos ou lixões por todo o planeta, comprometendo dessa forma todo o meio ambiente.

O projeto tradicional de um produto visa satisfazer às necessidades de utilização do produto pelo consumidor e não leva em conta seu destino após o uso ou os impactos decorrentes de seu ciclo de vida. Pode, simplificarmente, incluir critérios como bom desempenho da sua função,

fabricação eficiente e uso de técnicas e materiais apropriados, facilidade de uso e segurança, qualidades estéticas e visuais e a boa relação custo/benefício.

Atendendo a valores estéticos, políticos, econômicos, sociais, geográficos, etc., no sentido de rentabilizar as ferramentas, a organização e a lógica da industrialização, para que a empresa possa competir com a concorrência, tanto no lançamento de novos produtos como no re-design de outros.

Nos últimos anos, novas modalidades de design tem sido inseridas no cenário profissional tais como o design ambiental, que procura reduzir o impacto causado pela produção em escala industrial sobre o meio ambiente, promovendo a utilização de materiais alternativos, a combinação de diferentes matérias-primas e evitando o desperdício.

O conceito, a forma, a cor, a embalagem e as características físicas do produto, assim como o seu preço, são decisivos para o sucesso da sua venda.

Portanto é de responsabilidade do designer também, além da preocupação e da consciência quanto ao tipo de material a ser utilizado, como ele é extraído da natureza, o impacto que ele provoca, ou a maneira que ele é produzido, o descarte do produto, é item constante da planilha de criação de um novo produto.

Definir a vida útil de um produto e a maneira que ele vai ser descartado é fundamental na criação de um produto, não pode mais ser o lixo o destino de peças ou produtos descartados.

Evidentemente que para essa realidade mudar não depende única e exclusivamente do designer, a indústria tem o maior poder para mudar, mas com certeza a sua conscientização é fundamental.

A demanda crescente de bens de consumo impulsionou a busca por novos métodos de manufatura e uma nova organização no trabalho para viabilizar custos produtivos. Essas mudanças levaram a inovações na produção, visando cada vez mais a mecanização, a economia das matérias primas empregadas e a redução do tempo de serviço.

O Projeto para o Ambiente deve ser visto como uma ferramenta que incorpora considerações ambientais no projeto de produtos, processos, escolher estratégias adequadas para redução dos impactos ambientais do produto em detrimento de um possível aumento do custo, criar conceitos de produtos de baixo impacto ambiental.

Criar novos produtos a partir de produtos descartados pode resolver boa parte desse problema, impedindo que um percentual desses itens descartados porem nos lixões. Além de,

em muitos casos, evitar o consumo exagerado de energia para a produção de novos produtos, que também iria “consumir” o meio ambiente. Porém, produto com todos os conceitos de design, diferenciando e não confundindo com artigos grosseiros e sem acabamento que comumente são feitos com materiais reciclados. Transformar peças de lixo em objetos de luxo. Um produto, que mesmo tendo sido produzido a partir de peças descartadas, tenha apelo comercial e estético, capaz de despertar desejo.

5 CONCLUSÃO

O designer deve estar sempre atento a todos e a tudo o que acontece ao seu redor. Mediar fatores social, ético, estético e ecológico no desenvolvimento de um produto, e buscar o equilíbrio entre todos estes diferentes fatores é a principal função do design.

Sendo assim, procurou-se trabalhar em um produto que pudesse unificar tais fatores.

Através da pesquisa realizada, principalmente em torno dos conceitos e definições sobre desenvolvimento sustentável, eco-design e dos 3 R's, novos produtos podem ser facilmente desenvolvidos, sem que se esqueça de detalhes como acabamento e bom gosto na definição de formas agradáveis e que possam atender a função que se destinam.

A mesa ECO-PET procura levar em consideração tudo isso. Com esse projeto é possível reduzir a quantidade de garrafas PET nos lixões, contribuindo assim para a limpeza pública ajudando ainda a formar uma consciência ecológica na população e ainda gerando empregos nas cooperativas de reciclagem.

O projeto consegue ainda atender as necessidades da população, utilizando a menor quantidade possível de matéria-prima virgem, sendo reaproveitado ao máximo, materiais (garrafas PET), que já foram descartadas.

“Há poucas dúvidas de que a futura tarefa dos designers será a de conceber produtos fáceis de compreender e que possam ser usados de forma intuitiva. Da mesma forma, a simplificação da forma estrutural – o essencialismo – não só proporcionara o meio através do qual os designers poderão obter o máximo a partir do mínimo, mas também ajudara na realização de formas que possuam uma pureza emocional inerente”. Charlotte e Peter Fiell (2001).

“Nós subvertemos a utilidade dos materiais para criar nos nossos objetos um agitado mundo de experimentação, criatividade e inovação”. Fernando e Humberto Campana (2001).

E por fim: “NÃO SE PODE FALAR EM GLOBALIZAÇÃO SEM PENSAR EM SUSTENTABILIDADE”.

Introdução e conclusão: Trabalho 2.

1 INTRODUÇÃO

No mercado de trabalho, o designer vem ganhando destaque a cada dia, pelos novos estudos do produto, adequando-o ao bem estar das pessoas e à sua interatividade. Abordar e compreender o termo *design* em sua essência trata-se de um fator com grande impacto dentro da sociedade atual. Isso é reflexo da globalização, pois as pessoas estão ampliando sua percepção e absorvendo cada vez mais informações. Estas ações fazem com que haja a constante inovação física e conceitual, utilizando assim o design para proporcionar maior valor agregado aos bens de consumo.

Atualmente o design tem destaque como um dos principais fatores para o sucesso de uma empresa, desde o desenvolvimento do produto e serviços até sua comercialização, por meio de otimização de custos, embalagens, material promocional, padrões de estética, identidade visual, adequação de materiais, fabricação e ergonomia. Além disso, é um fator essencial de estratégia de planejamento, produção e marketing. A fabricação de produtos com design requer investimentos, porém poucas empresas detêm este poder e potencial, como relata Vieira (2004).

É também através do design de produtos que são criados e fabricados os brinquedos infantis, customizando os materiais que serão utilizados, a matéria prima.

A respeito do brincar, uma vasta bibliografia faz abordagens diversas ao respeito do termo, ressaltando sempre a importância da compreensão da real dimensão da brincadeira, como momento de expressão e aprendizagem. Pois é através dela que as crianças crescem, elaboram seus conflitos e evoluem.

O homem é um produto da evolução, sendo assim, muitos dos problemas relacionados a ele podem ser entendidos apenas quando o homem é considerado como um organismo evoluído e em evolução. O conhecimento profundo dos princípios e mecanismos da evolução é,

portanto, um pré-requisito para entender o homem (MAYR, 1977). Desta forma funciona uma criança, ela também evolui, cresce como tudo que nela existe, e é modificada de acordo e com o meio que vive. Uma criança cresce juntamente com suas necessidades que aumentam desde o seu nascimento e estão presentes em toda sua vida.

Este trabalho é destinado a crianças na faixa de quatro a seis anos de idade. Elas possuem um psicodinamismo caracterizado por um conteúdo diferenciado, como em todas as suas outras etapas do desenvolvimento. Com esta faixa etária elas possuem pensamento egocêntrico, gostando de realizar suas brincadeiras de forma solitária, ao mesmo tempo vão percebendo as diferenças anatômicas, encontrando sua identificação com os demais indivíduos e com si própria. Junto com suas necessidades também é importante ressaltar a importância de um lugar para suas brincadeiras; e através desta linha de pensamento surge a necessidade da produção de uma "carteira mágica", que disponha do lugar para essa brincadeira ocorra de forma a desenvolver sua imaginação e aprendizagem; incluindo destreza manual, pensamento, linguagem e demais sentidos. Uma carteira que seja o seu espaço para usar toda sua criatividade nas brincadeiras que desejar, um espaço único e diferenciado, assim como cada criança que irá utilizá-lo; pois os indivíduos e principalmente as crianças possuem necessidades diversas para expressar brincando situações de seu cotidiano real.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Partindo do pressuposto que crianças entre a faixa etária de quatro a seis anos iniciam o seu desenvolvimento através do brincar, foi levantada seguinte questão: Será que através de uma carteira mágica, que conte com atributos lúdicos específicos para a faixa etária a que se

destina o produto, onde a criança terá um espaço único e adequado para sua aprendizagem pode auxiliar no desenvolvimento psicológico, social, mental e motor de uma criança?

1.2 QUESTÕES DE PESQUISA

As questões de pesquisa que norteiam este estudo são as seguintes:

- a) Durante o ato de brincar a criança pode desenvolver habilidades sociais?
- b) O brinquedo estimula a aprendizagem?
- c) É possível que a criança aprenda brincando?
- d) Quando brinca a criança revive situações do mundo real?

1.3 OBJETIVO

A seguir enunciam-se os objetivos geral e específico de pesquisa.

1.3.1 Objetivo geral

Criar um produto pedagógico "carteira mágica", para crianças de quatro a seis anos de idade, fazendo com que o seu desenvolvimento

seja, além de prazeroso, um instrumento da aprendizagem, onde ela brinque aprendendo e aprenda brincando.

1.3.2 Objetivos específicos

- a) Identificar as brincadeiras das crianças entre quatro e seis anos;
- b) verificar os brinquedos utilizados por elas;
- c) abordar temas referentes à infância;
- d) pesquisar a dinâmica desta faixa-etária.

1.4 JUSTIFICATIVA

Foi verificado através de evidências levantadas através de literatura e conversa com pais e educadores, a necessidade de criar um produto que estimule crianças a aprender. Entre quatro e seis anos de idade elas aprendem por meio de brinquedos educativos; para isso, desenvolver um produto pedagógico que envolva suas brincadeiras e contribua com seu desenvolvimento não é tarefa simples, envolve a complexidade dos brinquedos e o que ele significa para ela em seu aprendizado, contribuindo desta forma com seu desenvolvimento e evolução maturativa. Na verdade existem evidências que a melhor maneira de aprender deve ser através de atividades prazerosas, não desgastantes. Então, quando a criança estiver em um espaço lúdico, estará ao mesmo tempo brincando e aprendendo, realizando atividades de forma divertida e estimulante.

5 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

O design integra várias formas de conhecimento, seu conceito é abrangente, compreendendo a concretização de uma idéia em forma de projetos. Porém, ao desenvolver esse projeto o designer deve estar atento às necessidades do mercado consumidor, criando produtos funcionais, que façam parte de um processo constante de expansão.

Desta maneira, pode-se concluir que a Carteira Mágica foi produzida para ser usada como instrumento de desenvolvimento das crianças; as quais encontrarão nela diversos meios para que isso ocorra de uma forma constante, utilizando materiais, cores, formas e demais atrativos que auxiliem na sua etapa maturativa.

Como recomendações ficam os produtos opcionais, que poderão ser vendidos separadamente, por exemplo; cadeira do tamanho apropriado para a carteira, coberturas como capas, acessórios de diversas cores e tamanhos diferenciados, tudo de acordo e para a devida adaptação da criança que irá utilizá-la. Patentear o produto, assim como buscar organizações que o produzam e insiram no mercado consumidor, sendo também aprovado pelo INMETRO.

E como com consideração final conclui-se que nenhum produto ou criação esta devidamente pronta; pois cada indivíduo inclusive os profissionais de designer possuem idéias diferenciadas, que podem ser construídas, aprimoradas, modificadas e refutadas; ou seja, nada realmente pode ter fim enquanto houver pessoas; e os produtos são aperfeiçoados de acordo com os ideais de quem os produz, as necessidades, desejos, concorrências e adequação ao espaço, a realidade e as exigências do mercado. Frente aos resultados obtidos, quanto aos objetivos propostos.

Introdução e conclusão: Trabalho 3

1 INTRODUÇÃO

A tecnologia se tornou uma realidade na vida das pessoas, presença constante e necessária, figurando em praticamente todos os níveis da vida, necessária e fundamental em muitos casos, onde somos totalmente dependentes das soluções tecnológicas para realizar operações diárias.

Com a tecnologia cada vez mais presente, a preocupação com a segurança tornou-se sua aliada, a indústria da segurança floresceu, não apenas em seu modelo tradicional, garantindo a reposição de bens móveis ou imóveis, reativa, mas numa postura cada vez mais pró-ativa, com avançadas ferramentas.

Mais uma vez aparece então, a necessidade de valorização e preocupação com a segurança das pessoas. Juntar tecnologia e segurança ainda é um desafio que vem aos poucos mudando o rumo da convivência social, dos hábitos de cada pessoa.

Junto com a empresa Herweg, será desenvolvido o projeto de uma Caixa leitora para um sistema de Controle de Acesso de Pessoas por Rádio Frequência (RFID), destinada a condomínios e lugares onde há a necessidade de identificação e segurança de quem possa vir a utilizar o prédio.

1.2 OBJETIVO

Para um produto que envolve alta tecnologia e segurança é necessário que este demonstre ao usuário, pelas linhas e conceito, a sua eficiência e a grande importância da sua utilização na vida das pessoas. Com base nessa idéia o desenvolvimento do produto em questão tem por objetivo criar uma identidade de

acordo com os aspectos funcionais e público alvo e agregar valores ao equipamento e ao sistema de controle de acesso.

1.2.1 Objetivos Específicos

- Buscar novas formas para um equipamento que tem como concorrência produtos que se tornaram *commodity*;
- Chegar a soluções ergonômicas para melhor desempenho e relação produto/usuário;
- Criação da marca e identidade visual de acordo com os aspectos funcionais e público alvo, desenvolvendo diferencial e qualidade;

1.3 JUSTIFICATIVA

Pode ser percebido na área da segurança pública e privada uma carência no que se refere ao desenvolvimento de equipamentos e inovação. Um campo restrito, não tendo a participação de designers, acabando por desenvolver produtos com pouco apelo comercial e sem identidade. É fundamental mostrar que esse, como muitos outros, é um campo vasto para o profissional de design atuar.

2 MÉTODO DE PESQUISA

Este estudo apresenta um caráter exploratório e de análise, seu intuito é de verificar o mercado atual e a tecnologia envolvida para a implementação dos dados no projeto da Caixa *Reader* RFID, desenvolvendo este de maneira eficaz.

Para poder fazer o projeto foi desenvolvido uma metodologia baseada nos livros "Das coisas nascem coisas" de Bruno Munari e "Design Industrial – bases para a configuração dos produtos industriais" de Bernd Lobach, onde esses autores estabelecem várias fases para a realização de qualquer projeto e alcançar a solução do problema.

Existe um abrangente campo envolvendo a segurança privada, e ter um conhecimento aprofundado de todo esse sistema era necessário, para isso foram consultados empresas da área e semelhantes como a Korth, Siemens, Decibel e outras nacionais e internacionais. Também o que envolve no controle de acesso e seus equipamentos.

Apesar da tecnologia RFID já ter sido desenvolvida a alguns anos, sua aplicação para o uso da segurança privada ainda merece aperfeiçoamentos. É possível perceber um grande avanço com o passar dos anos, mas mesmo assim ela continua limitada.

2.1 COLETA DE DADOS E ANÁLISE DE AMOSTRAS

É necessário que o designer tenha uma série de informações acerca do problema para maior segurança no projeto.

"Tudo se torna fácil quando se conhece o modo de proceder para alcançar a solução de algum problema" (BRUNO MUNARI, 1998, pg 2).

Para isso foram selecionadas as principais empresas que atuam no ramo de segurança e controle de acesso, tendo assim uma amostra do que o mercado comporta hoje. Também foi estudados a tecnologia RFID e o sistema desenvolvido pela empresa Herweg, o protótipo criado e suas interfaces.

Os dados coletados foram depois analisados para averiguar como foram resolvidos certos problemas. Muitos modelos foram descartados, eliminados os repetidos e outros que nunca poderão fazer concorrência.

2.2 GERAÇÃO DE ALTERNATIVAS

A partir da busca e da análise de uma boa quantidade de material para iniciar o projeto e tendo o conhecimento da tecnologia a ser empregado na produção do produto, resultam-se amostras, conclusões e informações que podem levar à elaboração de alternativas através de esboços. Esses esboços mostram soluções parciais do problema sem haver um estudo de se são realmente viáveis ou não, elaborando-os de forma livre.

2.3 VERIFICAÇÃO

Depois de geradas diversas alternativas, essas são verificadas, fazendo um controle das que são mais aceitas e as mais viáveis para a produção e o envolvimento dessa com o usuário.

2.4 DEFINIÇÃO DE ALTERNATIVA

É definido a alternativa que poderá eventualmente vir a ser a solução do problema. Este é mostrado a alguns possíveis usuários para verificar se pode ser modificado, caso as restrições a ele tenham valores objetivos.

2.5 DETALHAMENTO E CONCLUSÃO

Com base em todos os dados adquiridos e já definidos, começa-se a preparar os desenhos de construção, tendo uma visão exata de como o produto será e definido os últimos detalhes, com medidas precisas e indicações necessárias à visualização do mock-up.

CONCLUSÃO

Acompanhamos diariamente a modificação de formas tradicionais e a invenção de muitas novas. O efeito cumulativo dessas mudanças é a transformação da vida, das funções associadas ao trabalho à administração de uma casa de família. Deparamos a cada minuto com uma nova tecnologia, um novo produto ou algum conceito diferente de realizar nossas tarefas. O tamanho, a simplicidade, os volumes equilibrados, detalhes bem como funções, ergonomia e praticidade fazem do designer um profissional único, capaz de unir o contínuo desenvolvimento tecnológico com os nossos hábitos sociais, muitas vezes criando esses hábitos.

O trabalho do designer industrial tem alto grau de influência sobre os aspectos técnicos. Sua tarefa principal é adaptar os produtos, a partir de funções práticas, às condições do processo de utilização, imprimir características de funcionalidade e durabilidade satisfatória, eficiência e comodidade, de modo a oferecer ao usuário a máxima satisfação. Além disto, é necessário adicionar características aos produtos para se diferenciarem dos seus concorrentes e criar uma identificação. Cuidar da aparência para que seja útil e agradável.

A Caixa *Reader* RFID demonstra eficiência e a importância que um produto do gênero merece ter. Essa característica é resultado da sua adequada estrutura formal, respeitando o seu alto desenvolvimento tecnológico e prático diferenciado de muitos concorrentes. Salienta-se a relação produto/usuário, onde a leitura e utilização são facilitadas pela comunicação organizada e estruturada do equipamento. E sua identidade visual impõe as características mais relevantes do equipamento e de todo o sistema de controle de acesso de pessoas, assim tornando a tecnologia utilizável em formas acessíveis e compreensíveis para os usuários.

Introdução e conclusão: Trabalho 4

1 INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Desde o início da industrialização foram desenvolvidos milhares de produtos e novas tecnologias começaram a fazer parte do cotidiano das pessoas. Se analisarmos o resultado da evolução tecnológica e sua aplicação nos produtos de consumo, verificaremos que esse desenvolvimento traz também problemas para as sociedades atuais. Enquanto não havia controle sobre as atividades extrativistas na busca de matéria prima, a linha de progresso adotada pelas empresas provocou a devastação do meio ambiente e ocasionou danos irremediáveis à natureza.

Kazazian (2005, p.10) destaca que certa felicidade material proposta às sociedades ocidentais depois da Segunda Guerra Mundial teve conseqüências consideráveis sobre o meio ambiente e a nossa qualidade de vida, presente e futura. Se nos últimos trinta anos a sociedade como um todo aos poucos vem se conscientizando, os cenários de degradação do meio ambiente são cada vez mais complexos e preocupantes, alguns pelo caráter irreversível e doravante planetário.

A degradação ambiental é um tema que vem sendo discutido por importantes órgãos do mundo inteiro. No Brasil pode se contar com o apoio do WWF¹, desde 1996. Trata-se de uma organização não-governamental genuinamente brasileira que integra a maior rede mundial de conservação da natureza. Implantado em mais de noventa países e com cinco milhões de membros, o WWF é uma das mais importantes organizações independentes para proteção da natureza e do meio ambiente no mundo. Desde sua criação, em 1961, adquiriu experiência e reconhecimento graças a ações bem sucedidas com relação à proteção dos meios naturais. Seu objetivo é interromper a degradação do meio ambiente e construir um futuro em que os seres humanos possam viver em harmonia com a natureza.

¹ WWF _ *World Wildlife Fund*

O Eco-design, conceito que ganhou este nome na década de 70, criado pelo designer e educador Victor Papanek, é um estudo que vem crescendo com aplicações nos campos da arquitetura, engenharia e design, e tem como objetivo principal projetar ambientes, produtos e serviços que, de alguma forma, reduzam o uso de recursos não-renováveis ou minimizem o impacto ambiental. É visto geralmente como uma ferramenta necessária para atingir o desenvolvimento sustentável.

A indústria desconsiderou por muito tempo os riscos e impactos causados ao meio ambiente ao produzir bens e serviços. Erro do sistema capitalista onde só o retorno imediato em forma de lucros era a solução para os investidores. Não se imaginava como seria a continuidade da produção industrial se as reservas naturais se extinguissem ou a natureza fosse devastada. O Eco-design é um meio de reduzir ou eliminar esses impactos e manter a qualidade de vida, substituindo produtos e processos por outros menos nocivos ao meio ambiente.

O grande problema na geração de um produto é conseguir fabricá-lo causando o mínimo de impacto ambiental. A pesquisa e desenvolvimento de produtos eficientes é contínua, mas todo projeto, independentemente da qualidade, pode de certa forma produzir agravantes à natureza, como a emissão de gases tóxicos durante a fabricação, por exemplo.

Denis (2000, p. 219) destaca que o conflito entre consumo e meio ambiente não é um problema ultrapassado e nem uma questão de alarmismo ou “eco-chatice”. Não resta dúvida de que o modelo consumista da prosperidade pela expansão contínua da produção, é insustentável a longo prazo. Em alguns aspectos, já atingimos há muito tempo os limites do equilíbrio e ingressamos na contagem regressiva para o esgotamento de alguns recursos naturais.

Como a ordem política, social e econômica pode contribuir para manter o sistema funcionando já que essa atividade não é trabalho apenas para ambientalistas? E dentro deste contexto, como o designer pode estar contribuindo?

É preciso que haja políticas ambientais e fiscalização que controle o desenvolvimento desgovernado e insustentável para as populações. Já o designer, tem a responsabilidade em influenciar nas questões ambientais criando produtos ecologicamente corretos, realizando pesquisas e aplicando materiais e processos que não prejudiquem o funcionamento natural de nosso ecossistema.

1.2 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

O problema aqui estudado tem origem na concepção de produtos, no seu design, na escolha dos materiais, na sustentabilidade e representatividade como produto brasileiro.

O design de produtos concebidos, desenhados e produzidos no Brasil precisa se posicionar no exterior como uma imagem que traduza a “brasildade” nas formas e nos materiais. O Brasil possui a maior área verde do planeta - a floresta amazônica - e é responsável pela absorção de grande parte de dióxido de carbono da atmosfera, na sustentação de sua vegetação. É reconhecido mundialmente como o pulmão das Américas, mas só isto não basta. O Brasil pode construir uma imagem de país verde ecologicamente auto-sustentável se os produtos exportados possuírem características determinantes para tal.

Identificamos como problema, a falta de opções de mobiliário com certificação ecológica, isto é, que ajudem a preservar o meio ambiente usando materiais naturais cujos resíduos de produção não agridam o entorno e com características conceituais de design brasileiro a partir de, por exemplo, formas naturais e orgânicas inspiradas na natureza exótica da Floresta Amazônica.

Sugere-se, pois o desenvolvimento de peças de mobiliário que utilizem material natural não causador de impactos ambientais na sua extração, que sejam concebidos dentro de metodologia voltada para a preservação do meio ambiente e que ajudem a formar e exportar uma identidade brasileira própria com soluções estéticas, simbólicas e técnicas do design.

1.3 OBJETIVOS

Objetivo geral

Criar uma peça piloto para uma linha de mobiliário ecologicamente correta, desenvolvendo produtos com características formais ligadas a fauna e flora brasileira, criando uma imagem nacional que possa ser exportada e que contenha os princípios de design sustentável, conforto, beleza e respeito ambiental.

Objetivos específicos

- Pesquisar materiais recicláveis e biodegradáveis que possam ser utilizados na criação e produção de móveis e objetos ecologicamente corretos;
- Utilizar conceitos e metodologias ligadas ao Eco-design;
- Pesquisar formas com alto grau de identificação com a flora e fauna brasileiras ajudando a construir uma imagem de brasilidade para o design nacional;
- Difundir a imagem do Brasil como fabricante e exportador de produtos ecologicamente corretos.

1.4 JUSTIFICATIVA

O profissional de design possui consciência e responsabilidade ecológica, podendo auxiliar no processo de educação ambiental criando projetos que venham a diminuir os índices de degradação ambiental. Cabe a ele, além de projetar para satisfazer os desejos e necessidades do usuário, também auxiliar as empresas na implantação de programas internos para fabricação de produtos “leves”, que possuam características com padrão de preservação ambiental.

Donaire (1995) cita algumas ações que podem favorecer a economia das empresas, transformando-se em vantagens competitivas e, ao mesmo tempo, contribuindo para a conservação do meio ambiente.

São elas:

- 1) a reciclagem de materiais e o reaproveitamento dos resíduos dentro da própria empresa ou sua venda através de Bolsas de Resíduos;
- 2) o desenvolvimento de novos processos produtivos com a utilização de tecnologias mais limpas;
- 3) aumento do registro de novas patentes;
- 4) incremento de produtos ecológicos para um mercado cada vez maior de consumidores conscientizados com essa questão.

A pesquisa constante e o estímulo à aplicação do conceito de Eco-design em produtos são necessários na busca de um melhor nível de vida para a sociedade, tornando possível a diminuição de resíduos tóxicos e do lixo jogados na atmosfera e no meio ambiente.

Este trabalho se justifica em primeiro lugar, pela sua importância na preservação ambiental já que será utilizado no projeto materiais recicláveis e/ou biodegradáveis que não prejudiquem o equilíbrio ambiental. Pode-se também considerar como justificativa, a possibilidade de abertura de novos mercados de consumo de produtos fabricados com os materiais pesquisados, servindo de sustentabilidade a grupos produtores. Outro aspecto é a ligação formal do produto com a diversidade da flora brasileira que estará presente no projeto e que vai ajudar na criação e projeção de uma imagem relacionada com o Brasil.

1.5 METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido primeiramente através de uma pesquisa bibliográfica exploratória, onde foram estudados os principais autores e suas teorias que relacionam o design à ecologia, desenvolvimento de produtos e sustentabilidade. Em seguida, utilizamos como metodologia:

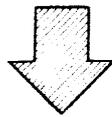
1. A realização de pesquisa e análise das teorias existentes sobre o tema Eco - design;
2. Estudo dos fatores condicionantes necessários para a fabricação de produtos com uma taxa mínima de impacto ambiental.
3. Realização de um levantamento de produtos já existentes no mercado com estas propostas.
4. Estudo das alternativas formais e aspectos funcionais das possibilidades de solução do problema.
5. Definição do conceito básico dos produtos a serem desenvolvidos e aplicação da metodologia de desenvolvimento de produtos de Bonsiepe (1984), com algumas interferências sugeridas por Kindlein (2002) para a obtenção de resultados positivos na produção sustentável.

A figura 01 mostra as etapas para o desenvolvimento de um projeto de design pesquisadas e testadas por Bonsiepe, aceitas dentro da comunidade científica e aprovadas por acadêmicos e profissionais.

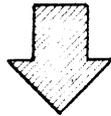
PROBLEMATIZAÇÃO



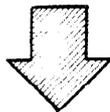
ANÁLISE



DEFINIÇÃO DO PROBLEMA



ANTEPROJETO GERAÇÃO DE ALTERNATIVAS



PROJETO

- ANÁLISE SINCRÔNICA
- ANÁLISE DIACRÔNICA
- ANÁLISE DAS CARACTERÍSTICAS DO USO DO PRODUTO
- ANÁLISE FUNCIONAL
- ANÁLISE ESTRUTURAL
- ANÁLISE MORFO-LÓGICA

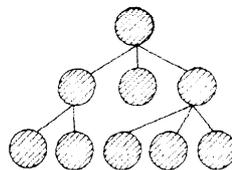
POR EXEMPLO

- ⊗ LISTAS DE VERIFICAÇÃO
- ⊗ ANÁLISE DAS FUNÇÕES
- ⊗ DOCUMENTAÇÃO/ANÁLISE FOTOGRÁFICA
- ⊗ RECODIFICAÇÃO DO MATERIAL EXISTENTE
- ⊗ MATRIZ DE INTERAÇÃO
- ⊗ DESENHOS ESQUEMÁTICOS TÉCNICOS ESTRUTURAIS

- ESTRUTURAÇÃO DO PROBLEMA
FRACIONAMENTO E HIERARQUIZAÇÃO
- ESTABELECIMENTO, ESTRUTURAÇÃO E HIERARQUIZAÇÃO DOS REQUISITOS
- FORMULAÇÃO DO PROJETO DETALHADO

POR EXEMPLO

- ⊗ LISTA DE REQUISITOS
- ⊗ VALORIZAÇÃO DO PESO: ESTABELEÇA PRIORIDADES POR DESEMPENHAMENTO, CUSTO, TAMANHO, PESO, etc.
- ⊗ FORMULAÇÃO DO PROJETO DETALHADO:
 - PARÂMETROS
 - MATERIAIS
 - DIMENSÕES
 - REQUISITOS A SEREM ATENDIDOS
 - TOLERÂNCIAS



POR EXEMPLO

- ⊗ BRAINSTORMING
- ⊗ MÉTODO 6-35
- ⊗ CINÉTICA - BUSCA DE ANOLOGIAS
MÉTODOS DE TRANSFORMAÇÃO
- ⊗ CRIAÇÃO SISTÊMICA DE VARIANTES
- ⊗ CAIXA MORFOLÓGICA
- ⊗ DESENHOS / ESBOÇOS
- ⊗ MAQUETE, PRÉ-MODELO, MODELO

Figura 01: Etapas de um projeto de design.
Fonte: Bonsiepe (1984, p.35).

Bonsiepe (1984, p.36) afirma que “esquemáticamente se pode subdividir o processo projetual nos seguintes passos”:

1. Problematização;

Deve-se descrever o problema principal a ser tratado. A situação ou coisa que deve ser melhorada e os fatores essenciais que influenciam o problema.

2. Análise;

A análise serve para esclarecer a problemática projetual, colecionando e interpretando informações que serão relevantes ao projeto. Prepara o campo de trabalho para, posteriormente, entrar na fase propriamente do design e do desenvolvimento de alternativas.

3. Definição do problema;

Consiste em listar os requisitos funcionais e os parâmetros condicionantes (materiais, processos, preços), incluindo uma estimativa de tempo para as diversas etapas e recursos humanos necessários.

4. Anteprojeto e geração de alternativas;

O objetivo das técnicas para geração de alternativas é facilitar a produção de um conjunto de idéias básicas, como respostas prováveis a um problema projetual.

5. Avaliação, decisão, escolha;

Deve-se então escolher qual a alternativa mais adequada para suprir as necessidades do produto levando em consideração a questão de produção, transporte e custos.

6. Realização;

Aplicação de testes com *mock-ups* para resolver problemas de uso do produto.

7. Análise final da solução.

Pode-se produzir um protótipo do produto para poder testá-lo antes de sua produção em série.

Na metodologia apresentada há uma divisão de etapas projetuais que ajudam o designer no processo criativo de execução de um projeto. Pode-se dizer que para chegar a um bom resultado com um produto industrial, é preciso ter seus objetivos definidos e saber aplicá-los de forma correta, utilizando os métodos de pesquisa e experimentação de modelos.

Algumas particularidades são apontadas no estudo desenvolvido por Kindlein (2002), quando se trata de projetos para produtos eco-design. Ele sugere a inclusão do estudo das variáveis ambientais dos itens relativos ao conceito do trabalho no decorrer do processo metodológico. Por exemplo, na definição do problema é preciso aplicar as variáveis ambientais para que fique clara a redução do impacto causado pela extração e transformação de matéria prima, na produção, na utilização ou descarte do produto. Ele destaca também os seguintes itens como determinantes dos parâmetros projetuais:

- Seleção de materiais com menor impacto ambiental;
- Sistema de transporte;
- Embalagem;
- Consumo de energia, água e materiais auxiliares, ciclo de vida do produto;
- Reutilização, re-processamento e reciclagem do todo ou de partes dele.

Na Figura 02 são mostradas as fases onde a interferência de variáveis ambientais vão fazer a diferença no projeto. A variável ambiental já está inserida na definição do problema, tornando-se fundamental sua introdução no desenvolvimento, produção, utilização e disposição final de cada produto desenvolvido.

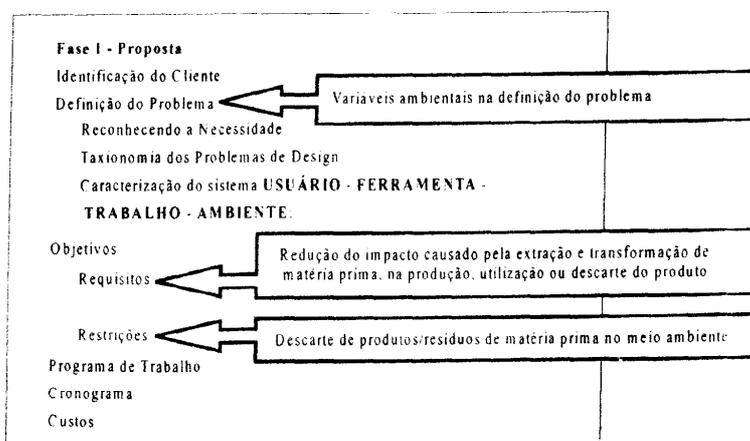


Figura 02: Inserção de variáveis ambientais na fase de proposta.
Fonte: Kindlein (2002).

Na Figura 03, Kindlein (2002) destaca alguns itens que estudam os aspectos ecológicos da produção como: a) análise do ciclo de vida; b) montagem e desmontagem; c) embalagem e transporte; d) reciclagem após descarte; e) geração de

resíduos durante a vida útil; f) processos de fabricação; g) matéria-prima utilizada e fontes, energia gerada / gasta, tanto na fabricação como no uso do produto.

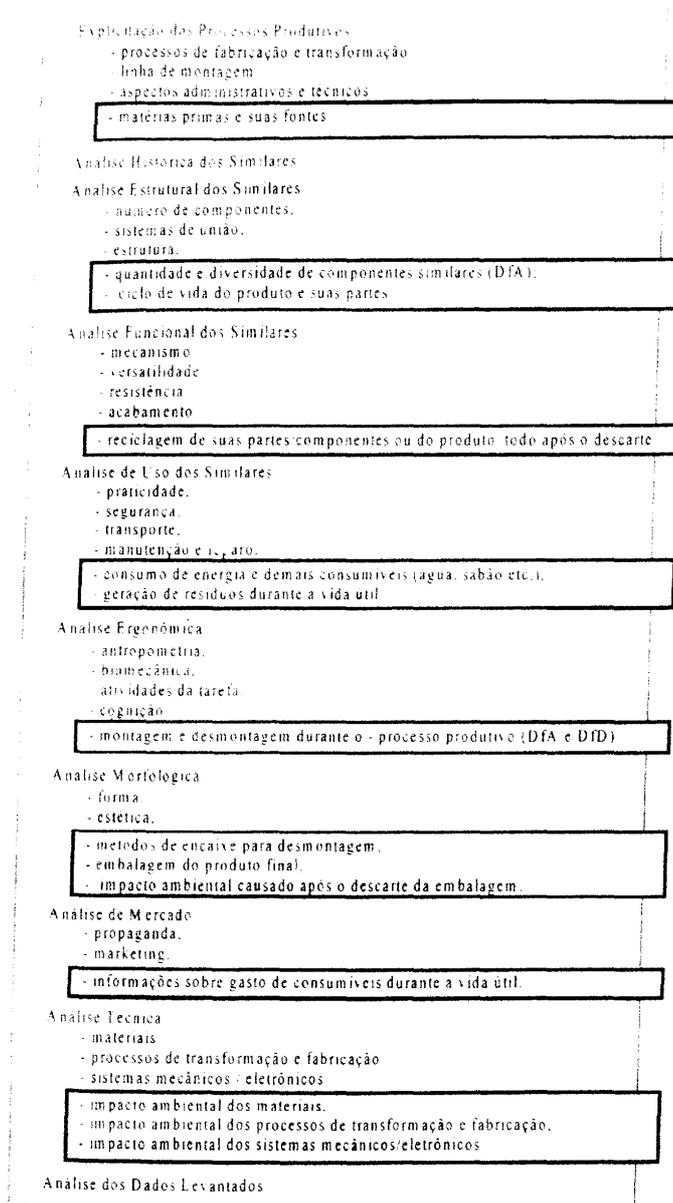


Figura 03: Inserção de variáveis ambientais na fase de prospeção.
Fonte: Kindlein (2002)

A Figura 4 mostra que é na fase de projeção onde são aplicadas as principais etapas do Eco-design para o desenvolvimento de produtos.

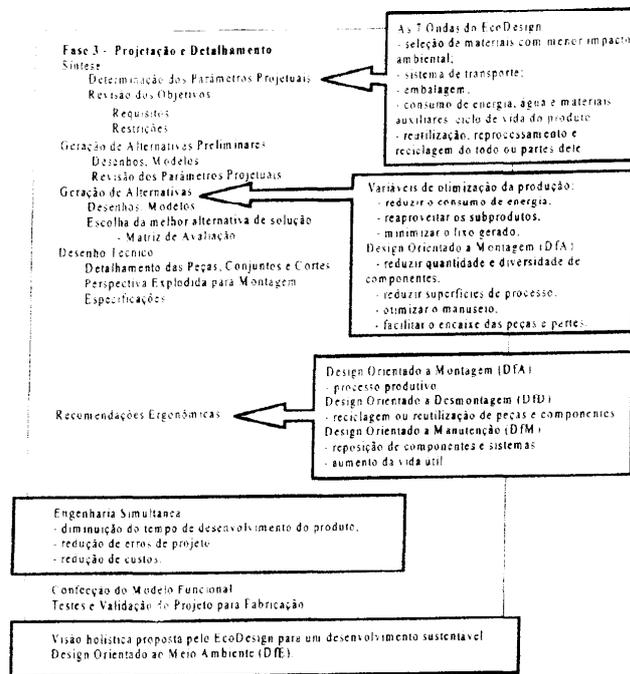


Figura 3 - Inserção das variáveis ambientais na fase de detalhamento.

Figura 04: Inserção de variáveis ambientais na fase de proposta.
 Fonte: Kindlein (2002)

Existem, porém, segundo Löbach (2000), dois ingredientes fundamentais que devem ser incluídos em projetos de design: criatividade e inovação. O designer além de aplicar uma metodologia no desenvolvimento do produto, deve ver o problema com curiosidade e vontade de buscar soluções inéditas. O profissional deve se desligar das restrições e soluções formais por algum tempo, liberando a mente, explorando novas perspectivas para soluções já conhecidas. “A espontaneidade é uma das condições para a inventividade”. (LÖBACH, 2000)

Já para Bonsiepe (1984), mesmo se conhecendo os meios de geração sistemática de variantes, a riqueza das propostas básicas depende da experiência do projetista. O que se pode afirmar é que a capacidade de criar novos conceitos básicos depende em grande parte do que se chama consciência de projeto, com sentido crítico e um agudo sentido de observação.

1.6 ESTRUTURA DO TRABALHO

A Figura 05 mostra como se estruturou a pesquisa que resultou no desenvolvimento de peças de mobiliário de eco-design.

Além dos processos de design e dos conceitos de eco-design foram estudados e aplicados os aspectos mercadológicos que envolvem um novo público mais consciente que consome e dá valor a produtos sustentáveis que preservem o equilíbrio ambiental.

Assim, o capítulo 1 (marrom), dedica-se a introduzir o assunto (design, eco-design, produtos sustentáveis e identidade brasileira), definir os problemas, estabelecer objetivos e definir as justificativas, além de descrever as metodologias aplicadas.

No capítulo 2 (laranja, verde e cinza), são analisados os fundamentos teóricos encontrados na literatura científica a respeito do design, processos, meio ambiente, eco-design, usuários, mercado, indústrias, impacto ambiental e ciclo de vida do produto.

O capítulo 3 (azul escuro) demonstra a aplicação dos procedimentos metodológicos, busca da necessidade, avaliação da necessidade, público alvo, sistemas ou tecnologias disponíveis para execução, custos, conceito do produto, soluções existentes, estudo de viabilidade, matérias primas disponíveis e ergonomia.

No capítulo 4 (azul claro e roxo) é descrita a fase de desenvolvimento do projeto, projeção, geração de alternativas, escolha da alternativa, conceito formal, detalhamento e protótipo.

O capítulo 5 (lilás) conclui e faz projeções de continuidade a novos projetos.

5. CONCLUSÕES

Com tantas mudanças nos hábitos pessoais de morar, e a variedade de atividades distintas que ocorrem dentro da habitação, o mobiliário além de acompanhar o ritmo de vida dos indivíduos da sociedade, deve também imprimir características pessoais à habitação.

Essa necessidade de flexibilização foi fundamentada no decorrer do trabalho, e alguns pontos foram levantados com o formato de metas para o desenvolvimento do projeto.

O resultado foi um mobiliário para organizar espaços com um novo conceito, que o usuário compra seu móvel em rolinhos que cabem em sacolas, e consegue montar, desmontar, guardar e empilhar de acordo com suas necessidades. O usuário neste modelo é o principal envolvido na configuração de seu espaço, tanto no âmbito físico, quanto estético.

Os processos de fabricação e logística são qualidades neste projeto, primeiramente pelo mínimo de regulagens dentro da fabricação do mobiliário e em seguida pela capacidade de compactação dos elementos, além de abrirem-se possibilidades para um desenvolvimento mais aprofundado de outros mobiliários apropriando-se desse novo conceito construtivo.

As pesquisas e matrizes desenvolvidas no decorrer do trabalho denotaram características básicas para um mobiliário flexível. A concepção do produto atendeu todos os requisitos como regulagens, uso potencializado, modulações, facilidade de montagem, estocagem, componentes construtivos com empregos variados, além de somar características ecológicas, haja vista a produção mais limpa e o emprego do couro, que no Brasil é abundante para o produto.

O produto é resultado de uma reflexão do panorama atual, com características objetivas como mobilidade, leveza e composição, e subjetividades como desejos e anseios, que estão presentes na linguagem deste projeto, mesclando características de modernidade pelo emprego da laca e alumínio contrastando com o couro, que traz a inserção do natural aos ambientes.

Evidencia-se então que o produto final deste trabalho é uma peça fácil de montar, capaz de adaptar-se a qualquer ambiente seja pela escolha harmoniosa dos materiais, ou pela flexibilização imposta pelos componentes do sistema, além de possuir um enorme potencial mercadológico, visando sempre o bem estar do usuário dentro de uma residência.

Introdução e Conclusão: Trabalho 5

1. INTRODUÇÃO

O trabalho que segue, visa encontrar alternativas para maximizar o aproveitamento espacial dentro de uma residência através do mobiliário, considerando aspectos físicos e sensoriais dentro da pluralidade de comportamentos que a sociedade atual se encontra.

Para uma melhor compreensão, a abordagem dos assuntos relacionados ao tema segue a sistemática de em primeiro lugar estudar o homem e seus novos comportamentos, para em seguida abordar ao espaço habitável e suas variantes e por último tratar do objeto de estudo, que é o mobiliário.

O modo de vida contemporâneo permite que as pessoas interajam com o mundo da própria residência, novas e variadas atividades nascem no interior das habitações, desde atividades físicas até profissionais, passando pelas relações interpessoais dentro de casa.

Vários estudos apontam variações na estrutura familiar, fatores como a violência urbana, o trânsito caótico nos grandes centros e o crescimento tecnológico também são fatores que interferem nas novas configurações das famílias.

No entanto o espaço habitável permanece com o mesmo modelo de distribuição burguesa do século XIX. Poucas alternativas por parte das habitações são oferecidas a população, que é cada vez mais singular em seu convívio.

O mobiliário será tratado neste trabalho como agente para reconfiguração dos espaços domésticos, e que se nota, no entanto, é o caráter estático apresentado pelo mobiliário naquilo que é ofertado ao grande público.

Algumas alternativas para a flexibilização da habitação através do mobiliário começam a surgir em empresas que tem uma gestão aplicada ao design, porém, o mobiliário disponível hoje para a grande parcela da população não está preparado para as novas maneiras do morar.

1.1. CONTEXTUALIZAÇÃO

Vivemos em um mundo onde a qualidade de vida é cada vez mais difícil de ser alcançada, um mundo cercado de ansios e preocupações. A violência urbana e o stress dos grandes centros, justapostos as evoluções tecnológicas, são agentes geradores de novos comportamentos.

O avanço da informática e os novos meios de comunicação, mudam as perspectivas de trabalho, criam-se novos modelos e alternativas para o homem desenvolver suas atividades em casa, reduzindo assim sua exposição aos problemas da sociedade atual.

Não é somente no campo profissional que esta tendência de busca pelo interior das habitações existe, é cada vez maior a necessidade de se ter condições de lazer e descontração dentro de casa, tanto sozinho como ao receber aos amigos em novos modelos de áreas sociais, hoje super equipadas, como cozinhas planejadas e salas com *home theater*.

"O número de pessoas que utilizam o lar para exercer atividades prazerosas vem aumentando em função do stress dos grandes centros. O comportamento do gourmet, por exemplo, que recebe os amigos para um encontro com jantar, conduz uma integração entre o ambiente da cozinha e o da sala de estar, gerando um mobiliário que crie harmonia entre os diferentes espaços. Aliada a este comportamento a arquitetura cria ambientes voltados à socialização e ao convívio. As salas ganham ares de varandas, com churrasqueiras e área de lazer, fazendo uso de móveis que trazem materiais, cores e texturas em sintonia com esta convivência. Ainda pela evolução da tecnologia muitas pessoas passam a exercer suas atividades profissionais em casa, em home offices que estão integrados ao ambiente residencial, surgindo um tipo de mobiliário personalizado que associa e incorpora este profissionalismo com a sala, o quarto e a cozinha." (Tendências em Mobiliário 2007 SENAI, p. 22)

Na década de 1990, a consultora de marketing americana Faith Popcorn, referia-se a uma tendência observada nas últimas décadas, de menor socialização dos indivíduos, que passam mais tempo recolhidos em casa, denominando como efeito casulo ou efeito *cocooning*¹, que vem do filme "Cocoon", de 1995. O termo casulo é uma metáfora para um lugar superprotegido, que está diretamente relacionada ao aumento da violência e o transito caótico nas grandes cidades. As pessoas procuram a segurança, a liberdade e o conforto dentro de casa. Busca-se através da tecnologia, equipar a casa para ter acesso a todo mundo exterior dentro de casa.

¹ Atitude que consiste em desenvolver o maior número de atividades possível em casa, saindo somente a título excepcional para a rua. Tendência, associada ao aumento da violência nas grandes cidades e possível devido ao avanço tecnológico

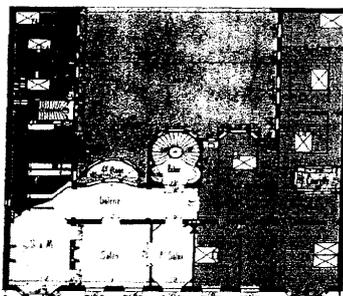
Ao mesmo tempo, outras transformações acontecem, o modelo de família nuclear, aquela composta por pai, mãe e filhos, está dando lugar a novas configurações familiares, reflexo das profundas mudanças nos aspectos sociais e psicológicos da atualidade. Hoje existe uma tendência na autonomia individual do modo de pensar e agir, diferentemente de outros tempos, quando se seguia padrões estabelecidos pela alta cultura. Esse novo comportamento é assinalado pela filósofa e psicanalista Viviane Mosé da seguinte forma:

“Vários sintomas indicam que a família contemporânea possui peculiaridades. Hoje, tem-se menos filhos, dois no máximo. No entanto, esses filhos demoram cada vez mais para sair de casa. Geralmente deixam a companhia dos pais lá pelos 30, 40 anos, quando finalmente conseguem se sustentar. Na década de 1970, um jovem de 18 anos não via a hora de ter seu próprio canto. A geração atual não está preparada para os novos padrões que se instalam. Então, com medo do desemprego e do desconforto financeiro, permanecem o mais que podem sob o teto paterno. Outro aspecto relevante são os ex e seus agregados. Na nova família, convivem em harmonia os filhos do primeiro, do segundo e dos demais casamentos do pai e da mãe.” (As tendências do morar, Especial Casa Cláudia, Viviane Mosé, 2006 p. 22)

O mundo se moderniza com uma velocidade nunca vista, a globalização, a inserção da mulher no mercado de trabalho, os avanços na área da informática, novas maneiras de interação, tudo isso interfere diretamente nas necessidades do espaço habitável, porém, toda essa transformação não se traduz no modelo da estrutura física das habitações, que permanece basicamente inalterado desde o século XIX, a chamada tripartição burguesa oitocentista parisiense², onde a habitação é decomposta em três núcleos, o social, o de serviços e o núcleo íntimo.

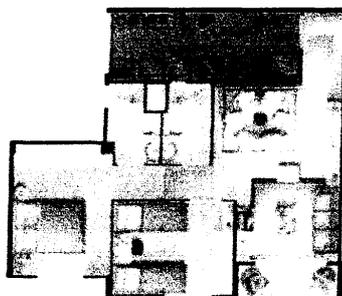
Nas figuras que seguem, podemos comparar os três núcleos separados por cores, Amarelo (social), verde (íntimo) e violeta (serviço):

2. Termo utilizado para definir um modelo de repartição quanto às funções de uma habitação, social, íntima e de serviços, idealizado no século XIX pelos burgueses da época no contexto da Revolução Francesa.



Fonte: http://www.eesc.usp.br/nomads/MCB_design_out04.ppt

Figura 1 – Paris 1880



Fonte: http://www.eesc.usp.br/nomads/MCB_design_out04.ppt

Figura 2 – São Paulo 2004

Nota-se nas figuras acima, que basicamente a divisão permanece a mesma, os quartos e banheiros como áreas íntimas, a sala como o local para receber visitas e o convívio familiar e a cozinha segregada da sala, onde a pessoa que cozinha, fica sem contato com as pessoas da área social, ou seja, isolada.

Dado o panorama da evolução dos comportamentos e habitações, percebe-se que existe uma disparidade entre os dois, e como o modelo de casa não segue com a mesma velocidade a pluralidade dos novos modos de vida, abre-se a oportunidade do mobiliário agir promovendo o bem estar entre o produto casa e o usuário.

Com tantas mudanças acontecendo no espaço habitável, o mobiliário contemporâneo, deve agir como elemento promotor de qualidade de vida, o conforto, a tecnologia empregada e a mobilidade direcionam a organização do espaço habitável, devendo levar em conta os

aspectos individuais. Ou seja, permitir que o usuário tenha diferentes oportunidades de experimentação, onde os objetos podem ganhar novas e imprevistas formas, trabalhando com os sentidos e a emoção do usuário.

Permitir que o usuário interaja com o mobiliário e configure ou (re)configure o espaço onde está inserido, além de permitir uma melhor organização e funcionamento deste espaço, trabalha com o lado emotivo do usuário, proporcionando uma configuração espacial de acordo com suas referências de vida e ainda proporcionando um espaço com características exclusivas, até mesmo porque a busca pela individualidade é um comportamento que aflora nos tempos atuais.

No 5º Fórum Internacional de Arquitetura de São Paulo no início de 2007, Francesco Morace, presidente do Future Concept Lab - Instituto de Pesquisas de Tendências de Consumo de Milão, Itália, a experiência individual é o resultado de uma interação constante entre o mundo externo e interno, que se torna mais eficaz quando desperta os cinco sentidos e o poder de intuição (sexto sentido). “Vivemos num mundo cada vez mais sensorial, sobretudo na forma como as pessoas se relacionam com os objetos”, desta maneira, o ambiente doméstico torna-se um laboratório onde o morador pode interferir e criar suas próprias configurações, de acordo com suas necessidades.

1.2. DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

Como cada vez mais é da própria residência que as pessoas interagem com o mundo, novas e variadas atividades nascem no interior das habitações, desde atividades físicas até profissionais, passando pelas relações interpessoais dentro de casa.

Em contrapartida, as dimensões do espaço habitável diminuíram cerca de 50% nos últimos 30 anos, segundo Marcelo Tramontano em entrevista a Revista Casa Claudia ano 31 N° 549.

A maior concentração de habitantes por metro quadrado ocorre nos grandes centros, onde o número de empregos é maior, despertando muitas vezes o sonho do morador do interior em ter uma oportunidade de sucesso, porém, quase sempre o sonho termina na periferia, em habitações mínimas.

A diminuição do espaço habitável, não é característica apenas dos moradores pobres ou de periferias, nos centros urbanos também é comum em habitações verticais a economia espacial, principalmente nas conhecidas quitinetes. Cabe ressaltar que nestes dois modelos de habitação a realidade e condições financeiras e sociais são distintas.

Em estudos realizados pelo núcleo NOMADS (Núcleo de estudos de habitats interativos) da USP (Universidade de São Paulo) em 2003, entendeu-se que o espaço da habitação, assim como o mobiliário como elemento fundamental para a reconfiguração do espaço doméstico, tal como se apresentam hoje, adequam-se mal aos novos modos de vida da sociedade brasileira devendo, portanto, ser repensados.

“Na sociedade contemporânea, os grupos familiares e seus padrões de comportamento apresentam uma variedade cada vez maior. A inadequação dos espaços de morar em geral em relação à variedade e à quantidade crescentes de atividades desenvolvidas no seu interior têm como agravante a estanqueidade funcional proposta no projeto desses espaços. Para atender a este número crescente de atividades, acreditamos que os interiores domésticos precisam ser reconfiguráveis. Essa possibilidade demanda, sem dúvida, uma necessária multifuncionalidade de seus elementos, o que sugere, em última instância, a possibilidade de se sobrepor funções em um mesmo elemento constituinte do espaço, seja ele componente construtivo, equipamento ou peça de mobiliário. Para além do emprego mais conhecido - ainda que pouco explorado - de divisórias móveis, painéis e armários deslizantes, elementos recombinaíveis de piso e de vedações, e uma infinidade de outros dispositivos, percebe-se que o mobiliário, sobre o qual repousa boa parcela de responsabilidade pelo funcionamento do espaço doméstico, também deve apresentar características que contribuam para a reorganização contínua desse espaço.”(Tramontano, M., Nojimoto, 2003.)

Considerando que as necessidades dos usuários são distintas e o espaço habitável é pequeno, como equipar a moradia com um mobiliário que atenda as necessidades pessoais e coletivas dos moradores, enquanto o que é oferecido no mercado, muitas vezes é incompatível com essas necessidades?

1.3. OBJETIVO GERAL

Projetar um mobiliário com função de organizar espaços para se adequarem a nova realidade de racionalização e configuração espacial relacionados com os novos hábitos e necessidades funcionais.

1.3.1. Objetivos específicos

- Projetar potencializando o uso do mobiliário de acordo com os novos hábitos
- Projetar prevendo modulações e componentes construtivos
- Considerar a estocagem, transporte, montagem e desmontagem
- Ajustes aos usuários
- Considerar uma produção mais limpa minimizando os descartes de matéria-prima

1.4. JUSTIFICATIVA

Vivemos em um mundo de transformações rápidas e profundas, um mundo cosmopolita e globalizado, onde o universal inspira o pensamento local, novas visões de mundo que geram novas necessidades individuais, porém, essas mudanças não foram acompanhadas pela indústria, tanto a da habitação quanto a do mobiliário.

No que diz respeito à “indústria” da construção civil, quase sempre oferecem o produto casa sem nenhum tipo de estudo ou ajuste as necessidades ou gosto individual dos moradores, podendo-se comparar a uma indústria seriada, onde se produz várias cópias idênticas para usuários distintos.

Já o mobiliário, que poderia se não sanar, mas ao menos amenizar a disparidade entre o espaço habitável e o habitante, permitindo a flexibilização e customização do ambiente, mostra-se em sua grande maioria um produto estático, pesado e pobre esteticamente, quase sempre um redesenho ou redesign do que já está codificado como modelo. Por exemplo, é a cadeira e não o sentar, é a estante e não o mobiliário para organizar os objetos, portanto, o que se projeta hoje, leva em consideração o signo adotado pelo mercado.

Alguns até tentam adotar um conceito de mobilidade inserindo rodízios aos móveis, porém, com a redução das habitações, fica difícil empregar esse conceito de mover os móveis por caminhos estreitos, salvos os casos que a mobilidade foi projetada apenas para a limpeza ou instalação de alguns equipamentos eletrônicos, como TVs por exemplo.

Esta situação do mobiliário está inserida no atual contexto, já faz parte da cultura, tanto por parte das indústrias que investem pouco em design, quanto por parte dos projetistas,

e até mesmo dos usuários. As pessoas pensam que isso sempre foi assim, então pra que mudar?

O designer Philippe Starck critica a falta de iniciativa das pessoas no que diz respeito à organização de uma habitação, falando sobre o hábito, a bobagem e o desprezo dos arquitetos:

“As obras de arquitetos evoluem, hoje, entre o *hábito*, a *bobagem* e o *desprezo*. O *hábito*, porque muitas pessoas não pensam na organização do cômodo quando constroem ou compram um imóvel, e os arquitetos e incorporadores fazem, portanto, o que sempre se fez. A *bobagem*, porque certos arquitetos imaginam que passarão por imbecis se se recusarem a prever uma sala de visitas e uma sala de jantar na casa dos clientes. Finalmente o *desprezo*, porque arquitetos e incorporadores imaginam ser suportável que, ao fim de um dia de trabalho, uma mulher seja obrigada a ficar preparando a refeição na cozinha, fazendo idas e vindas à sala, onde o resto da família assiste TV. Faz vinte anos que eu brigo para instalar a cozinha na sala de estar, abandonando a mesa convencional. Estas duas ações, que os idiotas e os cegos poderiam qualificar de estéticas, são, na verdade, *eminentemente políticas*.” (Entrevista Nomads apud Bellanger, F. *Habitat(s)*, 2000. p. 129-138.)

Mostra-se então uma grande lacuna entre o que é oferecido e o que pode ser considerado como ideal. Surge então uma oportunidade para o profissional designer inovar, desenvolvendo novos conceitos de mobiliário, capazes de melhorar a qualidade de vida dos usuários, não através de cópias nem redesign do que foi feito até hoje, mas sim com novos produtos para um novo estilo de vida que passou a existir com as mudanças na sociedade atual.

4 CONCLUSÕES

A linha de luminárias decorativas desenvolvida atingiu o objetivo geral, sendo constituída de fibra natural e com uma boa distribuição luminosa. A definição do tipo de iluminação desejado, tipos de fibras, tecnologia só foi possível perante todo o estudo previamente estipulado nos objetivos específicos.

O estudo dos diferentes conceitos de iluminação e o conhecimento sobre a tecnologia da luz, permitiram a elaboração do conceito do produto que foi definido no desenvolvimento do projeto através da criação de uma luminária decorativa que proporciona uma iluminação indireta como a luz da lua.

Desta forma a linha de luminárias decorativas composta de fibra natural não é apenas um elemento de decoração nos ambientes, mas sim um aparelho que permite uma luminosidade adequada com a possibilidade de regulagem da intensidade da luz.

As pesquisas sobre o design de luminárias possibilitou o desenvolvimento de uma linha de luminárias que pode ser aplicada em diferentes usos, como teto, arandela, piso e mesa, permitindo a melhor composição dos ambientes.

O desenvolvimento deste trabalho contribui para o crescimento profissional, desde aspectos de escrita até desenhos técnicos e protótipo. Este por sua vez, apresentou várias dificuldades de funcionamento, o que deixou evidente o quão o designer deve estar atento e solucionar as dificuldades que aparecem no decorrer do projeto. Além deste aspecto, este profissional deve estar sintonizado com todas as novidades tecnológicas, de materiais e até mesmo as mudanças de comportamento dos usuários.

A troca de informações com pessoas da área da iluminação contribuiu para reforçar que a linha de luminárias em questão está de acordo com as tendências de mercado.

4.1 EXTENSÕES

Para a produção em série da luminária proposta é preciso um estudo mais aprofundado, com ferramental e profissional. Há algumas questões que deverão ser revistas, como os detalhes de encaixe, furos e formas de fixação das partes que o compõe, o sistema de movimentação da aba e a possibilidade de aplicar outros materiais na estrutura para gerar um aspecto visual mais delicado e elegante.

Identificou-se a necessidade de adequar as proporções do produto e desenvolver novos testes, principalmente com outras fontes de luz (lâmpadas) e materiais, para obter diferentes

efeitos visuais e controlar resíduos de luz gerados pela lâmpada escolhida. E até mesmo o aprofundamento sobre as fibras naturais e formas de tramar para criar um aspecto mais original na luminária.

Introdução e conclusão: Trabalho 6

1 INTRODUÇÃO

As pessoas buscam, cada vez mais, ambientes agradáveis para viver e, neste contexto, a iluminação assume um papel muito importante. Além de garantir a correta percepção do ambiente, proporciona contrastes e sombras agradáveis ao olhar humano e torna o ambiente mais confortável, seguro e produtivo. Para tal, é essencial que haja uma integração completa de todos os componentes da iluminação, ou seja, o homem com seu sistema visual, o ambiente com suas características formais e a luz com seu sistema de distribuição.

O desenvolvimento cada vez maior da tecnologia da iluminação tem ampliado a variedade de produtos disponíveis no mercado, desde lâmpadas, luminárias e acessórios. Com isso, ampliou-se também o interesse por novos produtos, principalmente luminárias decorativas. As luminárias decorativas são empregadas em residências completando o espaço arquitetônico e a ambientação desejada pelo usuário. Dependendo do efeito esperado há vários tipos de luminárias, como as arandelas, os pendentes e as luminárias de piso e mesa. São compostas por uma grande gama de materiais, desde plástico, metais, até fibras naturais.

O trabalho proposto é o desenvolvimento de uma linha de luminárias decorativas, constituída de fibra natural tendo como conceito formal e técnico a luz da lua.

1.1 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

A busca por produtos cujos materiais remetem à natureza tem se tornado uma constante, principalmente no mercado de decoração e apesar de existir uma variada gama de opções de móveis e objetos decorativos, o mercado de luminárias não segue essa tendência. Segundo os lojistas do segmento, as luminárias de fibras naturais disponíveis no mercado agradam ao gosto dos consumidores, mas não satisfazem as suas necessidades quanto à eficiência da iluminação. As pessoas acabam comprando os produtos por sua beleza estética e usam apenas como objeto decorativo, recorrendo a outros equipamentos para garantir a iluminação adequada ao ambiente. Partindo desses pressupostos, esse trabalho propõe-se a desenvolver uma linha de luminárias decorativas que utilize fibras naturais em sua concepção sem que isso prejudique a função principal do produto, que é iluminar.

1.2 OBJETIVOS DO TRABALHO

A seguir enunciam-se os objetivos geral e específicos de pesquisa.

1.2.1 Geral

Desenvolver uma linha de luminárias decorativas utilizando fibras naturais com uma boa distribuição luminosa.

1.2.2 Específicos

- a) estudar os conceitos de iluminação;
- b) pesquisar sobre as tecnologias da luz;
- c) pesquisar sobre o design de luminárias;
- d) estudar algumas possibilidades de uso das fibras naturais;
- e) elaborar uma linha de luminárias decorativas.

1.3 JUSTIFICATIVA

Conforme Pereira (2003), o período vivido atualmente pela sociedade vem estabelecendo um anseio para a qualidade de vida e a busca pelo meio ambiente. Por isto, segundo Garavello e Molina (2004) a tendência mundial é a utilização de fibra natural em objetos de design como uma tentativa de reaproximar o homem da natureza.

As luminárias de fibra natural presentes no mercado são utilizadas para a decoração de ambientes, já que a eficiência luminosa não é adequada. Segundo Bastian (2003) a luz é um elemento gerador de emoções e sensações, exercendo efeitos físicos, fisiológicos e psicológicos sobre o homem. Portanto de acordo com Morris (1998) tanto o formato como a cor e material da luminária devem se unir para possibilitar uma boa iluminação,

proporcionando um apoio a arquitetura. Partindo destes princípios a proposta é desenvolver uma linha de luminárias com fibra natural que proporcione uma eficiência luminosa adequada, com baixo impacto ambiental e durável.

1.4 METODOLOGIA DA PESQUISA CIENTÍFICA

Essa pesquisa classifica-se, segundo Lakatos e Marconi (1983), como experimental, ao envolver levantamentos explicativos, avaliativos e interpretativos objetivando a aplicação dos resultados de forma prática.

A etapa preliminar se resume a identificação do tema a ser desenvolvido. Nesta fase há o reconhecimento do assunto com uma pesquisa breve, com isso delimitou-se o tema para aplicação de fibras naturais em luminárias decorativas.

No levantamento de dados, composto por uma pesquisa bibliográfica, Internet, revistas, catálogos técnicos, visitas a feiras, registros fotográficos, entrevistas com pessoas chave como lojistas, consumidores, designers e gerentes de empresas do setor.

A partir destes dados fez-se uma análise e interpretação dos resultados. Iniciou-se pelo estudo das informações obtidas, desde aspectos de iluminação, tipos de luminárias decorativas, novas tendências, além da diversidade de fibras naturais, e suas aplicações. Logo após, os dados foram relacionados e sintetizados para o objetivo do trabalho proposto. Esta etapa demonstrou a tendência mundial para o uso de fibra natural nos mais variados produtos, e também evidenciou a deficiência do mercado de luminárias com este material e com uma eficiência luminosa adequada. A partir dos dados coletados o conceito é delineado, baseado na luz da lua, que proporciona uma iluminação indireta.

1.5 ESTRUTURA DO TRABALHO

A introdução situa o leitor sobre o contexto entre ambiente e iluminação. Nesse capítulo apresenta-se a definição do problema, os objetivos do trabalho, a justificativa, e a metodologia utilizada para a pesquisa científica.

No capítulo 2 encontra-se a fundamentação teórica que trata do Design e seus

processos, demonstrando a necessidade de uma metodologia para o desenvolvimento do produto. Aborda a luz e sua ligação profunda com o homem, desde aspectos físicos, fisiológicos e psicológicos, a tecnologia da luz, através de um estudo sobre as fontes de luz, sobre as luminárias que distribuem a luz e sobre as técnicas de iluminação. Apresenta um histórico sobre as luminárias, a classificação das luminárias decorativas, e as novas tendências neste segmento. Por fim mostra o uso crescente de fibras naturais no design de produto e descreve alguns tipos de fibras naturais como são classificadas e empregadas nos diversos produtos.

O capítulo 3 apresenta o desenvolvimento do projeto de produto com as alternativas que foram geradas, a escolha da alternativa adotada, a elaboração do protótipo e os dados técnicos do produto.

Por fim no capítulo 4 está a conclusão do trabalho, que mostra os resultados obtidos e as possíveis extensões.

4 CONCLUSÕES

Conclui-se ao fim deste trabalho que através de conceitos de design é possível tornar o inutilizável em objeto de desejo. Existe um enorme espaço para propor soluções de produtos e acabamentos elaborados a partir desses resíduos. Desde o início deste trabalho, teve-se a preocupação de não gerar resíduo do resíduo. Por este motivo as sobras da montagem das placas serão aproveitadas na composição de outras, e assim sucessivamente.

Optou-se por deixar os resíduos de forma aparente para valorizar e chamar a atenção para o problema do meio ambiente. O conceito deste trabalho está presente inclusive no nome dado a linha de móveis - Restô. A linha de móveis "Restô" é uma alternativa ecologicamente correta e destinada a um público ligado a preocupações ambientais. Elaborada com linhas retas e formas simples, o que possibilita a sua produção em série.

O objetivo principal desta pesquisa que desenvolveu um projeto de reaproveitamento das sobras de material descartado pelas fábricas de móveis e seus resultados positivos no impacto ambiental, foi atingido. Os outros objetivos específicos, como o desenvolvimento de uma chapa plana construída aleatoriamente com as sobras disponíveis, o desenvolvimento do sistema modular que permite a montagem de vários tipos de mobiliário e a criação de uma nova estética conceitual, baseada em princípios ecológicos de aproveitamento de resíduos industriais, também foram atingidos.

Conclui-se ao fim deste trabalho que a linha "Restô" atende aos objetivos propostos. Além de ser uma alternativa ecologicamente correta, a linha de móveis Restô, através de sua composição modular se adapta a diferentes espaços e a diferentes usos.

4.1 EXTENSÕES

Pretende-se continuar a pesquisa ampliando as possibilidades de montagem de novas placas com outros resíduos, pesquisando elementos aglutinadores que podem resultar em acabamentos de superfície que farão o diferencial do produto. Pretende-se em outras pesquisas ampliar os estudos inserindo o resíduo do tipo pó em novos produtos, sempre visando a solução ecologicamente correta para população engajada no movimento.

Esta pesquisa poderá ser a base para o desenvolvimento de novos projetos que utilizem resíduos de outras espécies na confecção de móveis, atendendo a uma política ambiental de sustentabilidade, oferecendo soluções que ampliem a base da indústria moveleira com possibilidades de novos negócios. Foram percebidas possibilidades de montagem de novas placas com outros tipos de resíduos e novos elementos aglutinadores que poderão resultar em acabamentos de superfície que ofereçam um diferencial para o produto.

Introdução e conclusão: Trabalho 7

1 INTRODUÇÃO

Boa parte da madeira resultante do setor moveleiro é desperdiçada. São pedaços de diversos tamanhos que, a princípio, não podem ser aproveitados diretamente em outros móveis. Assim, o que era matéria-prima essencial para a fabricação de móveis, torna-se um problema. Algumas empresas estocam os resíduos que depois são despejados sem tratamento nos grandes lixões, já outras incendeiam esses pedaços. Existe um espaço para propor soluções criativas, que transformem o que era jogado fora em lucro e ainda, contribuindo para o meio-ambiente. Através de alternativas criativas aliadas a conceitos de *design*, esse problema pode ser transformado em produtos gerando lucro para as empresas, ou para cooperativas.

Reaproveitar materiais para produzir móveis e objetos, poupando o meio-ambiente, virou tendência no mercado. Mady (2000) comenta que

a utilização destas sobras de madeira pode, inclusive, reverter em lucro para a pequena e média empresa. A partir de sobras é possível confeccionar pequenos artefatos (colher-de-pau, tábuas de carne, porta-guardanapos, calendários, porta-lápis, porta-cd, etc.) e até iniciar uma pequena produção de brinquedos de madeira, com baixo investimento e retorno garantido (MADY, 2000, p.95).

1.2 OBJETIVOS DO TRABALHO

Apresentam-se, a seguir, os objetivos desta pesquisa.

1.2.1 Objetivo Geral

Desenvolver um projeto de produto que amenize o impacto ambiental provocado pela destinação inadequada dos resíduos, reaproveitando sobras de material descartado nas fábricas de móveis.

1.2.2 Objetivos Específicos

- a) Desenvolver uma chapa plana construída com sobras diversas, recolhidas aleatoriamente sem seleção prévia, que proporcione a base para a confecção de mobiliário.
- b) Desenvolver um sistema modular que permita a montagem de vários tipos de mobiliário, adaptável a várias necessidades.
- c) Criar uma nova estética conceitual, baseada em princípios ecológicos de aproveitamento de resíduos industriais, destinada a um público vasto, independente de classe ou posição social, atento aos problemas do nosso meio ambiente.

1.3 JUSTIFICATIVA PARA ESTUDO DO TEMA.

A partir da identificação de sobras das indústrias de móveis, este trabalho se propõe a desenvolver um subproduto composto por resíduos de MDF (*medium density fiberboard*) prensados em placas e com elas desenvolver um sistema modular de mobiliário que apresente soluções personalizadas e multifuncionais para atender as necessidades de qualquer público.

Como atualmente o espaço “morar” está cada vez mais compacto, torna-se necessário projetar móveis de linhas simples e versáteis que possam se adaptar a vários tipos de uso. Esta pesquisa visa apresentar soluções multifuncionais, com forte apelo ambiental, práticas e simples que possam compor o mobiliário básico de quem quer morar com conforto.

1.4 METODOLOGIA

A metodologia aplicada neste projeto divide-se nas seguintes etapas:

1. Pesquisa bibliográfica exploratória sobre os assuntos referentes a este tema,

buscando informações em livros, artigos, internet e revistas, entre outros.

2. *Benchmarking*: análise de produtos existentes no mercado com características similares ao produto a ser desenvolvido.

3. Para o desenvolvimento do produto será aplicada a metodologia descrita por Munari (1998) que se subdivide em: problema, definição do problema, componentes do problema, coleta de dados, análise dos dados, criatividade, materiais e tecnologias, experimentação, modelo, verificação, desenho, solução.

1.5 ESTRUTURA DO TRABALHO

A estrutura deste trabalho é composta de cinco capítulos, sendo organizados da seguinte forma:

Capítulo I: Fazem parte deste capítulo o resumo deste trabalho, a introdução, os problemas e objetivos desta pesquisa.

Capítulo II: Revisão de literatura. Nesta parte faz-se um pequeno resumo da história do mobiliário; da madeira e suas utilizações. São abordados também os conceitos ambientais através de *cases* de produtos fabricados com resíduos.

Capítulo III: desenvolvimento do projeto. Neste capítulo serão apresentadas as diversas etapas de desenvolvimento do produto: as premissas do projeto, o conceito e a justificativa, as alternativas geradas e o resultado final.

Capítulo IV: apresentação das conclusões.

Capítulo V: referências.

ANEXOS: neste item serão apresentadas as fotos e alguns desenhos da linha “Restô”

5 CONCLUSÕES

Neste trabalho foi criada uma peça piloto que dará origem a uma linha de mobiliário ecologicamente correta com as características conceituais do Banco Amazônia. A peça desenvolvida atende aos itens de preservação ambiental e foi confeccionada a partir de materiais naturais e recicláveis. Existem, é claro, alguns itens que não tornam sua confecção 100% limpa, como por exemplo, a solda que é usada no alumínio e o zíper utilizado na almofada. Entretanto esses dois itens são irrelevantes considerando-se que a maior parte de matéria prima utilizada é ecologicamente correta.

A idéia inicial era trabalhar com fibra de bananeira, material que vem sendo bastante usado em acessórios de decoração e que existe em abundância na região Catarinense. Esta opção foi descartada, pois se descobriu que o junco é mais resistente tornando o produto mais durável, ou seja, prolongando o seu ciclo de vida.

O principal objetivo do trabalho foi atingido com a pesquisa e desenvolvimento do Banco Amazônia. Essa é a peça piloto de uma linha de mobiliário ecologicamente correta, com características formais ligadas a fauna e flora brasileira, que criam uma imagem nacional exportável e que contém os princípios de design sustentável, respeito ambiental, conforto e beleza brasileira.

Pode-se dizer que os objetivos secundários também foram alcançados, realizando pesquisas sobre materiais recicláveis e biodegradáveis, utilizando conceitos e metodologias ligadas ao Eco-design, aplicando formas com alto grau de identificação com a flora e fauna brasileiras ajudando a construir uma imagem de brasilidade para o design nacional, difundindo a imagem do Brasil como fabricante e exportador de produtos ecologicamente corretos.

Foi criada uma etiqueta identificadora do objeto, como mostram as figuras 46 e 47, onde se destacam seus materiais e indicação de conceito formal baseado na flora tropical da Amazônia. A brasilidade da peça fica mais evidente a partir da exposição correta de sua origem formal. Pode-se dizer que em sendo ela exportada poderá receber um selo de "Made in Brazil" representando nossas riquezas naturais características da região amazônica.

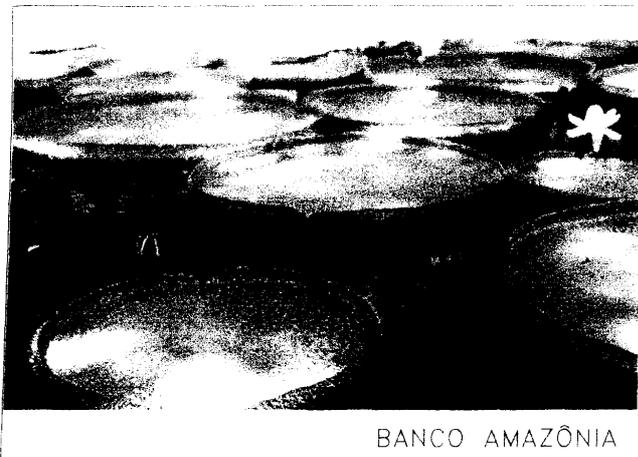


Figura 53: Frente da Etiqueta.
Fonte: Dados da pesquisa



Figura 54: Verso da Etiqueta.
Fonte: Dados da pesquisa

Projetos de Eco-design não vão salvar o mundo do aquecimento global ou da emissão de gases, porém vão chamar a atenção do público consumidor sobre sua importância na produção, no consumo consciente com responsabilidade ambiental. Um produto elaborado dentro dos conceitos de preservação ambiental podem ser bonitos, além de representarem um conceito importante para a nossa sociedade.

A sugestão é que este trabalho sirva de base para o desenvolvimento mais

acelerado de produtos de eco eficientes projetados por profissionais de design consciente.

Introdução e conclusão: Trabalho 8

1 INTRODUÇÃO

O armazenamento e o transporte de mantimentos e utensílios estão vinculados a uma necessidade primitiva, que remonta a origem nômade do homem e de sua própria sobrevivência. Na antiguidade, os recipientes utilizados para guardar estes objetos eram feitos com o que havia na natureza. Em nosso tempo, a propriedade de novos materiais e sistemas produtivos extrapola a mera sucessão das aplicações tradicionais em relação aos materiais naturais.

Atualmente o contato humano com áreas naturais tem finalidades bem diferentes daquelas atribuídas aos nossos antepassados. O que antes amedrontava pela vastidão e vida selvagem, agora é praticamente um prêmio de direito ao ócio por condecoração ao trabalho. A natureza se tornou um palco para novas experiências, emoções e sensações. Nas incursões a ambientes naturais bem preservados temos a possibilidade de desfrutar momentos de contemplação, lazer, ou folga ativa através de atividades esportivas ou de aventura. Esses aspectos sociais arrastam o homem para a busca de sua identidade e distinção.

A procura pela natureza, tem muito a ver com a sensação de liberdade, consciência ambiental, reconhecimento de conduta sedentária, e fuga da agitação urbana, aliados aos fenômenos do turismo, contribuem para o desenvolvimento de novos valores de referência. De alguma maneira, o corpo é colocado como um foco de resistência diante das inúmeras interfaces e noções éticas, que dentre outros fatores, advêm da aceleração ao pânico de não fazer nada (MARINHO; BRUHNS, 2003).

A evolução tecnológica, a necessidade de inovação para ampliação de mercados, a fugacidade dos signos, são circunstâncias que permitem a exploração de áreas como a biônica para o desenvolvimento de novos produtos. A interface e a leitura do ser humano em relação às formas naturais é de fácil assimilação, é algo que faz parte do habitat, e sofre pouca interferência da cultura visual da civilização.

A biônica atua no design a como um agente de estímulo a originalidade, e auxilia na humanização de uma solução técnica-criativa, devido as possibilidades de analogias, associações e combinações de forma-função-comportamento de produtos com sistemas naturais.

O aproveitamento de tempo e espaço na realização de tarefas são necessidades do nosso cotidiano, e impulsionam a intervenção do design. Este trabalho aborda e considera como um problema de design, o transporte, o acondicionamento, e a disponibilidade de

utensílios utilizados em campismo ou atividades praticadas ao ar livre, com ênfase em tarefas destinadas a alimentação.

1.1 OBJETIVOS DO TRABALHO

1.1.1 Objetivo Geral

Desenvolver um projeto de produto apoiado na biônica, que seja portátil e, adequado para guardar mantimentos e utensílios utilizados em atividades de lazer ao ar livre.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Entender o conceito de biônica com ênfase no design de produtos.
- Identificar os hábitos e necessidades de armazenamento dos usuários adeptos a práticas de lazer ao ar livre.
- Pesquisar dispositivos naturais de armazenamento.
- Enfatizar princípios geométricos e de proporções disponíveis na natureza.
- Buscar uma solução que ocupe pouco espaço quando o objeto não estiver sendo usado.
- Conceber um objeto leve, simples de montar e desmontar, fácil de manusear.

1.2 JUSTIFICATIVA

Este trabalho tem por finalidade, explorar princípios da biônica para conceber um produto orientado para a função de acondicionamento de utensílios e alimentos apropriados às

necessidades de usuários adeptos do lazer ao ar livre.

O interesse pelo tema surgiu da incerta atuação do design na produção industrial referente a produtos da área do campismo ou de hospedagem provisória, em tenda, barraca ou segunda residência. Por exemplo, a falta de conforto na hospedagem em acampamento evidencia a improvisação nas tarefas destinadas ao preparo e consumo de refeições.

O mercado destinado a produtos para o campismo carece de opções de armários portáteis, para uso por pequenas famílias em férias, veraneio ou viagem de fim-de-semana, que caiba num porta-malas, possa ser carregado facilmente por uma só pessoa, se auto-sustente, seja de fácil acesso e possa ser usado ao ar livre.

Atualmente pode-se perceber um significativo incremento na exploração do turismo ecológico, incentivado pela preocupação com a preservação do meio ambiente. Neste sentido, a inserção da biônica tem o propósito de revelar o signo da relação ambiente-homem-produto, buscando na própria natureza e na necessidade de uso, indícios para uma adaptação técnica. A associação desses fatores oferece a condição diferencial de inovação.

Na estadia em campismo é aconselhável a utilização de produtos leves e compactos, o que inclui, fogareiro, panela, faca multiuso, talheres, copo, cantil, prato, alimentos semi-prontos e desidratados (solúveis ou dissolvidos em água), comida e bebida enlatada, bolachas e biscoitos, salgadinhos em pacotes, leite em pó, café solúvel, sal, açúcar, lanterna (e pilhas), kit de primeiros socorros, material de limpeza, etc..

Diante deste cenário, este projeto de produto voltado ao design industrial se propõe a conceber um objeto compacto e fácil de usar. Algo menos pessoal que uma mochila, mais cômodo de carregar do que uma caixa de isopor, mais seguro, atraente, e menos constrangedor do que caixas de papelão e sacolas plásticas.

1.3 ESTRUTURA DO TRABALHO

Por questões didáticas e de reconhecimento do processo em que este trabalho se aplica, num primeiro momento é feita uma contextualização da área de atuação do design industrial. Posteriormente averigua a importância da inovação e da criatividade como condição de projeto. Na seqüência são feitas descrições de princípios naturais, que tem por finalidade a elaboração de conceito e a configuração do objeto. Na etapa seguinte é proposta uma

metodologia amigável de design. Na continuação vem o desenvolvimento e as fases pertinentes ao projeto do produto propriamente dito. Por fim são apresentadas as considerações finais e as propostas de extensões de estudos futuros.

1.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo se apóia na análise de sistemas naturais como fonte de inspiração para descobrir soluções técnicas para uso em produtos industriais. Na atividade de design os desafios de criação dependem muito da intuição e repertório, e a biônica é um caminho instigante para o aprimoramento de ambas as capacidades humanas.

A pesquisa bibliográfica denota a importância da inovação e da criatividade (a nível pessoal) para o design de produtos, com ênfase aos caminhos da biônica e desenvolvimento de projeto. O cenário de atuação do design é montado pela dinâmica das tendências de modalidades de turismo ligadas ao lazer na natureza. A busca por diferenciação ocorre pelo ajuste de interferências detectadas nas necessidades desses novos movimentos e usuários, seus hábitos e comportamentos.

O método de projeto de produto de design segue a combinação de instruções de Bern Löbach (Design Industrial – bases para a configuração dos produtos industriais, 2001), Bruno Munari (Das Coisas Nascem as Coisas, 1998) e Gui Bonsiepe (Metodologia Experimental – desenho industrial, 1984), através da macroestrutura do processo projetual com *feed-back*, e ainda, são utilizadas ferramentas de projeto desenvolvidas por Baxter (Projeto de Produto – guia prático para o design de novos produtos), e relativo a biônica o material consultado faz referência ao trabalho de Jaime Ramos (A Biônica Aplicada ao Projeto de Produtos, 1993).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenvolvimento de novos produtos, o uso criativo das analogias de sistemas naturais expande as possibilidades de abordagem relativas à forma, função, material e comportamento. A diversidade e a vastidão de soluções apresentadas pelo plano natural ampliam os horizontes de pesquisa para as inovações tecnológicas. A identificação de sistemas naturais para aproveitamento industrial opera na disposição de suplantar qualidades tradicionais referente ao desempenho e confiabilidade dos produtos.

O designer deve gerar várias soluções para um mesmo problema, a partir delas, fazer comparações e combinações, para então selecionar a solução mais adequada. As analogias obtidas com a biônica, não são simples comparações e aplicações de resultados encontrados no mundo natural, mas se tratam de análises de princípios de funcionamento e solução de processos biológicos (GOMES, 1986).

O projeto do produto como resultado da proposta de interação com a biônica, comprova a capacidade de envolvimento do design com diferentes áreas de conhecimento.

No projeto de produto voltado a biônica, o conceito deve ser flexível de ordem natural, o conceito se diferencia a medida que os sistemas naturais são analisados.

Na bibliografia pesquisada, a biônica se aprofunda nas inter-relações físicas e ambientais, e nas especificidades funcionais dos sistemas naturais, a interferência do design difere pelo ataque a cultura e conduta do usuário, seus hábitos, seu comportamento, suas aspirações. Neste caso, o biológico serve ao ecológico (considerando que um objeto inspirado num organismo possa transmitir uma mensagem ecológica).

No design, a expectativa de um projeto de produto é de atender o que é estipulado como uma necessidade física e cultural do ser humano. A portabilidade é uma necessidade impulsionada por práticas da sociedade da mobilidade, que pode ser percebida na cibercultura, no caráter nômade e tribal de deslocamentos e afinidades, na reconfiguração de espaços urbanos, no turismo voltado ao lazer em áreas naturais.

O produto desenvolvido neste projeto foi direcionado para a condição de montagem ao ar livre (prática do campismo), e tem o objetivo de cumprir as funções de armazenamento, transporte e acessibilidade de objetos de uso geral e comum nas tarefas do dia-a-dia. A análise funcional dos sistemas naturais orientada pelos requisitos de projeto, estabeleceu a flexibilidade e a retrabilidade dos tecidos como as características mais promissoras para exercer as referidas funções.

As linhas curvas são as prediletas da natureza, aumentam a resistência de superfícies, e permitem a redução de espessura. Os formatos com dupla curvatura tipo esfera, ovo e gota, equalizam as solicitações do invólucro na contenção de volume (fluido), e oferecem uma menor superfície externa para um dado conteúdo interno, juntamente com o emprego da geometria tubular garante o equilíbrio da construção.

A combinação natural do formato tubular estrutural de dupla curvatura inflável do armário para campismo, foi inspirada no corpo segmentado da lagarta monarca (*monarch caterpillar*), que se utiliza do princípio da união de segmentos esféricos ao longo de uma linha para equilibrar os esforços e manter a mobilidade. A membrana flexível que compõe esse organismo lhe propicia propriedades de locomoção e estabilidade, a medida que um lado do segmento anelar sofre os efeitos da compressão, o lado oposto se expande.

O arranjo inflável do produto é constituído de tecido sintético de alta resistência e leveza, semelhante ao revestimento da lagarta, e o ar comprimido é análogo aos fluidos vitais que lhe assegura a forma do conjunto.

No produto, a proporção do diâmetro externo em relação a altura garantem a estabilidade do objeto. Cada segmento circular de secção elíptica forma uma espécie de câmara, constituída por uma base rígida que divide os compartimentos com acesso por zíper. Os segmentos das extremidades formam um anel completo (360°), os três segmentos intermediários possuem uma parte que não é inflável, trata-se de um vão central feito de uma superfície simples e transparente.

Quando o objeto não está inflado se torna uma sacola, que pode ser facilmente manuseada e transportada num porta-malas de um automóvel, e também ocupa pouquíssimo espaço quando está fora de uso.

Nos preparativos para uma viagem de curta estadia em campismo, o indivíduo coloca tudo que (eventualmente) precisa numa sacola, chegando ao destino, a sacola é inflada e o armário está erguido e pronto para o uso. A mesma bomba utilizada para encher o colchão de ar, enche o armário inflável para campismo.

4.1 EXTENSÕES

Avaliar a utilização de sistemas de refrigeração para a conservação térmica de

alimentos e bebidas.

Seguindo o caminho da biônica, incorporar compartimentos para acomodação de produtos específicos, como por exemplo, os enlatados, pacotes e frascos.

Referente aos hábitos dos usuários, a habitação provisória nos centros urbanos nos oferece um terreno fértil para o desenvolvimento de produtos infláveis. Muitas pessoas aproveitam oportunidades profissionais e de estudo em outras cidades, e temporariamente se deslocam para fora de seus domicílios. A leveza e o pequeno volume dos móveis infláveis facilitam o traslado de uma habitação para outra.

Anexo 3 - Resolução 104/02

RESOLUÇÃO Nº 104/2002, DE 5 DE DEZEMBRO DE 2002

**Aprova normas gerais para a
elaboração do Regulamento do Trabalho
de Conclusão de Curso - TCC, na forma
do Anexo.**

**O REITOR DA UNIVERSIDADE REGIONAL DE
BLUMENAU, no uso de suas atribuições legais, considerando
deliberações do egrégio Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão -
CEPE – Processo nº 174/2002, Parecer nº 299/2002 -, tomadas em
suas sessões plenárias de 26 de novembro e 3 de dezembro de 2002,**

RESOLVE:

**Art. 1º Aprovar normas gerais para a elaboração do
Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, na forma do
ANEXO.**

Art. 2º Os cursos que já possuem o Regulamento do TCC aprovado, devem adaptá-lo a esta norma, no 1º Semestre de 2003, para execução, o mais tardar, no 2º Semestre de 2003.

Art. 3º Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º Revogam-se a Resolução nº 12/92, de 25 de agosto de 1992, e demais disposições em contrário.

Blumenau, 5 de dezembro
de 2002.

EGON

JOSÉ SCHRAMM

ANEXO

NORMAS GERAIS PARA A ELABORAÇÃO DO REGULAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - TCC

CAPÍTULO I

DO CONCEITO OU DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art. 1º O Trabalho de Conclusão de Curso - TCC é uma atividade obrigatória, quando previsto na grade curricular, que consiste de trabalho final de graduação, abordando temas das áreas de estudo relacionados ao Plano Político Pedagógico - PPP do curso e às linhas de pesquisa da área de formação, desenvolvido de acordo com o disposto nesta resolução e no regulamento de TCC do respectivo curso.

§ 1º O TCC é desenvolvido individualmente ou em dupla, de acordo com o disposto no respectivo regulamento.

§ 2º O TCC é elaborado pelo(s) aluno(s), sob a orientação de um professor, aprovado pelo departamento de sua lotação, por aquele(s) escolhido(s).

CAPÍTULO II

DOS OBJETIVOS

Art. 2º O objetivo Geral do TCC é possibilitar ao acadêmico o desenvolvimento de sua capacidade intelectual, científica e criativa.

Parágrafo único. Os objetivos específicos são definidos no respectivo regulamento.

CAPÍTULO III

DA CARGA HORÁRIA, DA MATRÍCULA E DA FREQUÊNCIA

Art. 3º O regulamento deve prever a carga horária total e os créditos acadêmicos e financeiros do TCC do curso.

Parágrafo único. Os créditos financeiros devem ser compatíveis com os custos de operacionalização do TCC.

Art. 4º A matrícula é feita na data da reserva de vagas, na Fase em que estiver contida na grade curricular de cada curso.

Art. 5º A matrícula no TCC está condicionada ao cumprimento dos pré-requisitos exigidos pelo curso.

Art. 6º A frequência no TCC deve atender aos critérios aprovados no respectivo regulamento.

CAPÍTULO IV

DO INÍCIO, DO DESENVOLVIMENTO E DA CONCLUSÃO

Art. 7º Para iniciar o TCC o(s) aluno(s) se matricula(m) na atividade e, num prazo estabelecido no respectivo regulamento, a contar do início do semestre letivo, encaminha(m) requerimento ao coordenador do TCC, acompanhado do projeto e da declaração de aceitação do orientador.

Parágrafo único. O regulamento deve prever os procedimentos de aprovação e homologação.

Art. 8º Para o desenvolvimento do TCC o(s) aluno(s) ainda deve(m):

I – desenvolver as atividades descritas no projeto aprovado;

II– entregar cópias do TCC, mediante protocolo, ao orientador.

Art. 9º O aluno deve entregar o TCC no prazo estabelecido no respectivo regulamento.

Art. 10. Aprovado o projeto, a sua mudança é permitida, somente mediante a elaboração de um novo projeto, com aprovação do professor orientador e do coordenador do TCC.

CAPÍTULO V

DA ORGANIZAÇÃO

Art. 11. O TCC é coordenado por um Professor do Quadro, o qual atua na área do curso.

§ 1º A carga horária do coordenador é definida no respectivo regulamento.

§ 2º As horas destinadas à coordenação do TCC devem ser cumpridas, integral e obrigatoriamente, nas dependências da Universidade Regional de Blumenau.

Art. 12. O orientador, escolhido pelo(s) orientando(s), deve ser professor da FURB e ministrar outra(s) disciplina(s), no semestre, nesta Instituição.

Parágrafo único. A carga horária do professor orientador e o número máximo de trabalhos por orientador são definidos no respectivo regulamento.

CAPÍTULO VI

DAS ATRIBUIÇÕES

Art. 13. As atribuições do coordenador do TCC devem ser definidas no respectivo regulamento, observados os seguintes requisitos mínimos:

I – coordenar e agilizar o intercâmbio entre entidades, empresas ou setores da FURB, visando a facilitar ao acadêmico oportunidades para o desenvolvimento do TCC;

II – administrar e supervisionar, de forma global, a elaboração dos TCCs, de acordo com o respectivo regulamento;

III - disponibilizar o respectivo regulamento aos alunos e aos professores orientadores de TCC;

IV - estabelecer o cronograma semestral da execução do TCC;

V - encaminhar, aos departamentos, os nomes dos professores indicados para atividades de orientação de TCC com sua respectiva carga horária;

VI - manter contato com os professores orientadores do TCC, informando-os sobre a estrutura, metodologia e apresentação do mesmo, visando ao aprimoramento e à solução de problemas relativos ao seu desenvolvimento e ao acompanhamento da execução dos projetos dos TCCs;

VII - coordenar a apresentação dos TCCs;

VIII – aprovar a banca examinadora;

IX – determinar a forma de entrega dos TCCs aos membros da banca examinadora.

X – receber os termos de avaliação do TCC emitidos pela banca examinadora;

XI - apresentar à Divisão de Registros Acadêmicos da Universidade, ao final de cada semestre, as notas atribuídas aos alunos;

XII - manter arquivo atualizado com um exemplar de todos os TCCs aprovados;

XIII - apresentar relatório, no final de cada semestre, ao colegiado do curso;

Art. 14. As atribuições do professor orientador devem ser definidas no respectivo regulamento, observados os seguintes requisitos mínimos:

I – encaminhar, ao coordenador do TCC, declaração de aceitação de orientação do trabalho do acadêmico;

II - submeter o projeto do TCC à análise dos Comitês de Ética da FURB, quando o tema o exigir;

III – estabelecer e cumprir o horário de atendimento aos alunos nas dependências da FURB;

IV – orientar o aluno e acompanhar o trabalho em todas as suas etapas;

V – contactar com o professor coordenador do TCC para solucionar possíveis dificuldades que ocorrerem no desenvolvimento do trabalho;

VI – receber cópias do TCC do(s) acadêmico(s), encaminhando-as de acordo com o respectivo regulamento;

VII - participar como presidente da banca examinadora e sugerir membros para a composição da mesma;

VIII - estar disponível para participar de mais bancas examinadoras para cada orientando, conforme previsto no respectivo regulamento;

IX - certificar-se se na versão final do TCC todas as recomendações propostas pela banca examinadora foram realizadas, como condição para registro da nota.

Art. 15. As atribuições do acadêmico devem ser definidas no respectivo regulamento, observados os seguintes requisitos mínimos:

I –apresentar o projeto, atendendo ao disposto no respectivo regulamento;

II – escolher o professor orientador e sugerir membros para a composição da banca;

III – elaborar o plano de trabalho e desenvolvê-lo, sob a supervisão do professor orientador, de acordo com o estabelecido no respectivo regulamento;

IV – participar das reuniões e outras atividades para as quais for convocado pelo professor orientador ou coordenador do TCC;

V – respeitar o cronograma de trabalho, de acordo com o plano aprovado pelo professor orientador;

VI – cumprir o horário de atendimento estabelecido com o professor orientador;

VII – redigir o TCC;

VIII – entregar exemplares do TCC ao orientador, até a data pré-estabelecida pelo mesmo, atendendo ao cronograma definido pelo coordenador;

IX – apresentar o trabalho desenvolvido perante a banca examinadora;

X - encaminhar a versão final do TCC ao coordenador, devidamente assinada pela banca examinadora, no prazo definido no respectivo regulamento;

XI – cumprir as normas do respectivo regulamento.

Art. 16. As atribuições da banca examinadora devem ser definidas no respectivo regulamento, observados os seguintes requisitos mínimos:

I – receber as cópias dos TCCs;

II – inteirar-se dos termos do respectivo regulamento;

III – realizar a avaliação do TCC, de acordo com os critérios do respectivo regulamento;

IV – encaminhar os resultados da avaliação ao coordenador do TCC, no prazo máximo de 2 (dois) dias após a sua realização, acompanhados do termo de avaliação.

Parágrafo único. Não haverá remuneração para a banca examinadora.

CAPÍTULO VII

DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - TCC

Art. 17. A estrutura e apresentação do TCC seguem as Normas Técnicas e a Metodologia do Trabalho Acadêmico adotadas pela Universidade Regional de Blumenau, as quais devem estar em conformidade com o que estabelece a Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT.

Art. 18. O TCC deve primar pela autenticidade de sua autoria e veracidade técnico-científica dos dados, cuja falsificação é passível de sanções administrativas e legais.

CAPÍTULO VIII

DA AVALIAÇÃO DO TCC

Art. 19. A avaliação final do TCC é expressa numa única nota, de 0 a 10 (zero a dez), sendo considerado aprovado o aluno que obtiver nota igual ou superior a 6 (seis), satisfeitas as exigências contidas no respectivo regulamento.

§ 1º A metodologia da avaliação é definida no respectivo regulamento.

§ 2º A nota do TCC está condicionada à entrega formal do mesmo, após a apresentação pública, com as devidas correções, se houver.

Art. 20. O número de componentes da banca examinadora do TCC é previsto no respectivo regulamento, observado o seguinte:

I – orientador do TCC;

II – demais membros aprovados pelo coordenador.

§ 1º A banca examinadora é presidida pelo professor orientador;

§ 2º A nota final é a média aritmética simples das notas atribuídas individualmente, pelos membros da banca, ao TCC e à sua apresentação pública.

§ 3º Nos trabalhos desenvolvidos em dupla, as notas da apresentação oral são atribuídas individualmente e a nota do trabalho entregue é comum aos dois alunos.

Art. 21. A avaliação do trabalho entregue é feita com base nos seguintes requisitos mínimos:

I – escolha do tema: relevância e originalidade;

II – desenvolvimento lógico: clareza e precisão de raciocínio nas explicações, contextualização do tema, fundamentação teórica, relacionamento teoria/prática e capacidade de síntese;

III – redação: precisa, objetiva, clara e terminologia adequada;

IV - apresentação: uso das normas técnicas adotadas pela Universidade Regional de Blumenau.

Art. 22. A avaliação da apresentação pública baseia-se nos seguintes requisitos mínimos:

I – domínio do tema;

II – linguagem técnico-científica clara e adequada;

III – seqüência lógica;

IV – habilidade de comunicação;

V – compreensão das questões propostas pela banca examinadora;

VI – clareza nas respostas às perguntas formuladas;

VII – capacidade de reavaliar afirmações.

Parágrafo único. Além dos requisitos mínimos acima, outros podem ser definidos no respectivo regulamento.

Art. 23. O tempo da apresentação pública de cada TCC é definido no respectivo regulamento.

Parágrafo único. Para os TCCs realizados em dupla, cada aluno tem direito a 50% (cinquenta por cento) do tempo disponível para a apresentação oral.

Art. 24. Somente os TCCs com nota igual ou superior a 9,0 (nove) podem ser encaminhados, em meio magnético, à Biblioteca Central da FURB.

CAPÍTULO IX

DISPOSIÇÕES GERAIS E TRANSITÓRIAS

Art. 25. As disciplinas que antecedem ao TCC, cujo objetivo é o desenvolvimento do projeto, devem seguir as diretrizes gerais aplicadas a qualquer disciplina da grade curricular.

Parágrafo único. Os professores orientadores somente são remunerados a partir da homologação do projeto, pelo coordenador do TCC.

Art. 26. Os casos omissos são resolvidos pelo colegiado do curso, ouvidas as partes envolvidas.

Art. 27. As particularidades de cada curso devem integrar o respectivo regulamento, desde que devidamente justificadas pelo colegiado do curso e aprovadas pelo Conselho de Centro.

Blumenau, 5 de dezembro de 2002.

EGON JOSÉ SCHRAMM

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)